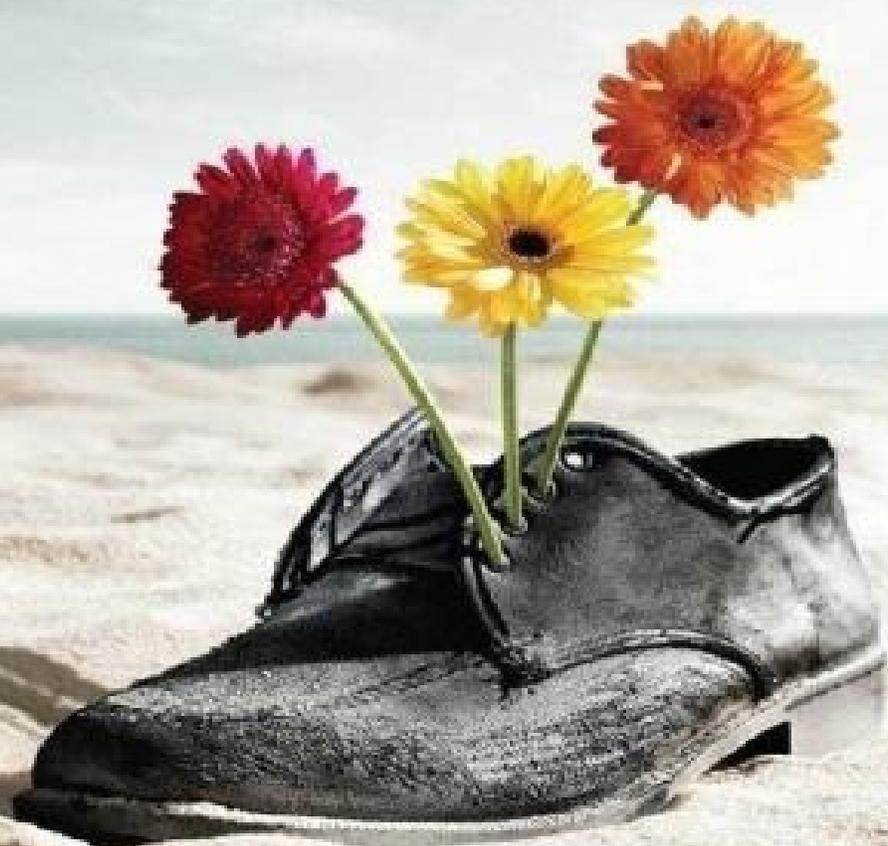


DE UM GRANDE AMOR  
E DE UMA PERDIÇÃO MAIOR AINDA

*Leticia Wierzchowski*

R O M A N C E



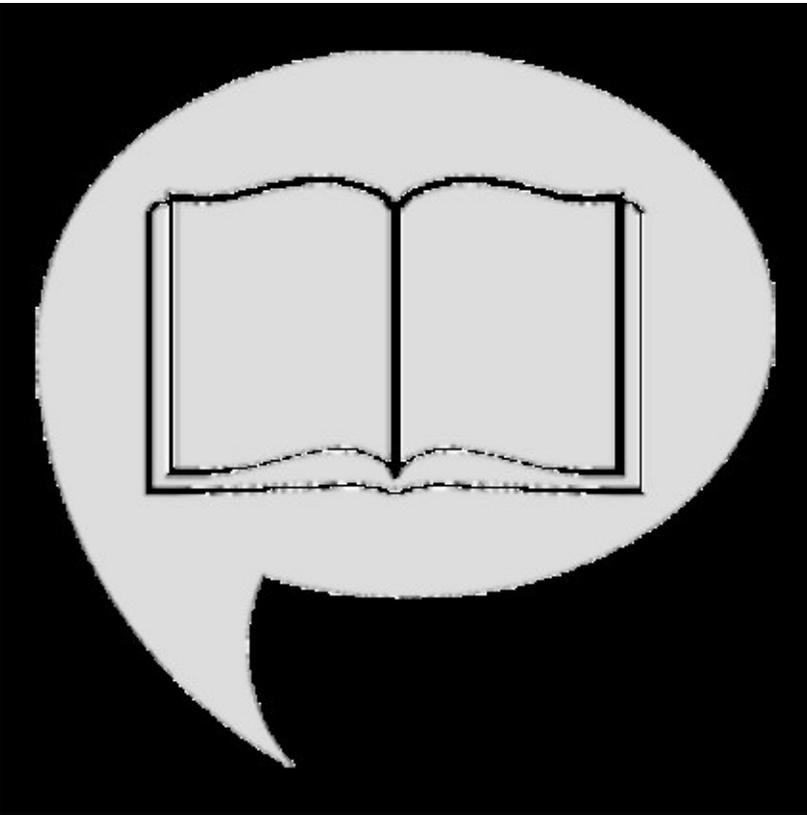


DE UM GRANDE AMOR  
E DE UMA PERDIÇÃO MAIOR AINDA

*Leticia Wierzchowski*

R O M A N C E





B

Bibico Nunes é um mulato de inesquecíveis olhos azuis que coleciona m

ulheres por onde passa, até o dia em que se apaixona por Cecília A

ntônia de Alfierrez, a rica viúva de um deputado. Cecília, percebendo que

e stá prestes a cair num despenhadeiro de amores, cria um sistema de r egras para a sua paixão: um calendário com dias e horas para amar.

C

omo na mitologia grega, quando as deusas do Olimpo disputam o belo

P

áris, filho do rei de Tróia, Bibico Nunes é um mulato ambicionado não

a penas pelas mulheres de carne e osso, mas também pelas mulheres

i mortais, as deusas feitas de areia, de vento e de mar, senhoras do C

andomblé, Iansã, Oxum, Obá e Iemanjá. É um romance divertido, que

c onta a história de um "Páris" brasileiro, cuja paixão o leva a se meter em muitos problemas, até no maior de todos eles, o amor verdadeiro.

CAPÍTULO 1

*Para a maioria das pessoas, Bibico Nunes não havia morrido, apenas desaparecera como por encanto, embora sempre tenha havido muita*

*controvérsia a respeito desse fato. O caso é que, depois de uma noite tal, de um dia tal, a figura de Bibico Nunes nunca mais foi vista pelas ruas de Rio Partido, e nem suas três mulheres, nem seus três filhos souberam precisar-lhe o paradeiro, nem naquele dia nem nunca mais dos dias subseqüentes ao seu sumiço. No princípio, a falta do homem e do pai causou muita confusão e uma grande tristeza; as crianças choravam no pátio o companheiro de folganças e algazarras, o pai risonho, que chegava em casa com os bolsos cheios de doces; as mulheres choravam na cama o amante safado, mentiroso, suave e insaciável.*

*Com o tempo — como não poderia deixar de ser —, a falta de Bibico Nunes foi se atenuando mais e mais, o vendaval transformou-se em brisa pouco a pouco, imperceptivelmente até. Um dia, o sol raiou e a vida voltou ao normal para duas das mulheres e para os filhos do malandro. Bibico virou uma tênue lembrança, às vezes mais forte e vívida, às vezes apagada e distante como um sonho bom — o esquecimento progressivo é mesmo a sina*

*de qualquer um; não seria Bibico Nunes o único a escapar desse fado. Mas para se fazer justiça à memória de Bibico é preciso dizer que uma mulher chorou-o o resto inteiro dos seus dias, e essa mulher inconsolável, desfeita em lágrimas para todo o sempre, foi a viúva do deputado Gomes Alfierrez.*

1.

Dizem as más línguas que Bibico Nunes se esvaiu em gozo numa das muitas noites que gastou suando no colchão de molas da casa de Cecília Antonia de Alfierrez. A senhora em questão era viúva do deputado Gomes Alfierrez, aquele que propôs ao Congresso que se pagasse pensão a todos os

de sobrenome Gomes, independentemente de classe ou profissão, quando

estes completassem sessenta anos (no caso de chegarem a essa idade num

país com tanta pobreza, além de outros males que um narrador de juízo jamais ousaria citar), pelo simples fato de serem esses cidadãos

descendentes de uma família tão numerosa e prolífica como a honra da linhagem dos Gomes. O deputado Gomes Alfierrez, santo homem e político

nem tão santo assim, passou a vida toda tentando aprovar seu grande projeto, baseado no fato de que os Gomes haviam contribuído para o progresso do país muito mais do que qualquer outra família, até mais do que o numerosíssimo clã dos Silva. Pois não houvera um Carlos Gomes, paulista de Campinas, que fora cumprimentado por Verdi em pessoa, que dele disse: “Este jovem começa onde acabo”; e não houvera a grande Elza

Gomes, portuguesa de nascença, é verdade, mas que viera para o Brasil ainda aos onze anos e que brilhara na companhia de teatro Procópio

Ferreira; e não houvera outro Gomes músico, aliás, irmão do maestro Carlos Gomes, e que compusera

belíssimas músicas sacras; e Lima Gomes,

para deixar de lado as artes, aviador dos mais competentes e homem de fibra incansável, valoroso organizador da linha de transporte para os Estados Unidos da América durante a Segunda Guerra Mundial; e Amauri Gomes, grande jogador de bola-ao-cesto — para não dizer que essa gente

não se chega bem aos esportes — e que foi o quarto colocado no Torneio

Jubileu da Federação Internacional de Bola-ao-Cesto em Moscou, três vezes

cestinha do campeonato paulista, três vezes campeão brasileiro

universitário e campeão mundial?

Isso não bastando, não havia no Brasil uma infinidade desses homens

de fibra, inúmeros rostos desconhecidos mas não menos essenciais, todos

filhos desse belíssimo sobrenome — milhares de Gomes nos púlpitos, os Gomes dedilhando máquinas de escrever e violões, os Gomes do alto e os

Gomes de baixo, todos ungidos pelo nobre anseio de pôr para a frente esse

nosso amado Brasil; esse Brasil que, dizia o deputado, deveria ser chamado

de Brasil Gomes da Silva, ou Gomes Brasil, ou, para abreviar que tempo é

sempre dinheiro, Gomil, ou qualquer outra variante que honrasse essa gente da qual também ele, nobilíssima criatura, fazia parte?

Pois muito bem, tanta dedicação e euforia pouco adiantaram ao

deputado Gomes Alfierrez. Quando seu projeto começou a tramitar no

Congresso — antes ainda de fecharem o Congresso —, outros tantos

Amorins, Paivas, Vargas, Pereiras, Rosas, Baratas e até Silvas se

sublevaram, de modo que a brilhante teoria do deputado foi por água abaixo. Enfim, magoadíssimo com o descaso dedicado ao único grande

projeto de sua vida, ele morreu sem ver sua lei aprovada e sem engordar com ela os seus rendimentos, que viraram rendimentos da sua mulher, a viúva sem filhos, dona Cecília Antonia de Alfierrez. A viúva, por sua vez, liberta das amarras daquele casamento monótono — mesmo com um

marido que levava em seus documentos o valiosíssimo sobrenome dos

Gomes —, acabou virando comidinha de Bibico Nunes, o galã, que se chamava Nunes mesmo e era muito boa gente e amante melhor ainda,

como dizem até hoje à boca solta por aí.

Assim, solteiríssima da vida e com rendimentos bastantes para não

precisar virar costureira de madame a uma altura daquelas, dona Cecília saiu do casamento ainda muito bem conservada, aparentando uns quinze anos menos do que tinha, e dona de uma confortável casa no bairro da Pitoba, reduto das famílias tradicionais que viviam na litorânea

cidadezinha de Rio Partido, com seus solares sempre refrescados pelo vento que vinha rodopiando desde o mar. Dona Cecília era mulher bem constituída; de peitos grandes, pele muito lisa, perfumada, de carnes até bem duras para os seus quarenta anos — talvez por nunca ter parido filho

—, e andava requebrando pelas ruas com a mesma desenvolturado tempo

em que fazia o seu *footing* sob a sombrinha de rendas, em busca de um bom marido no qual apoiar a sua vida.

Depois de vinte anos de fidelidade a um esposo pouco a feito ao sexo

(que isso não se diga em boa voz para não ofender esses Gomes todos que

tanto fizeram e fazem pela nossa digníssima pátria), dona Cecília Antonia de Alfierrez decidiu pôr sua vida nos trilhos. Era bem o tempo de ser feliz outra vez, de espanar o pó das juntas e tirar o mofo das entranhas onde ele

se instalara com afinco, ano empilhado em cima de ano. Estava ou não uma

mulher inteirona? Andava na rua e sentia os olhares espichados que os homens lhe deitavam. Até era boa de valsas e boleros, ainda ficava muito bem num vestido decotado e seu rosto tinha lá o seu frescor; gostava de teatro e de filmes, gostava de música e sabia até discutir política — passara longos vinte anos ouvindo o marido discursar pelos cômodos da casa —; não era de todo uma mulher parada no tempo. De jeito que se aprumou toda e foi, numa quarta-feira de lua nova, para um baile no bairro boêmio

de Açores (mais conhecido como “Fundo da Gruta”), bem sentadinha num

carro de praça, espiando pela janela arriada a noite morna e os casais que

passeavam pelas calçadas de pedra com uma calma tão doce que era como se o mundo não fosse alvorecer jamais.

Dizem que o destino dá a linha conforme o ponto, e foi nessa noite mesmo, a primeira da segunda parte da sua vida, que a viúva Cecília Antonia de Alfierrez conheceu, para seu azar e seu deleite, o ex-jóquei, ex-comerciante de aves, ex-crupiê, eterno boêmio e ainda bom bailarino, o mulato Bibico Nunes.

Bibico Nunes, por esse tempo em que a vida colocou a viúva do

deputado no seu caminho, era um homem de trinta e poucos anos, esperto

e matreiro que nem uma cobra, mas manso feito um cordeiro. Freqüentava

os terreiros da praia da Cuanza, amigo que era dos orixás de boa sorte, de

Iansã, de Euá, Ogum e Oxalá e todos os outros que, ora aqui, ora ali, lhe abriam os caminhos. Pois Bibico Nunes era uma criatura de paz; tinha uma

fala arrastada que cantava os esses e os erres, e uma voz macia, quase soprada. Era um mulato claro, com alguma pinta de baiano — aliás, foi na

Bahia que ele veio dar neste mundo —, de cabelos perfeitamente lisos e de

uma nuança dourada que Bibico jurava ser herança de uma tataravó alemã

que brigara com meio mundo para se casar com um ex-escravo do Zaire que acabara virando seu tataravô. Os cabelos de Bibico, se eram fruto dessa

saga romântica, eram também de meticulosas e prolongadas lavagens com

chá de camomila, que ele aplicava, semana sim, semana não, no banheiro da

casa de uma de suas eventuais namoradas, muito, mas muito em segredo, e

com a paciência digna de um santo.

Não fossem já suficientes essas características para fazer de Bibico Nunes um homem de ares exóticos, tinha ele ainda um par de imensos, refulgentes, coruscantes, absolutos, poéticos e pálidos olhos azuis. Pois eram mesmo esses olhos a perdição das moças de Rio Partido e também dos arredores. Os olhos que enfeitavam a frente de Bibico arrancavam suspiros até do além; por eles ansiavam não só as mulheres, como também

aquelas que vivem nas cabeceiras dos rios, sob o manto dos oceanos, nos

ventos, caminhos e mistérios, as deusas que nunca morrem nem nunca nascem. Estavam esses belos olhos cravados acima das maçãs de um rosto

oval, magro, de pele dourada e firme, e eram como dois lagos serenos em

cujas margens nasciam cílios negros e longos como os de uma mulher.

Bastava vir Bibico com seu terno alvo, seu sorriso amplo, safado,

prometedor de suores e ardores, bastava que ele piscasse uma, duas vezes

no máximo, aqueles seus olhos azulíssimos, que a dama já estava esquecida

do mundo, desfeita em suspiros, fruta madura para ser colhida. Foi assim mesmo, unicamente por esses olhares de fogo, que se perderam muitos noivados, casamentos foram desfeitos pela malícia do olho azul de Bibico,

mulheres deram fim aos seus dias de beatas, donzelas se atiraram na lama

e ainda pediram repeteco. E Bibico Nunes lá, firme e forte, seguindo seus dias de bar em bar sem querer duas noites a mesma dama, fosse ela boa ou

má, rica ou pobre, distribuindo sorrisos de roda em roda, dizendo rimas nas noites de cantoria, quando os pescadores se reuniam à beira-mar para

comemorar os peixes da semana, como mesmo contentamento com que

circulava nos coquetéis do elegante bairro da Pitoba.

Colecionando amores com tal faina, Bibico tinha compromissos carnavais

agendados para mais de mês, e era sempre um caso sério encaixar uma mulher nova nas suas madrugadas, tanto que nos períodos de maior

abundância — Bibico não era homem de deixar escapar rabo-de-saia —, amava durante algumas tardes também.

É que ele era um desafeito de coleiras; havia quem comentasse que não

tinha nem mesmo teto, que se aprumava nos jardins alheios e tomava banho em tinas emprestadas, que se barbeava nuns cacos de espelho e que

comprava fiado a sua colônia-de-cheiro, sendo ele muito feliz nessa sua vida sem arreios e levando consigo o que possuía para qualquer lugar aonde fosse. Já outras bocas proferiam que ele tinha casa, claro que tinha,

uma casinha bem bonita até, com flores na varanda e lençol de linho branco

esticadinho sobre a cama, mas que a localização dessa morada era um

segredo muito bem guardado, era quase uma senha secreta, um mistério mesmo; pois se Bibico Nunes revelasse por aí o seu mítico endereço, haveria toda a mulherada de se alvoroçar, despistando maridos para ir estar com o mulato. E ele então perderia a sua última réstia de paz; além do que, seu leito era sagrado — amava em qualquer canto ou recanto, menos

naquele colchão tão alvo e puro, que esse era feito para o sono e tão-somente para isso. De modo que esta era a lei máxima de Bibico: não comia

mulher na sua cama.

Dizem que a vida de Bibico Nunes foi assim mesmo, sem eira nem

beira, uma criatura sem família e sem inimigos, dizem que até mesmo sem

filhos (ele era um homem muito cuidadoso com esses pormenores), uma folha ao vento, um poeta de mão cheia quando estava para fazer rimas de

amor, filho de Euá, que lhe regia espírito e caminho, orixá da força e da delicadeza, e por isso era Bibico

Nunes tão de tudo e tão de nada. Um coração sempre aberto para os amigos, um bêbado que não perdia o charme nem depois do décimo copo, bom de cama e bom de alma, um garfo daqueles, viajante e boêmio, isso tudo até aquela tão falada quarta-feira de lua nova em que conheceu dona Cecília Antonia de Alfierrez, a viúva do deputado Gomes Alfierrez, numa famosa casa de danças lá de Açores, só porque teve a bendita idéia de levar Ana Dora para dançar um bocadinho.

2.

Cecília entrou no salão à meia-luz no exato momento em que a banda começou a tocar “Besame mucho”. Uma dúzia de casais dançava na pista bem encerada, e ela não pôde deixar de abrir um sorriso. Havia muita gente

ali; era verão, e nessa época Rio Partido se enchia de turistas em busca das suas praias de areia branca e do mar verde, verdinho. Os turistas lotavam

as mesas e bebiam o melhor uísque sem fazer contas, e havia um clima alegre e descontraído no lugar.

A viúva estava toda faceira na sua toailete elegante, cheirando a rosas, com seus colares de ouro cintilando sobre o peito e, às vezes, entrando nos esconderijos daquela carne tenra que o decote fundo deixava entrever com fartura. A música, a gente, aquele cheiro de tabaco misturado com perfume,

os risos e os fraques um tanto encardidos que a banda usava, tudo isso causou uma grande emoção na viúva Cecília, que ainda era bonita e coisa

e tal, e ela foi andando, esmiuçando tudo e todos, feliz da vida como havia

muito tempo não ficava. Depois de bisbilhotar cada recanto do salão, as mãozinhas pálidas acompanhando o ritmo da música que vinha do palco (agora era um sambinha), Cecília encontrou uma mesa vaga perto da pista;

sentou-se ali, muito dona de si, sem se importar por ser mulher sozinha em casa de bailes, chamou o garçom e pediu com voz veludosa uma cuba-libre.

— Com muito gelo — disse ela, feliz. — Mas muito gelo mesmo.

O garçom anotou o pedido nuns garranchos quase analfabetos e saiu

para atender a mesa ao lado, enquanto Cecília Antonia de Alfierrez ficava ali, louca de vontade de pôr seus pezinhos calçados em meias de seda para saracotear no salão. A banda agora cantava “Maria”, do Ary Barroso. O

garçom não demorou muito para trazer o copo alto, cheio daquele líquido

escuro e borbulhante que todo mundo bebia e achava muito gostoso.

Cecília provou um gole, disse que estava bom de gelo, era assim mesmo que

tinha pedido; pagou ao homem e exagerou na gorjeta; depois se recostou na cadeira para apreciar a música e esperar que uma boa alma viesse tirá-la

para uma dança.

E estava entretida nisso quando Bibico Nunes adentrou a casa de braço

enlaçado à cintura de uma loirinha miúda e pálida que se chamava Ana Dora e era filha única do mui temido general Mendonça, que jamais imaginaria o paradeiro da sua filhinha naquela noite morna de verão. Pois

Ana Dora, conquanto parecesse frágil e mirrada, tinha a mesma têmpera do

pai e o mesmo gênio afeito a ataques de fúria, e dentro em pouco haveria de

sentar uma bela bolacha bem no meio da cara do malandro Bibico Nunes,

para depois sair correndo e tomar um carro para a Ribeira, jurando nunca,

mas nunca mais mesmo querer vê-lo na vida. É claro que era uma jura vã,

como são todas as juras de amor, porque depois dessa noite Ana Dora não

haveria mais de deixar em paz o mulato Bibico Nunes.

Na primeira olhadela que Bibico lançou ao recinto — ele tinha esse hábito de atentar para tudo e para todos, coisa de caçador de fêmea —, seu

olho azulíssimo e matreiro grudou-se na figura de Cecília Antonia de Alfierrez, com seus cabelos cacheados e brilhantes, de um tom marrom-avermelhado, e um par de peitos tão gloriosos que fariam inveja a qualquer

rapariga de dezoito anos que estivesse por ali. Era uma viúva alegre e bonitona que ele já tinha visto de passagem, e guardava toda a pinta de

estar necessitada de um abraço de homem, ou, pelo menos, tinha um modo de sorrir, um riso largo de dentes brancos, uma volúpia nos olhos pretos,

que davam a entender que era assim a coisa. Bibico percebeu isso sem esforço; ele era um sábio conhecedor das mulheres em geral (e em

particular também), mas não foi esse o motivo que o fez atirar-se à sua mesa ainda naquela mesma hora daquela mesma fatídica quarta-feira em que teria seu pescoço atado à coleira da paixão, tendo já se

livrado da pálida e chorosa Ana Dora. O caso foi que o mulato Bibico Nunes se apaixonou mesmo; quem diria, contra todas as crenças e previsões, contra

quaisquer estatísticas e apostas e teorias, caiu ele de amores por Cecília Antonia de Alfierrez, a viúva do deputado. E foi assim, numa fração de segundo, que Bibico Nunes soube estar doente dela.

Ana Dora estava acostumada a ter todas as vontades atendidas sem

demora. Desde pequenina, sendo filha única, os pais não titubeavam em agradar-lhe: ela pedia uma boneca, ganhava; pedia um cachorro, e no dia seguinte amanhecia dona de um; pedia um macaco e o pai mandava os cabos do quartel até a mata que ficava para os lados do morro da Anunciação. Nada era difícil o bastante para que não chegasse às suas mãos

em, no máximo, dois dias — bem verdade que certa vez ela pediu um camaleão, e o bichinho demorou duas semanas para chegar porque tivera

de ser trazido como carga num navio.

Era, de fato, uma vida monótona, porque, para além da casa, não havia

quem não lhe atendesse os desejos, com medo do temperamento vingativo

do general. Depois do golpe de Estado, então, a vida de Ana Dora caíra de

vez num tédio inominável, e ela achava que ser filha de general era a coisa

mais chata que poderia acontecer a uma mocinha com sede de aventuras numa cidadezinha pacata como aquela. Afinal de contas, as únicas

barbaridades que aconteciam por ali geralmente tinham a mão do seu pai, e

era fato que não se podia comentá-las sob pena de novos e tenebrosos acontecimentos. Porém, isso era coisa que não lhe interessava. Ana Dora queria festas e queria paixão, queria as angústias do amor e o fogo queimando sua carne, mas só encontrava pela frente tímidos colegiais, soldados que empalideciam de medo à sua passagem e homens casados

que não queriam acabar num porão da Ditadura por causa de uns arroubos

mal contidos. Mas tudo mudara quando conhecera Bibico Nunes num

coquetel na casa dos pais de uma colega. Lembrava-se bem da primeira vez

que vira o mulato: ele estava em companhia de uma gringa de cabelos tingidos de preto, cujos brincos de brilhantes pesavam tanto que suas orelhas mais pareciam as de um *cocker spaniel*. De todos os desejos que tivera na vida, nenhum jamais fora tão premente, e Ana Dora Mendonça passara a cobiçar aquele mulato com uma ânsia até então desconhecida.

Não fora o caso de pedir que o pai intercedesse — ela sabia muito bem que

o general era um racista arrebatado e um violento defensor da

estratificação social. Tivera, então, de agir sozinha (bem verdade que contara com a ajuda de três doses de uísque), e alcançara tal desempenho

que, depois de levar a gringa de volta ao hotel, Bibico amanhecera ao seu

lado na praia, jurando que jamais conhecera beijos como os seus. Das brincadeiras nas quais Ana Dora já se metera, aquela sem dúvida era a mais

perigosa: depois daquela madrugada, voltara sorrateiramente para casa com mais do que areia grudada no corpo — passara a se sentir dependente

daquele mulato de olhos azuis. Desde então estava numa roda-viva,

mentindo para os pais com tal descaramento que só o medo de uma reação

do general evitava que algum parente ou subordinado do Exército lhe contasse as malandragens nas quais a filha única andava metida.

Naquela noite, na casa de danças, por distração ou por excesso de confiança, Ana Dora não notara qualquer mudança no seu homem, embora

a mão de Bibico tivesse se tornado fria e úmida dentro da sua; ao contrário, quando percebeu os primeiros acordes de um bolero, puxou-o com tudo

para o meio da pista.

— Vamos dançar, Bibico — ela convidou toda coquete, requebrando o

corpo, enquanto apreciava a elegância do seu mulato de olhos de céu.

Amava-o muito, a ponto de ter brigado com o pai para estar ali naquela noite, pois fugira de um jantar de família. — Vamos, Bibico...

O mulato tomava sua cerveja com ar apatetado, e ela se sentiu

angustuada. Tinha tido uma violenta discussão com o pai, e ele até mesmo

dera a entender que sabia do seu romance e que logo não haveria mais Bibico nenhum para causar discussões naquela casa. Com medo, Ana Dora

ameaçara fugir se o general tocasse num fio de cabelo do seu amado. Mas

como o velho permanecera irreduzível, ela encheu uma bolsa com suas maquiagens e lingerie, limpou a carteira da mãe, para o caso de alguma despesa urgente, e bateu a porta de casa jurando nunca mais voltar. Depois

telefonou para a prima Maristela pedindo para passar umas noites por lá.

Tudo isso porque queria estar com o seu Bibico. Então insistiu:

— Vamos para a pista, Bibico!

Bibico Nunes estava a custo tentando conter a tremedeira que a surpresa do amor desavisado lhe causara nas carnes. A impaciência tornou grave a sua voz macia, e ele disse:

— Agora não, meu docinho. O Bibico está com sede.

Ana Dora não se conformou. O salão estava que era uma beleza de

cheio, a música dava gosto e ela queria dançar, queria aproveitar a vida, queria que alguém tivesse a coragem de ligar para sua casa e contar ao general que ela estava lá, toda prosa, bem grudadinha no seu amor. Insistiu

com Bibico mais um punhado de vezes, primeiro com voz manhosa, depois fazendo biquinho, depois quase aos prantos, e por fim aos gritos:

— Quero dançar, Bibico Nunes! Quero dançar agora, quero dançar imediatamente!

Arrependeu-se no instante seguinte. Toda gente sabia que Bibico

Nunes não era homem de ouvir grito, de aceitar desaforo, mesmo que fosse

desaforo de mulher. Como bom cafajeste que se preza, Bibico Nunes distribuía flores e prendas, derretia sua pequena na cama, rodava com ela

nas pistas, fazia-lhe poemas e tudo mais que um galante deve e sabe fazer,

mas era ele quem mandava, isso era assunto resolvido — era ele quem queria ou deixava de querer. Fora sempre assim e iria continuar sendo. E o

olhar de Bibico Nunes, furioso, embora azul, ardente, acabava de

confirmar-lhe isso.

Ana Dora resolveu usar uma saída de emergência; amaciou a voz e

disse:

— Desculpe, Bibico. Eu me descontrolei. Tive uma cena com o papai agora há pouco e...

Bibico ergueu a mão num pedido de silêncio. Precisava pensar um

pouco, e Ana Dora não deixava. Olhou-a, desgostoso. Não sabia se estava mais irritado com ela ou com aquele queimor que teimava em lhe agitar as

entranhas. Era uma piada que um marmanjo como ele desse uma de pato,

caindo de tremeliques por causa dum rabo-de-saia! Ele, logo ele, que conhecia mulher de tudo quanto era jeito... Mas Ana Dora estava sobrando

mesmo, ele precisava puxar conversa com aquela tal do decote, era hoje ou

nunca — aquele tremor devia significar que a coisa valia a pena...

Assim, o mulato tirou partido do nervosismo de Ana Dora e fingiu uma

fúria muito superior à que sentia.

— Chega — ele disse, e ergueu a voz um tantinho: — Você gritou

comigo, Ana Dora. E aqui no salão, na frente de todo mundo.

A filha do general baixou os olhos e pediu perdão pela primeira vez na

sua vida. E como Bibico não dissesse nada, não a tomasse nos braços como

costumava fazer depois das briguinhas que tinham, ela foi arregalando mais e mais seus olhos castanhos, e, como uma cantilena, repetiu seu pedido de perdão uma dezena de vezes. Mas Bibico Nunes recusou

veementemente qualquer desculpa, e por fim arrematou numa voz firme, à

qual acrescentou uma pitada de mágoa:

— Basta de fiasco, Ana Dora. Melhor você ir voltando para sua casa, a situação aqui já passou do limite.

— Não tenho mais casa. — Era sua cartada final. — Você sabe que, por

you, briguei com o papai.

Bibico tinha bom coração; porém, não se deixou levar:

— Então vá para a casa da sua prima. O seu papai amanhã há de querê-

la de volta. Todo mundo sabe que você é o ponto fraco do general — e dizendo isso, sentiu uma pontinha de medo.

— Mas eu amo você.

— Pois vai deixar de amar. É para o seu bem... — E depois corrigiu: —

Para o nosso bem, pois eu não quero entrar na lista negra do general. Eu nem me meto em política — disse ele, mas sabia que se tinha metido em coisa bem mais importante. — Amanhã a coisa vai estar mais

calma, Ana Dora, e se for preciso, eu mesmo falo com seu pai. Amanhã mesmo. Eu sou um cara correto, e vou dizer pro seu papai que acabou tudo entre nós.

Ana Dora não acreditava no que Bibico Nunes dizia. Gaguejou, retrucando que nada tinha acabado entre eles, que ainda eram namorados, que tinham compromisso sério, e foi levantando a voz e avisando que ia mandar o pai à puta que o tinha parido, que ia virar o mundo de pernas pro ar, que Bibico era dela e ponto final.

As pessoas no salão agora olhavam a cena abertamente, para grande constrangimento de Bibico, que começava a suar sob a camisa bem passada — e suou mais ainda quando percebeu que Cecília também acompanhava o pequeno escândalo e que o fazia sem disfarce, porque adorava brigas de amor, logo ela, que tivera um casamento tão enfadonho.

Assim, querendo acabar com aquilo de uma vez por todas, Bibico tirou do bolso umas notas e meteu-as na mão de Ana Dora:

— Agora vai, meu anjo. Você está precisando tomar um calmante.

Amanhã eu falo com o seu papaizinho. — E empurrou-a para a porta de saída dizendo: — Vai dar tudo certo, tudo bem certinho, meu bem.

Na saída, num gesto de total desespero, Ana Dora Mendonça sentou uma sonora bofetada na cara do mulato Bibico Nunes, e Bibico até que gostou... Ficou de olhos bem fechadinhos, desejando que aquele tapa colocasse no prumo o seu coração atrapalhado, zozinho, envenenado pelo decote daquela mulher que o olhava de longe.

Quando abriu os olhos, viu com gosto que Ana Dora havia desaparecido e tranqüilizou-se. No dia seguinte tiraria o corpo fora daquela arapuca. A filha do general era um piteuzinho, isso era bem verdade, mas ele tinha amor à sua pele, e de mulherzinha gostosa o mundo andava cheio, graças a Deus.

3.

Cecília Antonia de Alfierrez gostou de ver a cena entre Bibico Nunes e sua acompanhante, e nesse deleite sorveu a segunda cuba-libre da noite e

pediu outra. Quando ia pelo meio do terceiro drinque, já achando graça em

tudo que acontecia ao seu redor, foi que Cecília percebeu que o garboso mulato, agora sozinho, estava com seus olhos azuis fitos nela. E vinha em sua direção... Vinha pisando leve, vestido num traje alvíssimo, e vinha sorrindo um sorrisinho torto, sensual até. E vinha com os olhos rebrilhando

mais do que duas estrelas e mexendo os lábios carnudos como quem

sussurrava palavras proibidas e secretas e deliciosas. Cecília Antonia de Alfierrez tremeu um pouco — um tanto de paixão, outro tanto de

embriaguez —, ajeitou os cachos dos cabelos, escorregou na cadeira e chegou à conclusão de que estava realmente bêbada.

Por sua vez, Bibico Nunes empinara três doses de cachaça que era para

ver se recompunha a calma de sempre, mas de nada adiantou. Enquanto caminhava em direção à mesa onde Cecília estava sentada, Bibico notou que não parara de suar, e que tremia levemente e tinha a boca seca. Mas confiou no azul do seu olho, no seu andar de bailarino e nos muitos anos de

prática que tinha naquele seu esporte de caçar rabos-de-saia. Não sabia, é

claro, que quem estava para virar caça era ele próprio, um dia é da caça, o outro é do caçador, todo mundo sabe bem disso, mas Bibico Nunes havia esquecido, e tocou passo para os lados da viúva.

— A dama gostaria de dançar? — perguntou com a sua voz de

declamar poemas. E seu olho azul ardia intensamente.

Cecília sentiu uma angústia no peito, e era angústia de desacostume: fazia muitos anos que não dançava uma valsinha que fosse, pois o deputado

nunca apreciara tais coisas. Mas a bebida ajudou, e Cecília disse que sim, que gostaria muito de dançar. Um instante mais tarde, lá estava ela enganchada em Bibico Nunes, no meio de outros casais que iam ao ritmo de

“El dia en que me quieras”.

Bibico e Cecília dançaram e dançaram, uma, cinco, doze músicas, e

foram de um lado a outro do salão, pés e pernas e olhos alinhados, atrás de

sambas, rumbas e boleros. Bibico só queria saber de apertar entre seus braços aquela carne tenra e farta, cheirosa, aquela pele de leite, aqueles peitos redondos que faziam cócegas no seu tórax e que ficavam pedindo, por favor, para escapar do decote onde estavam glamourosamente

aprisionados. Cecília Antonia de Alfierrez era uma mulher engraçada, doce,

túmida até, estava um pouco bêbada, e assim, no embalo da orquestra e aprumada no peito morno do

mulato, não sentiu vergonha de contar-lhe sua vida inteirinha. Inicialmente, fez isso com algum pudor, disse que era viúva, que o marido fora deputado e coisa e tal. À medida que as danças se

sucediam, sentindo-se mais atraída e corajosa, ela foi falando do seu casamento enfadonho, da falta que sentia dos filhos que jamais tivera, da casa bonita onde vivia numa solidão de dar dó, das manias absurdas de um

marido que rezava o terço inteiro, imagine, toda santa noite antes de dormir.

Bibico Nunes gostou de ouvi-la narrar sua vidinha pacata, e gostou

ainda mais da parte na qual desdenhava o marido morto. Era estranho, mas sentira um certo ciúme do tal defunto, coitado, enterrado a sete palmos do

chão. Ferido por esse sentimento raro, apertava ainda mais a viúva entre seus braços, e ela permitia, derramava-se em sorrisinhos, piscava seus olhos noturnos. Bibico e Cecília dançaram até a exaustão e prosseguiram suas conversas na mesa, um tomando cerveja, a outra tomando cuba-libre,

os dois felizes da vida e trocando velhas recordações.

Sim, parece incrível, mas o galã Bibico Nunes, que traçava uma mulher

por noite (às vezes, até duas) sem perder o charme nem o fôlego, o galã Bibico Nunes estava ali, naquela casa de danças do bairro de Açores, de queixo caído, desfeito em encantos, o olho azul mais azul do que nunca, todo interessado na viúva do deputado Gomes Alfierrez, que Deus o tenha, a

ele que tantos rosários rezou. E Bibico, quando deu por si, estava contando

para Cecília os fatos mais importantes da sua vida tão secreta, vida que ninguém, nenhum garçom, nenhum violeiro, nenhum chefe de jogo do

bicho, nenhum milico e nem mulher podiam precisar com qualquer laivo de

certeza.

Bibico Nunes nascera na Bahia, mas muito cedo sua mãe largara

aquelas praias e seus orixás para tentar a vida na cidade grande, trazendo

pela mão o menino. Ambos moraram no Rio de Janeiro e em São Paulo, e de

tudo que Bibico vivera nos seus primeiros anos na Bahia, ficara-lhe apenas

uma guia de contas vermelhas e outra de contas brancas, que ele jamais tirava do pescoço, a não ser para fazer amor. E assim, em detalhes, Bibico

narrou à viúva a sua infância pobrezinha na serra da Cantareira, onde caçava e vendia passarinhos na beira da estrada para as madames que iam

e vinham das chácaras e casas de campo. E foi de tanto agradar a essas mesmas madames que ele aprendera os gostos das mulheres. Vinha dessa

época a sua sabedoria em usar o poder dos seus coruscantes olhos azuis.

— Eu piscava bem devagarinho — ele contou à viúva —, assim com jeito de ansiedade, e depois arregalava os olhos para o azul se salientar bem.

Cecília estava que era puro dó. Imaginava aquele homem parrudo transformado num menininho frágil que, tirando apenas o detalhe da cor, bem podia ter sido o filho que nunca tivera.

— E dava certo, Bibico? — ela perguntou, curiosa.

Bibico Nunes soltou uma gargalhada divertida. Num instante deixava de ser o molequinho pobre e virava o homem perfumado, galante, sabedor dos segredos femininos.

— Se dava, Cecília... Muita comida eu levei para casa com esse truque.

Acho que, quando eu parti, a Cantareira já nem tinha mais passarinho.

Mandei todos pras gaiolas das madames.

E depois, prosseguiu Bibico Nunes, a vida seguira seu rumo: com a morte da mãe, coitadinha, que se finara de doença, ele deixou São Paulo e

seguiu para Rio Partido atrás de um pedaço de mar para espiar da janela de casa. Nesse tempo (mas isso Bibico não contou à viúva), já estava servindo

de acompanhante para umas senhoras ricas e solitárias, e foi com uma delas que veio dar ali, numas férias de verão. A mulher acabou partindo com seus vestidos de seda e seus anéis de brilhantes, mas Bibico ficou.

Gostava da cidade, gostava do seu calor manso, das longas tardes marinhas,

gostava dos pescadores saindo para o mar, das ruazinhas do centro com seu calçamento de pedras rosadas. Gostava dos *maîtres* dos restaurantes finos, das duas boates, do bulício do bairro de Açores, da prainha onde vivia. Só não gostava dos milicos, disse ele num fio de voz. Ao que Cecília respondeu:

— Mas esses estão em toda parte.

Bibico lembrou do seu enrosco com Ana Dora. No dia seguinte teria que dar um fim naquilo, ou então seria ele o próximo desovado no mangue

do Pororó, que era onde apareciam os defuntos apanhados pela polícia.

Cecília não lhe notou a súbita preocupação; tinha conhecido o passado de

Bibico, disse ela num suspiro, e agora queria conhecer o seu presente. Na

pista tocava um chorinho lindo, e os casais caprichavam nos passos de dança. “E Bibico tinha esposa? Era comprometido com alguma moça?”, quis

saber a viúva. O mulato perdeu um pouco o jeito com a pergunta de Cecília.

Engoliu saliva, avermelhou de leve e depois disse que esposa, esposa mesmo, ele não tinha nem nunca tivera.

— Olha, minha dama, tenho umas namoradas por aí... Sabe como é, sou

homem solteiro. Mas é tudo sem compromisso. A única que me rege hoje em dia é Euá, minha mãezinha guerreira.

E dizendo isso não mentia. Apenas deixava de contar a cifra exata das

namoradas que tinha; porém, agia assim para não assustar a viúva dos seus

amores, e também porque nem ele mesmo podia assegurar com certeza o

número de mulheres que flanavam pela sua vida naquele momento.

Cecília então sorriu o seu sorriso mais ditoso, bebeu o último gole do

seu drinque e retrucou:

— Pois faz muito bem, Bibico, faz muito bem. Casamento só traz

desprazer e monotonia. Aliás, acabei de sair de um, e dos longos. Deus me

livre de outro.

Bibico Nunes foi então se chegando, o coração — um traidor, no fim das contas — deu um estalo forte dentro do seu peito, depois ficou batendo

acelerado por baixo da camisa branca.

— Mas você quer uns chamegos, não quer, minha dama? — ele

perguntou com voz lasciva, e no seu peito o coração ainda falseava.

Cecília encarou tal pergunta com uma alegria sufocante. Riu, deu um tapinha no tampo da mesa, tornou a

rir, depois falou:

— É bem isso que eu quero para a minha vida, Bibico... Um chameguinho bem gostoso.

O mulato assobiou fininho, um assobio muito particular e que todo

mundo conhecia por ali. Um garçom que passava olhou-o, soltando uma risadinha baixa, piscando o olho em sinal de compreensão — o mulato encaçapava mais uma... Porém, dessa vez Bibico Nunes não estava interessado em platéia. Alguma coisa se desencaixava dentro do seu peito de homem safado. Um pino, um músculo, um arremedo de sentimento se soltava da engrenagem...

Ele acabou sua cerveja tentando aplacar a secura da garganta, depois

se achegou bem ao pescoço de Cecília e sussurrou:

— E esse chamego aí que a dama quer, será que pode ser com este nego que vos fala?

Cecília Antonia de Alfierrez, viúva do nobilíssimo deputado Gomes

Alfierrez, mulher prendada que falava francês e até tocava umas valsas no piano, que viajara pela Europa e lecionara Geografia nos seus tempos idos,

sentiu que um fogaréu queimava-lhe as entranhas, e imediatamente uma onda de suor brotou-lhe por todos os poros do corpo. Assim, meio num sonho, foi que respondeu:

— Ah, pode sim, Bibico. Era exatamente isso que vinha me passando pela cabeça.

E depois disso corou brutalmente.

Bibico Nunes pagou a conta daquela bebedeira com um sorriso no

rosto e não pediu troco; sumiu de braço dado com Cecília, os dois bem juntinhos, um segurando a emoção e a bebedeira do outro. Tomaram um carro de praça rumo à casa da viúva, que ficava numa ruazinha arborizada

e tranqüila do bairro da Pitoba, casa essa que em outros tempos fora o orgulho do deputado, mas que naquela fatídica noite de um amor nascente

haveria de tremer nos alicerces, haveria de arfar, embalada nos gemidos de

Cecília e de Bibico Nunes, engolindo os muitos gritos dos amantes com um

silêncio digno de cal e de cimento.

Foi aquela uma noite memorável para todos, até para a casa que vivera

os amenos tempos do deputado Gomes Alfierrez; tanto mais para a viúva, pobrezinha, tão carente de

experiências aproveitáveis nesse inexpugnável

terreno da prática sexual, e que caiu assim — tardiamente pura — no colo de um amante feito Bibico Nunes. Até mesmo para o mulato aquela foi uma

noite para ficar na memória em lugar de destaque. Porque depois de tantas madrugadas de amores com não sei quantas mulheres de todos os tipos e gostos e temperamentos e manias, foi com a viúva (uma mulher já madura e até mais velha do que ele) que Bibico Nunes experimentou a surpresa de ter seu agreste coração aprisionado.

4.

A casa pertencente a Cecília Antonia de Alfierrez era rodeada por um imenso jardim que lhe garantia as tardes sombreadas e um perene olor de

flores vagueando preguiçosamente pelos amplos cômodos de cortinas

rendadas. Havia também um pomar onde macieiras, pereiras e goiabeiras

davam frutos. A propriedade ocupava um quadrilátero de grandes

proporções rodeado por uma sebe e cujos limites eram orientados por quatro mangueiras centenárias que, muitos anos atrás, o avô do deputado

plantara com suas próprias mãos, para não dizer que os Gomes também não se chegaram à jardinagem.

Cravada bem no âmago desse enorme terreno ficava o solar que Cecília

herdara com a morte do esposo. Era uma construção de paredes brancas, grande e esparramada, que possuía um corpo sólido e retangular dividido

em dois andares. No térreo ficavam as salas, de visita, de música, de leitura e de jantar, uma cozinha ampla que se abria para o pomar bem cuidado, um

banheiro de ladrilhos azuis onde repousava uma gigantesca banheira que o

deputado dizia ter vindo de Portugal especialmente para os banhos de imersão da sua falecida avó, e que, de tão grande, parecia a Cecília uma pobre baleia encalhada naquele lago de cerâmica anil. No térreo também

ficava a varanda, que era fresca, repleta de vasos floridos e recheada de cadeiras de palhinha branca e de mesinhas com tampo de vidro — era na

varanda que a viúva costumava gastar as tardes quentes de verão

pensando na sua existência vazia. Subia-se ao andar superior por uma escada larga, com degraus forrados de madeira escura, e lá em cima a casa

guardava dois quartos amplos e arejados: o do casal, com sua cama de dossel tão pouco desfrutada, suas poltroninhas de cetim rosado, o banheiro

claro e fresco e uma minúscula varanda florida de amores-perfeitos. O

quarto de hóspedes, com suas paredes de tecido listrado, quase nunca fora

usado, porque o deputado era homem de família pequena e de poucas intimidades. Também no andar de cima ficava a saleta de costura onde Cecília fazia vestidos e bordava toalhas para os eventos de caridade do Clube de Regatas e Desportos de Rio Partido.

As salas do piso térreo pareciam quatro irmãs caladas — pouca coisa

experimentava-se entre as suas paredes, e a criada tirava o pó dos móveis

mais por hábito do que por necessidade, já que Cecília não costumava receber visitas além de uma sobrinha que vivia em Minas e que vinha vê-la

duas vezes por ano. A sala de leitura não era mais do que um cômodo onde

uns duzentos títulos de romances se enfileiravam, sem mais ordem do que

a emoção que haviam causado em Cecília, nas grossas prateleiras de uma antiga estante de mogno. Havia ali um sofá de couro escuro e macio, que mais aprazia para dormir do que para ler, e uma secretária com cadeira combinando, na qual se sentara o nobre deputado nas inúmeras tardes que

gastara redigindo febrilmente o seu projeto de lei tão mal compreendido.

Dessa saleta, saía-se para um corredor, que pela esquerda ia dar na cozinha

e pela direita ia dar nas outras salas. A cozinha era grande, recoberta de azulejos claros, com um fogão a lenha e uma mesa onde podiam comer seis

pessoas, mas onde ninguém comia, a não ser a criada, Dona Nega. Era um

lugar aprazível, com seus vidros de compota e potes de biscoitos caseiros,

onde as janelas abertas deixavam ver a alegria colorida do quintal. O pomar

era um brinco, um primor de jardinagem que em tempos idos fora o *hobby* do deputado e que então era o *hobby* da molecada do bairro, que não perdia oportunidade de pular a sebe em busca de goiabas maduras. Seguindo o corredor pelo caminho oposto ao da cozinha, chegava-se à saleta de música,

um dos lugares prediletos de Cecília e onde ficavam todos os seus panos de

crochê, almofadinhas de rendas, santos de altar e retratos de família. No meio disso tudo, um piano já

sem verniz, mais para desafinado do que afinado, vegetava em conformado silêncio. Nele, Cecília ainda tocava algumas modinhas sem nome que conhecia desde menina, umas canções de

Chiquinha Gonzaga, uma única valsa de Chopin que sabia pela metade, e

“Tão longe de mim distante”, música do célebre maestro Carlos Gomes que

a viúva apreciava, apesar das inúmeras vezes que fora obrigada a tocá-la para os ouvidos sempre ansiosos do deputado Gomes Alfierrez.

Deixando para trás a saleta de música e as fartas recordações que ela

trazia, do outro lado do corredor encontrava-se a sala de jantar. Era um cômodo imponente, com suas janelas amplas por onde o sol adentrava, a comprida mesa de dez lugares, os pesados candelabros de velas virgens, o

tapete persa, o lustre de cristal e as cadeiras de espaldar alto, forradas de veludo escuro. A sala de jantar guardava um pó eterno, resistente aos achaques de limpeza de Dona Nega, pois ali não se jantava desde umas bodas de Cecília, uns dez anos atrás, e quatro antes da morte do deputado.

Cecília não se lembrava de usar muito aquela peça triste, e talvez por isso

ela permanecesse como que encantada; porém, houvera uma noite célebre,

quando Getúlio Vargas em pessoa prometera cear com os Gomes naquela exata sala. Mas Getúlio jamais aparecera, vítima de sucessos mais urgentes,

de modo que o deputado permanecera de fraque por horas a fio, mesmo depois que Cecília e Dona Nega já se tinham deitado e toda a criadagem contratada para a noite fora dispensada, porque não conseguia acreditar que ficara a ver navios depois de haver gasto uma pequena fortuna para receber Getúlio — e logo um Gomes experimentando tal desfeita!

Finalmente, a última peça do solar era a sala de estar. Ali batia o coração da casa, dali se viam as flores crescendo no jardim, e a buganvília

se enroscando nos pilares da varanda. Era uma peça clara, que em certos dias recebia as aragens que vinham do mar. Ali Cecília era quase feliz, ouvindo discos e lendo seus livros sobre amores açucarados; ali Dona Nega,

toda tarde, achegava-se de mansinho para enumerar as fofocas que ouvira

na feira. A sala tinha meia dúzia de sofazinhos; numa das paredes ficava um

grande retrato de Cecília à época das suas bodas, muito jovem, um tanto magra, de uma boniteza cheia de viço, olhando atônita para a câmara com

seus grandes olhos pretos, com seus cabelos cor de pau-canela tão cheios

de vida como se quisessem fugir da prisão daquela fotografia emoldurada.

Depois disso vinham a varanda e o jardim, amplo, colorido, verdejante,

úmido, cuidado com primor por um jardineiro de alcunha Seu Filó, homem

magro, para não dizer raquítico, muito calado e com um cigarro de palha eternamente pendurado da pelanca que era sua boca, já passado da

juventude havia muito. Pois Seu Filó trabalhava na casa da viúva três vezes

por semana, da manhã ao entardecer, e em alguns dias, após o batente, ainda tinha fôlego para uns chamegos clandestinos com Dona Nega, mulata

gorda, desbocada, cheia de afeto pela patroinha, que viera trabalhar na casa dos Alfierrez apenas alguns anos após as bodas, vivendo desde então num regime de poucas tarefas e de muitas tardes à janela, salivando de amores

pelo taciturno Seu Filó, que a atendia conforme seu humor sempre

precário.

A calma da casa se alterou com a súbita chegada de Bibico Nunes, que, a princípio, viera dar ali por uma única noite. Descobriu-se mais tarde, para espanto de todos, mas principalmente de Cecília, que o mulato de olhos azuis mostrava desejos verdadeiros de ficar para sempre, muito bem

acomodado entre as carnes fartas da viúva, dando apenas uma eventual

escapadinha, conforme mandassem os ventos da sua alma inquieta.

Não que Bibico almejasse os bens de Cecília ou a beleza sólida da casa

centenária, pois não era homem de colocar preço na sua liberdade. Ao contrário, tivera sempre aos seus pés todos os tipos de mulheres, e as ricas não lhe faltaram; vinham sempre no começo de cada temporada de verão,

oferecendo-lhe dinheiro, passeios de barco, mordomias e roupas de luxo em troca de uns amorezinhos mais assíduos e de uma eventual aliança no

dedo anular direito. Mas Bibico sempre soubera sair pela tangente — era uma alma sem pouso, era um desafeito de poleiros e queria voitar por aí de

cima para baixo e de baixo para cima. Gostava mesmo era de sua vidinha simples, da casinha de duas peças lá na Lagoinha, da cantoria dos pescadores, da lua prateando o mar. Gostava de viver nos bares bebendo a

sua cachacinha, tocando uma viola aqui, escrevendo uma rimazinha ali, beijando uma pequena acolá. Gostava de estar em paz com todo mundo, e

tinha medo de milico porque não era bobo, de modo que evitava assunto sério com mulher casada (no máximo duas noites, e depois um adeus lacrimoso), e assim vivia em relativa paz, ganhando uns tostões

fáceis com

as gringas que vinham conhecer aquele paraíso e encontravam outro,

dentro das cuecas daquele mulato de olhos de anil.

Por Cecília, Bibico sentira uma coisa muito diversa das muitas coisas já

sentidas por ele — e era um misto de ardor e de carinho, era uma agulhada

no peito, uma alegria pincelada de desespero, um desejo mesclado de adoração, uma mistura de fome e saciedade. Era um calor que lhe descia feito um caldo pelas entranhas, um aceleração cardíaca, uma preguiça de seguir em frente, para a sua casinha na praia, para a sua batucada no terreiro, para os braços das outras, as que constavam na agenda e pagavam

em dólar. Era um abismo que o assolou sem piedade no exato momento em

que Bibico Nunes acordou, cutucado por Cecília, ainda exausto dos

impensáveis amores da madrugada, e ela disse:

— Acorda, Bibico. Já é manhã alta e você precisa ir embora.

O mulato se revirou nos lençóis macios, abriu os olhos devagarinho, e ao ver aquelas formas graúdas, aquele perfil marmóreo, aquela diva

envolta em sedas cor de açafão, cabelos soltos pelos ombros, sentiu que caía num buraco sem começo nem fim. Por um momento ficou quieto,

respirando sem fazer ruído, evitando até mesmo pensar. Um suor úmido assomava-lhe à pele, e ele riu meio sem jeito, achou até que se urinara como se fosse um velho caduco. Enfiou então a mão para dentro dos lençóis. Notou com alívio que estava seco; a umidade, brotando dos poros,

corria agora por suas coxas, molhava a sola dos seus pés, manava-se da alma, e não do sexo murcho que descansava, inocente e exausto, no abrigo

das cuecas.

— Ir-me embora, Cecília? Mas por quê? — perguntou, ainda amolecido

de sono e de susto.

A viúva entregou-lhe um sorriso, revelando a fileira de dentes

luminosos como pérolas. Pequenas rugas surgiam ao redor dos seus olhos

escuras, porém davam-lhe um aspecto ainda mais vigoroso e sensual.

— O sol vai alto. Não fica bem você estar aqui, Bibico Nunes.

Bibico fez cara de manha, puxou os lençóis até o pescoço e retrucou, os olhos azuis brilhando:

— Pois eu não quero ir. — E se sentia como uma criança pedindo para gazetear a escola.

— Mas vai — respondeu Cecília.

— Mas não quero.

— Ah, mas vai...

Cecília suspirou fundo. Seu peito se inchou de ar, depois foi diminuindo mansamente, levando os seios fartos outra vez para o refúgio da camisola

de seda um pouco gasta, enquanto Bibico olhava esse espetáculo com os olhos outra vez baços, emocionados. A viúva se ergueu, ajeitou o dossel, e

caminhando pelo quarto, disse:

— Olha, Bibico, vou ser sincera com você. Esta foi a melhor noite da minha vida. Juro mesmo. Você nem imagina a falta de apetite do meu Gomes, que Deus o tenha, coitado.

Suspirou, recordando-se do marido defunto, e por via das dúvidas fez o sinal-da-cruz. Depois retomou o assunto: era já manhã alta, e Bibico tinha que partir.

— Mas você não gosta do seu nego? — gemeu o outro.

A viúva riu com prazer, um riso alto e límpido que escondia a leve angústia que começava a dominá-la. Embora o quisesse ali, ao seu lado, sabia que ele devia partir para o bem dos dois. Gostava demais de Bibico para deixá-lo fartar-se dela com tamanha facilidade.

— Você tem que ir — disse ela suavemente. — Você não nasceu para marido, criatura. Você nasceu para enfeitiçar as noites.

Ele arregalou os olhos e perguntou:

— Mas e se quero enfeitiçar também os seus dias?

Sob os lençóis, o mulato se livrou das cuecas com suas mãos ágeis, pulando da cama, nu em pêlo, com uma agilidade felina que provocou um

susto em Cecília.

— Guarde essa sua espada dentro da bainha — ela pediu com a voz seca, recompondo-se enquanto lutava para não ceder ao sopro do desejo.

— Você vai embora, Bibico Nunes. E não adianta fazer chantagem comigo.

Bibico caminhou até ela e a abraçou, enroscando seu corpo naquela

carne macia e perfumada. Deleitou-se por alguns instantes naqueles nichos

palpitantes, correndo os dedos sobre a pele da viúva, enquanto ela se mantinha quieta, pensativa. Só o coração acelerado é que dava mostras de

ela estar ali, sentindo seus carinhos.

— Qual é o problema, minha flor? Você tem medo de ficar malfalada?

Cecília achou graça:

— Deixe de bobeira, Bibico. Não sou uma menininha igual àquela de ontem à noite... A última criatura que eu temia nesta minha vida está muito

bem enfiada numa cova já faz tempo. Em mim, mando eu e mais ninguém.

— E para ter certeza, repetiu: — Eu e mais ninguém.

Cecília não tinha medo de fofoca de vizinho; não tinha medo de nada e

não queria mais cabresto. Era dona do seu nariz, pensou ela, o rosto ardendo de súbita irritação.

Bibico Nunes achou-a ainda mais linda com as faces afogueadas pela ira. Excitado, colou-se nela outra vez, apalpando aqueles seios pesados e mornos.

— Então me deixa ficar. Se você não tem medo de fofocas, então está

tudo resolvido.

Cecília começava a gostar daqueles carinhos, mas soltou-se do mulato

com um safanão e falou com voz firme:

— Coisa nenhuma, Bibico Nunes. Você vai embora em cinco minutos.

Venha à noite quando quiser. Se eu deixo você aqui por um dia inteiro, amanhã já estará botando uma coleira em mim... Eu conheço o seu tipo. Não

que você seja mau, Bibico, mas você é incurável.

Assim, apesar de todos os rogos e beijinhos, Bibico Nunes partiu da casa da viúva antes que o relógio da

sala desse a sétima badalada. Foi seguindo pela ruazinha ensombreada, muito elegante no seu terno branco,

com o passo gingado de quem tinha um eterno samba tocando dentro da alma. Só quem o conhecesse muito bem, só aquele que pudesse decifrar o

segredo dos seus olhos marítimos é que haveria de dizer da tristeza que lhe

escorria, impalpável como uma outra sombra, seguindo-o pelo caminho. A

viúva do deputado, ainda de camisola e cara lavada, ficou acenando da varanda para o mulato que partia num misto de alegria e consternação, sem se importar com os olhares de estupor que uma vizinha madrugadeira

lhe lançava duas casas mais para baixo.

Bibico Nunes foi embora com classe, posudo feito um lorde, mas não teve um instante de paz durante o dia inteiro. Assobiava uma melodia e se

esquecia do fim, tomou café sem açúcar quando odiava amargor, dobrou na rua errada. Comeu peixe com camarão na barraca do Seu Agenor, a mais famosa barraca da Lagoinha, mas achou a comida com gosto de algodão.

Pensando em Cecília, deixou-se ficar espiando o mar sentado numa pedra,

enquanto os barcos dos pescadores iam atrás do peixe de cada dia.

E Bibico ainda estava lá quando eles voltaram com as redes cheias, primeiro o barco do Nhô Neto, depois o barco do Piturico, depois o Genaldo, depois o Guarabira e o Constâncio. A molecada da Lagoinha, que

ficava de brincadeiras pela praia enquanto seus pais saíam para a lida, espantou-se com a apatia de Bibico Nunes: o malandro era sempre uma lasca de vida pulsando entre eles, e gostava de jogar bola com os meninos e

de ajudar os adultos quando eles voltavam do mar. Mas naquela tarde Bibico ficara olhando a lenta passagem das nuvens como se elas fossem barcos que vagassem no céu. Até mesmo quando o menor dos meninos, a

quem Bibico tratava com grande consideração por já ter tido uns chamegos

com a mãe dele muito tempo atrás, chegara-se pedindo para ouvir uma história (e Bibico era danado de bom para contar histórias), o mulato dissera-lhe que estava vazio.

— As histórias não querem saber de morder a isca hoje.

O caso é que só pensava na viúva. Naquele seu cheiro de coisa rara, naquela carne palescente, naquela boca vermelha e morna. Era como se ela

tivesse se enfiado dentro dele, inteirinha.

O menino, que fitava Bibico com curiosidade, disse então: — Acho que você tá é ficando velho, Bibico. Isso aconteceu com o meu avô uma vez.

O mulato se interessou:

— Isso o quê, Xico?

— Essa cara de bobo — disse o menino. — Foi assim que meu avô ficou certa vez.

— E depois?

— Depois ele morreu e a gente enterrou ele.

Bibico Nunes se persignou, assustado. Aquilo não era doença nem era velhice (ele tinha só 32 anos), aquilo era amor. E por isso é que era tão grave.

Dispensou o molequinho e ainda sentado no mesmo lugar, viu os

pescadores limpando os peixes do dia, aspirou o ar acerbo que lhe chegava

às narinas, e a custo foi cuidar dos seus poucos afazeres, sentindo-se um homem condenado aos piores tormentos imagináveis.

5.

Cecília Antonia de Alfierrez cumpriu sua rotina ao pé da letra, como se

nada houvesse sucedido na sua vida, nem a noite de amores, nem o fato de

ter corrido de sua casa o único homem que já lhe despertara paixão. Mesmo

assim, estava com uma nova aparência, mais viçosa e disposta, os olhos iluminados, e das cinco cubas-libres que tomara na noite anterior não lhe

tinha ficado o menor sinal.

À hora do café, percebendo que a patroinha tinha alguma coisa

diferente, um quê de alegria escondido nos seus olhares, Dona Nega ficou

matutando o que poderia ter acontecido por ali; aqueles olhos brilhosos, aqueles suspirozinhos que Cecília soltava entre goles de café eram muito vistosos para serem desconsiderados. Como era muito fuxiqueira, lascou:

— E esse sorriso aí, dona patroa, esse brilho nos olhos tem fundamento

nuns barulho que eu ouvi ontem à noite?

— Fundamente não, Nega. A palavra certa é fundamento. E barulhos, no plural — corrigiu Cecília, ignorando o resto do comentário.

A outra retrucou: fosse lá o que fosse, fundamento ou fundamento;

afinal, tinha ou não tinha? Cecília não sabia se ria ou se mandava a empregada ter mais respeito e incuidar da roupa suja — o lençol precisava

mesmo de uma visita ao tanque —, mas, como sempre, deixou que o bom humor prevalecesse e respondeu:

— Pode ser que sim, pode ser que não. Estou feliz porque tive um sonho bom.

Dona Nega cortou um naco de bolo, mastigou com pressa e engoliu.

Depois fez cara de riso, e seu rosto gorduroso inflou-se.

— Tá muito bem, dona patroa. Hum-hum... Eu vi o seu sonho bom

descendo a rua hoje bem cedinho. Cruzei com ele quando voltava da padaria.

Cecília não se conteve:

— Cruzou com ele, Nega? E o que você achou?

— Bem, o mulato era um brinco, apesar daquele cabelo esquisito,

cabelo de gente branca. Mas, vá lá, era um pedaço, como se diz por aí. Só tem uma coisa...

— O quê, Nega?

— O deputado deve de estar se revirando lá na cova dele, coitadinho...

Imagina, a patroa se roçando com um preto! Preto claro — ela analisou —,

mas preto mesmo assim. Nem quero pensar... Boniteza como aquela não pode dar em boa coisa, dona patroa.

Cecília esvaziou sua xícara, pousando-a suavemente no pires; pensou

em rir de tais considerações, mas sentiu subitamente uma pontada de dor

de cabeça, um restinho da bebedeira da noite anterior. Levantou-se da mesa para buscar um comprimido e disse:

— Foi-se o tempo em que o deputado mandava em mim, Nega. E preto

por preto, você também é bem escurinha.

Dona Nega deu de ombros:

— Mas eu sou do lar. Quanto ao seu chamego com aquele mulato, as vizinhas logo vão começar a comentar — e dizendo isso, pôs-se

imediatamente a recolher a mesa do café, dando a conversa e a refeição por

encerradas.

Cecília Antonia de Alfierrez saiu da cozinha e foi para a varanda. Dos lados do mar vinha uma brisa fresca e o céu estava de um azul puríssimo.

Quedou-se pensando nas coisas que Nega lhe dissera, mas o caso é que Bibico Nunes não lhe saía da cabeça um instantinho que fosse: estava ela ali, acomodada no seu recanto predileto, um livro aberto no colo, sentindo

o cheiro adocicado dele dançar nas suas narinas, vendo o olho que ele tinha, azulzinho, azulíssimo, cristalino... Ah, que mulato! Como é que reputação poderia valer alguma coisa diante de um sentimento assim forte?

Não valia nada. O que realmente importava — e isso não haveria de esquecer — era que Bibico podia ser perigoso. Um precipício... E não seria

ela a cair assim, para morrer estatelada lá embaixo.

Então, Cecília Antonia de Alfierrez, que casara virgem com o deputado,

que tocava piano nos saraus do clube e ajudava nas festas de caridade, que

falava espanhol e ainda arranhava alguma coisa no francês, que tomava *lemon tea* e mandava vir sua maquiagem do Rio de Janeiro, que tivera certa vez a sua mão beijada por Getúlio Vargas em pessoa, essa senhora tão bem

de vida que nessas breves linhas se resume, analisou minuciosamente sua

existência como quem examina a bainha de um vestido novo. Foi assim que

chegou à conclusão de que, naquela manhã de quinta-feira, naquele

memorável mês de janeiro daquele estranho ano de 1965, iria mandar tudo

isso às favas, tudinho mesmo, iria mandar longe a cidade de Rio Partido inteirinha se preciso fosse, mas daria continuidade aos seus amores com Bibico Nunes dentro dos planos que tinha traçado. E seria muito feliz, ah,

como seria... E azar de quem pensasse o contrário.

— Mas casar não vou — disse Cecília para si mesma com voz firme. —

Casar eu não caso. De agora em diante, nenhum homem põe cabresto em mim.

E em homenagem à sua decisão, pôs um samba para tocar na vitrola e

sentou-se no sofá enquanto a música enchia a sala, saindo pelas janelas para alegrar também o jardim. Sentia-se realmente feliz, agora que

esclarecera as coisas na sua cabeça — nem de longe imaginava, coitadinha!, as muitas lágrimas e os sustos que lhe reservava o futuro...

Na cozinha, Dona Nega começou a cantarolar baixinho enquanto

pelava tomates para o molho.

A noite ainda não tinha caído de todo quando Bibico Nunes, refeito dos

pavores que haviam transtornado o seu dia, parou em frente à campainha

do portão de Cecília Antonia de Alfierrez naquela mesma quinta-feira em que ela tinha tomado a inabalável decisão de ser feliz.

Vinha alegre, o olho azul reluzia outra vez o seu brilho de pedra preciosa, e trazia na mão um trio de rosas vermelhas graúdas, lindas de se

ver. Difícil encontrar rosas tão bonitas no lugarzito onde as comprara, mas

tinha olho bom para achar mercadoria de qualidade, e essas rosas não lhe

escaparam ao exame, mesmo estando num balde cheio de água suja

juntamente com outros quarenta botões amarrotados. Pois Bibico estava faceiro com suas três rosas e com a perspectiva de rever Cecília — e o pior

era isso, pensava ele, essa faceirice incontrollável. Nunca antes levara flores assim, fora de hora, para qualquer das damas do seu plantel. Nem para Fifi,

que era vedete e francesa, nem para Catarina, a rica filha de um industrial

paulista que certa vez caíra de amores por ele, nem para Larissa, que lhe dera a virgindade, nem para Amapola, ou Laura, ou Ana Luíza ou Bianca ou

Maria Aparecida. De modo que foi pasmo consigo mesmo que ele pousou o

dedo fino e longo na campainha do portão de ferro do número 133 da Rua

das Amendoeiras — ele, Bibico, imerso na terrível dúvida de ceder ou não

àquele amor que podia ser paraíso ou perdição. Com seus olhos

coruscantes, azulíssimos, lindamente pálidos contra sua pele morena,

Bibico Nunes pensava: “Toco, não toco, toconãotoco, toconãotoconãotoco...”

E por fim decidiu-se: “Já que vim, vou tocar”, e antes do arrependimento eterno, apertou com toda a força o botãozinho de metal escuro.

Na cozinha, a poucos metros dali, Dona Nega preparava um frango assado com batatas e uma torta de morangos, enquanto se derrengava toda, indo e vindo do forno para a mesa, da mesa para o forno, sob os olhares insípidos de Seu Filó, que, sentado no degrauzinho da varanda, comia compenetradamente seu prato de feijão com arroz. Dona Nega

tentava convencer Filó a acompanhá-la ao cinema para ver um filme de amor quando o toque da campainha interrompeu o curso dos seus

argumentos.

— Virgem! — bradou Dona Nega. — Que campainha barulhenta... — E

depois, já corroída de curiosidade: — Mas quem será o diacho de criatura

que veio bater à porta na hora do jantar?

Limpou as mãos engorduradas no avental que lhe circundava a cintura

avantajada e lançou um sorriso para Seu Filó — que, para bem da verdade,

não estava lá muito interessado em outra coisa que não fosse o seu prato de

comida — e foi ver quem chamava no portão.

No andar de cima, mergulhada na banheira de água morna e com

espuma até o pescoço, Cecília Antonia de Alfierrez nem percebeu que tinha

visita. Vinte minutos depois, ela surgia na sala, perfumada e fresca, e qual não foi o seu espanto ao encontrar Bibico Nunes bem sentadinho na sua poltrona preferida, bebericando um copinho de licor. Contendo seu

assombro, ela disse:

— Pelo visto, Nega deixou-o bem à vontade.

Bibico sorriu-lhe, erguendo o copinho de cristal:

— Licor de pitanga, minha dama, e sabe que tem o seu perfume?

Cecília sorriu; na verdade, sentia-se nervosa como uma colegial cujo namorado visita pela primeira vez a casa paterna. Mas uma parte dela exultava de contentamento: Bibico Nunes parecia perfeitamente

adequado

àquela poltrona, àquela casa; era como se ele, desde sempre, merecesse

haver estado ali. Assim, guerreando dentro de si, duas Cecílias mediam forças, examinavam-se, calculavam estratégias, enquanto, ainda parada no

mesmo lugar, a viúva não conseguia se decidir entre beijar o mulato ou expulsá-lo de vez da sua vida.

Como Bibico não podia adivinhar o que lhe ia pelo espírito, ao terminar

seu licorzinho, ergueu-se e foi agarrando a viúva com aquelas suas mãos macias, com aqueles braços de polvo... E assim, beijando-a aqui e ali, resolveu ele mesmo a questão: ficava para o jantar.

— Não pude deixar de pensar em você o dia inteiro, Cecília.

— Sou uma espécie de ressaca — ela disse.

Bibico retrucou:

— Você está mais para uma maré alta que invadiu a minha praia. — E

dizendo isso, resgatou de um aparador as rosas vermelhas. — E eu não quero nunca a chegada da vazante.

Cecília recebeu as flores e viu que tinham um tom de vermelho denso,

quase sanguíneo.

— São lindas, Bibico. Mas você não venha me dizer que não faz isso para todas...

Bibico Nunes entregou-lhe um sorriso:

— Você é mais desconfiada que milico, minha dama. Eu sou lá homem

de firulas? Comigo é preto no branco — e riu, pensando que aquilo sim, servia para eles dois, preto no branco, tão básico e eterno quanto um bom

prato de feijão com arroz. — Se eu não quisesse, não vinha até aqui.

Ela baixou os olhos, espiando as marcas do tapete persa, levemente puído pelos anos. Mas Bibico prosseguia:

— Você pode até não acreditar, Cecília, mas tirando minha mãezinha,

que Deus a tenha, eu nunca dei buquê de flor para mulher nenhuma. Até hoje... — gemeu.

— Não deu? — e sua voz se açucarava um tantinho. — Não deu

mesmo?

— Nunquinha — ele respondeu, mirando fundo nas duas lagoas que eram os olhos escuros dela. E depois acrescentou: — Mas já recebi. Várias

vezes, até.

Cecília desatou numa risada fresca e divertida. Por isso gostava

daquela sem-vergonha que estava ali, todo bonito e emproado, com aquela

cara que era um tanto malícia e outro tanto ingenuidade, o cabelo estranhamente loiro a coroá-lo como uma auréola. Por isso passara o dia todo ansiando por ele e temendo-o ao mesmo tempo.

— Você é fogo, Bibico. Mas eu aprecio muito a sua sinceridade, depois

de anos casada com político.

— Pelo menos o deputado era de direita. Senão você poderia estar em

maus lençóis. Todos os dias, nos jornais...

Ela o silenciou, achegando-se e depositando um beijo leve no seu rosto:

— Não vamos falar em tristezas.

— Você tem razão, minha dama. Aqui nesta cidade as paredes têm

ouvidos — e abraçou-a com força, cafungando-lhe o cangote perfumado.

Cecília deixou-se ser farejada e acarinhada, mas alguma coisa se agitou

dentro dela, como uma moeda caindo no assoalho, tilintando ao rolar para

debaixo de um móvel. Enquanto Bibico passava as mãos pelos seus cabelos,

enquanto a língua dele percorria os segredos da sua boca, uma parte dela

se ocupava daquela moedinha imaginária, e foi só quando Dona Nega

entrou na sala, que Cecília encontrou o que estava procurando.

— Ele fica para jantar, patroa? — perguntou a empregada.

— Fica, sim. Pode pôr mais água no feijão — disse Cecília.

— Não é feijão, dona patroa. É frango assado.

— Melhor ainda — intrometeu-se Bibico Nunes.

Cecília dispensou a Nega com a desculpa de que trouxesse uma garrafa

de vinho branco bem gelada e duas taças, e assim que a sua figura bamboleante desapareceu no corredor, ela quis saber:

— Se você tem tanto medo de se queimar, por que é que brinca com fogo, Bibico?

O outro olhou-a sem entender. Não estava tão dócil havia pouco? Toda carinhos e beijos... E agora aquilo. Mulher era um bicho aluado mesmo.

— Não estou lhe entendendo, minha dama. De que é que você está falando agora?

— Quem tem medo de milico não anda com filha de general... — ela respondeu, séria. — Bem que eu tinha uma sensaçõzinha de que conhecia

aquela rapariga de ontem à noite. E conheço, Bibico Nunes, lembrei agora.

Eu a vi num chá beneficente do clube. Tão comportadinha que só vendo.

Não parecia mesmo aquela doida de ontem à noite...

Bibico garantiu-lhe que aquilo estava acabado e enterrado. Ademais, quando conhecera Ana Dora, não podia imaginar que ela era filha do general Mendonça.

— Afinal de contas, eu tenho amor à minha pele.

A viúva deu de ombros:

— Pra sair vivo dum rolo desses, só casando, Bibico. Vai ver que é por isso que você tem tanto medo de ler os jornais. Os mortos sem nome que aparecem em dias alternados encalhados no mangue do Pororó não deixam de servir de aviso...

Bibico empalideceu.

— Eu pus uma pá de cal em cima disso, Cecília. Acredite em mim.

— Espero que a única pá de cal dessa história seja essa.

— E vai ser, minha dama, vai ser... — gemeu o mulato.

\*

Depois de se fartarem com o jantar preparado por Dona Nega, tendo Bibico afogado seu medo com três taças de vinho branco, voltaram os dois

para a salinha onde tinham começado a noite. Ali terminaram a segunda

garrafa de vinho, e após o último cálice, ambos sentiram a onda de fogo que lhes brotava da carne, misto de amor e bebedeira, e ficou decidido que era

hora de subirem para o quarto. Um instante mais tarde, pulavam de dois em dois os degraus da escada entre gemidos e sussurros.

Àquela altura, Dona Nega já havia saído, porque também era filha de Deus Nosso Senhor, como dizia sempre, e não economizara esforços para convencer Seu Filó a acompanhá-la ao cinema. Toda noite, depois de servir

o jantar da patroa, Nega ouvia a novela radiofônica chorando meia dúzia de

lágrimas sentidas, conforme andasse o enredo da história, e depois se perfumava de água-de-colônia e ganhava o mundão lá fora. Quando tinha sorte e bons argumentos, levava Seu Filó consigo — o programa então era

andar pela praia silenciosa e ficar contando estrelas no céu. Seu Filó gostava de estrelas quase tanto quanto gostava de flores, mas às vezes Nega conseguia levá-lo ao cinema ou a um boteco para tomar umas

cervejas.

Sozinhos na casa imensa, Cecília e Bibico puderam se amar sem

cuidados, e o fizeram com gosto e paciência, janelas abertas para a brisa que vinha do mar. Depois de afogados os anseios, deixaram-se ficar na velha cama de dossel onde tantas vezes o deputado sonhara com a sua glória política; Cecília se cobria só com o lençol e Bibico se entretinha na brincadeira de descobri-la: queria vê-la inteira, sob o pálido luar que entrava pela janela.

— Eu sabia que você viria hoje — disse a viúva de repente, sentindo a

mão morna que lhe roçava a pele.

O mulato pousou nela os seus olhos azuis. Cecília notou-lhe o rosto simétrico, de uma beleza generosa, os lábios polpudos, o nariz afilado, a pele marrom-clara, lisa e bem tratada.

— Pois eu não sabia que vinha — disse Bibico. — Quando dei por mim,

estava lá embaixo tocando a campainha. O resto do meu dia não foi mais do

que um devaneio.

Cecília não teve o que dizer. Sabia que Bibico Nunes não estava preparado para amar; mais do que qualquer homem, ele era uma folha ao

vento, um solitário. Porém, desde o primeiro instante, quando ele viera ter com ela na casa de danças, havia compreendido que os dois ficariam juntos por muito tempo.

Bibico interrompeu-lhe os pensamentos:

— Como você soube que eu viria outra vez? Hoje cedo você tinha me mandado embora, e eu não sou homem de me dobrar.

Ela sorriu no escuro.

— Eu senti que você voltaria... Foi algo assim como um repuxo no meu ventre, um aviso que eu recebi de mim mesma.

Bibico tinha os olhos úmidos, e seu olhar era derramado, longo, sincero.

— E agora, minha dama? — ele perguntou, correndo a ponta dos dedos pelas costas dela, parcialmente banhadas de luz. — O que fazemos, se eu amo você e você me ama?

— Só tem um jeito. Ficaremos juntos até quando não der mais. Depois, cada um refaz sua vida.

O mulato sussurrou:

— Você está muito amarga, Cecília.

— Oh, não se trata de amargor, mas de lógica. A eternidade só existe embaixo daquela pá de cal, Bibico Nunes. Mas há um jeito para tudo.

Bibico não sabia se ria ou chorava; ele, logo ele, filho de Euá, uma alma sem pouso, estava irremediavelmente preso a uma mulher, enredado até a

alma nos seus cabelos de seda, naqueles cachos avermelhados, aqueles cachos de fogo... Rendia-se a ela sem muito lutar, e o que ela lhe dizia parecia ser a grande verdade que, sem saber, ele andara procurando durante todos aqueles anos. Assim, como um menino obediente, quis saber:

— Mas que jeito é esse, Cecília?

A viúva olhou-o com serenidade. Parecia muito senhora de si na sua

nudez de madrepérola, cintilando na semi-escuridão do quarto como uma jóia rara que alguém tivesse

finalmente resgatado da prisão de um cofre.

— Vamos fazer uma escala de dias — ela disse. — Uma escala que deverá ser respeitada tanto por mim quanto por você.

— Que escala é essa, criatura? — e Bibico Nunes, antes disputado a tapas e cruzeiros, não podia realmente acreditar que se enamorara de uma mulher que estava estipulando dias para amá-lo.

Cecília explicou-se com muita calma, e parecia a professora que havia sido tantos anos atrás, falando pausadamente como quem fala a uma criança. Na verdade, já vivera suficientemente para conhecer os perigos aos quais o amor se expunha. Aquilo era como uma vacina, uma imunização contra a dependência e o tédio, duas coisas mortíferas para o amor. E assim

ela seguiu falando: não havia vivente em Rio Partido que não conhecesse a fama de Bibico; ele mudava de mulher como mudava de camisa — às vezes até mais rápido. Pois ela, que vivera vinte anos dormindo e acordando ao lado do mesmo homem, ela conhecia todos os estragos da rotina. Ele que não a olhasse com aqueles ares de pidão, de menino que tomava uma carraspana; estava sendo boa, estava sendo justa, estava sendo sábia.

Assim, de modo que ambos pudessem prosseguir suas vidas, ver-se-iam às segundas, quartas, sextas e aos sábados à noite. Esses dias e turnos deveriam ser seguidos à risca, sob pena de severas punições.

— Se numa quinta-feira você estiver morrendo de saudades, segure a paixão até sexta. O mesmo farei eu. Haja o que houver, não podemos nos encontrar fora dos dias marcados.

Bibico Nunes estava pasmo:

— E se eu for atropelado por um carro numa terça-feira?

— Mande me avisar, mas eu só irei vê-lo no dia seguinte.

— E se eu estiver ardendo em febre num domingo?

— Chame outra, meu amor. Ou chame o médico, que será muito mais

eficaz.

Assim Bibico Nunes seguiu, criando infinitas hipóteses e infortúnios, que Cecília rechaçava com férrea determinação — determinação esta, aliás,

que haveria de fazê-la cumprir o acordo ao pé da letra durante toda a vida,

e depois da morte também.

6.

E foi assim mesmo que a viúva do deputado Gomes Alfierrez arranjou o

seu amor: em atas, cláusulas, parágrafos e artigos. Talvez a longa convivência com um esposo metido na política e afeito a leis e discursos tenha sido responsável por essa regulamentação amorosa tão despudorada

e inútil; talvez o medo da paixão tenha empunhado a caneta que redigiu tal

documento de amor. Sabe-se lá; o que se sabe é que depois de uma longa

conversa, quando a noite estava já por clarear e virar dia, naquela exata hora em que o céu se tingia de carmim, Cecília encheu com sua letra graúda

páginas e páginas de um tratado sexual que demarcava os dias e as horas

exatas de se amarem. De acordo com seus termos, aquele era para ser um

amor de segundas, quartas, sextas e noites de sábado — nada mais, nada menos do que isso. Mas a vida não segue normas ou leis, e o amor (numa

clara rebelião contra os termos acima acordados) virou ânsia e desejo e volúpia. Virou amor cultivado pela saudade, lapidado pelos dissabores, esaldado pela experiência e adoçado pelo desejo. Amor que melindrava senhoras idosas e enciumava mocinhas; amor que arrepiou ainda mais a carapinha de Dona Nega, porque era amor mui diferente daqueles das damas lacrimosas que ela escutava nas radionovelas.

Apesar disso, a partir do momento em que o sol se instalou no seu lugar de direito e inaugurou assim um novo dia, entraram os dois na rotina

cuidadosamente planejada pela viúva. A princípio, a coisa aconteceu com cuidado: Cecília escolhia o cardápio dos jantares que faziam juntos, aprumava-se com vestidos novos cheirando a perfume francês, mandava

espanar a casa e pôr flores nos vasos. Bibico também tentou levar o acerto

à risca: chegava sempre às seis e meia em ponto, trazia rosas ou bombons,

ou fosse lá o que fosse, para não bater à porta de Cecília com as mãos abanando e com todo o seu imenso ardor a saltar dos seus absurdos olhos

azuis.

Com o passar do tempo, esse amor sofreria os seus abalos e escalaria

suas montanhas (ah, esse terreno íngreme e perigoso da paixão não

conhece garantias suficientes...). Nasceriam dias em que Bibico chegaria atrasado aos seus encontros com a viúva, tropeçando de bêbado ou sujo de

batom. Mas sóbrio ou enfarado de cachaça, pulando dias por causa deste ou

daquele compromisso, estava Bibico Nunes sempre à porta de Cecília

Antonia de Alfierrez, porque se alimentava da sua seiva e com ela sonhava

seus melhores sonhos. E o mulato esteve sempre ali, no melhor ou no pior,

em busca de carinho ou consolo, com presentes ou mentiras, a despeito das

fofocas da vizinhança ou dos reproches dos amigos de outrora. Em certas

noites, foi recebido com beijos e gemidos e afagos; noutras, acabou enxotado como um cão sem dono.

Houve até certa vez em que foi expulso

com medidas extremas: um balde de água fervente preparado por Dona Nega a pedido da patroa. De outra feita, foi corrido a vassouradas, para logo depois ser aceito entre beijinhos — mas isso são desavenças de casal... O

que conta mesmo é que foi na casa de Cecília que Bibico Nunes pediu guarida até mesmo na memorável noite em que fugiu do próprio

casamento para gastar nos braços da viúva do deputado aquela que seria a

sua noite de núpcias.

Esses dissabores viriam todos com o passar do tempo, mazelas que só

ele sabe impor aos amantes, de modo que seguimos através da estreita linha dos acontecimentos cronológicos, remexendo em cada um deles,

alvoroçando lembranças, até chegarmos ao fim inesperado deste amor, até

chegarmos à noite do desaparecimento do mulato de olhos azulíssimos, amado por mulheres e protegido por orixás, que pôs a perder a imaculada

reputação de três irrepreensíveis damas da sociedade local. Sendo assim, ainda faz pouco que estas juras de amor foram trocadas e que estes quatro

dias da semana foram estipulados como sendo os oficiais dessa paixão tão

incomum.

Assim, na manhã seguinte ao frango assado, que deu vez ao amor

carnal, que deu vez ao trato dos dias alternados e das noites de sábado, partiu o mulato Bibico Nunes da casa da viúva Alfierrez, tão bem apessoado

como chegara na noite anterior, com seu terno de linho branco, sua camisa

de manga curta bem passadinha, seus cabelos loiros recém-penteados e seu

bolso vazio de malandro sem emprego fixo. Foi-se saracoteando pela Rua das Amendoeiras, levando dinheiro contado para o almoço, o olho

azulíssimo espiando o céu que ameaçava chuva.

Em casa ficara Cecília, que do portão acenava para o seu amado, sem se

importar com os vizinhos nem com os olhares que lhe lançava o afiador de

facas, que por acaso andava amolando lâminas por ali. Na cozinha, Dona Nega reclamava entre os dentes: e não é que tivera de passar a camisa daquele mulato sem-vergonha? Se a coisa seguisse daquele jeito, logo ela teria que lustrar-lhe os sapatos e preparar-lhe comidinhas. Mas coisa nenhuma!, pensava Dona Nega, ela não se enganava com o brilho de vidro

daqueles olhos azuis; sabia que a patroa estava se enfiando em desgraça, e,

por isso, pensava enquanto sovava a massa de um pão doce, por isso pensava em ter uma conversa franca com Dona Cecília, coitadinha, inocente

feito um daqueles anjinhos de sacristia.

7.

Naqueles dias, Ana Dora Mendonça andava de um lado para outro na

casa dos tios, e nada havia que a distraísse dos seus dissabores. Como era

mesmo que a sua vida descarrilhara de tal forma? Apenas uma semana antes, todos os seus desejos eram atendidos: a uma palavra, qualquer das

empregadas da casa tratava rapidamente de alcançar-lhe fosse o que fosse,

de comer ou de vestir; e para os outros anseios, sempre houvera o pai. A mãe, pensava Ana Dora à janela do sobradinho desconjuntado, não passava

de uma sombra sem contornos muito definidos, uma mulher passiva diante

dos desmandos do marido e dos caprichos da filha única e que tinha o hábito de se deixar calar (nos

raros dias em que manifestava alguma insatisfação) por um regalo que o esposo mandasse trazer das lojas para turistas que ficavam no Centro. Assim, sendo a mãe uma criatura amorfa que, se não ajudava, tampouco interpunha-se entre ela e o mundo, e sendo

o general aquele homem vaidoso do poder que nos últimos tempos

alcançara, sua vida sempre havia sido fácil na maior casa da Vila do Exército, onde o pai era tido como uma espécie de rei, e ela,

conseqüentemente, de princesa.

“Ou de rainha”, ponderou em voz baixa, vendo passar ao longe o

leiteiro, porque era verdade que a mãe preferia o conforto do quarto e dos romances que devorava sem descanso. Nos eventos sociais, Ana Dora

acompanhava o pai. E tinha jogado tudo aquilo fora por causa de Bibico Nunes! A casa, o quarto amplo, o guarda-roupa cheio, os sapatos de cetim,

tudo. Por causa de Bibico, ousara contrariar o general (única forma de sair

derrotada em uma contenda), e tivera de refugiar-se na casa da prima, onde

era preciso arrumar a própria cama, lavar e passar a sua roupa, e ainda por

cima ouvir as reclamações diárias da tia Efigênia, cujo marido, quitandeiro, vivia, com muito aperto, de vender verduras e frutas aos endinheirados do

bairro da Pitoba. Era bem verdade que sua mãe mandava-lhes dinheiro eventualmente (Ana Dora vira alguns recibos na gaveta da cômoda da mãe), mas mesmo assim a tia Efigênia parecia sofrer com aquela boca a mais, com o arzinho altivo da filha do general, que não gostava da comida e

só fazia suspirar pelos cantos por causa de um amorzinho malogrado.

Era essa injustiça que mais incomodava a moça: o fato de amar, e amar

tanto, sem receber qualquer compreensão dos outros. Já não bastava o pai

ainda não ter vindo buscá-la? A mãe ligara umas quantas vezes querendo notícias da filha, e numa dessas chamadas tia Efigênia se queixara das finanças, porque a vida andava uma carestia e a sobrinha era acostuada

com o bom e o melhor... Do quarto, Ana Dora ouvira aquelas lamúrias e imaginara a insossa da sua mãe correndo ao banco para mandar mais dinheiro para a irmã... Falara com a mãe nas primeiras vezes que ela telefonara, e pedira-lhe que intercedesse junto ao pai. Mas o general mandara dizer-lhe que só a aceitaria de volta mediante suas desculpas, e que o caso daquele namoro tinha tudo para terminar mal. Aquilo fora a gota d'água, e Ana Dora parou de atender o telefone. Mas a verdade é que

não ousara contar o que havia se passado entre ela e Bibico para ninguém,

a não ser para a prima Maristela. O safado do mulato desaparecera feito uma corrente de vento quando alguém fecha uma porta. E era bem verdade

que, nesse caso, seria simples ligar para o pai e pedir-lhe desculpas. Mas

não. Ela jamais faria isso; não deixaria Bibico escapar tão facilmente, não permitiria que ele a deixasse assim, sem mais nem menos, como quem come uma banana e joga a casca fora.

O leiteiro parou seu carrinho junto ao portãozinho verde e bateu

palmas. Da janela, Ana Dora não fez menção de mover-se; apenas olhava-o

como quem vê um peixe num aquário, como se qualquer comunicação

entre aqueles dois mundos, o seu e o do leiteiro, fosse impossível. Depois

de um tempo que lhe pareceu interminável, de tanto o homem bater

palmas, ela chamou a prima:

— Maristela, tem gente no portão!

Maristela veio da cozinha e foi atender o vendedor; nem por um

momento incomodou-se com o fato de a outra não ter ao menos se

levantado da cadeira para abrir a porta. Já estava acostumada com aquela

equação: Ana Dora era a prima rica, a que tinha as melhores bonecas, os vestidos caros, os cabelos loiros, os caprichos incontáveis; ela apenas crescera naquele quintalzinho apertado, indo com o pai até a chácara três

vezes por semana, arrancando legumes do chão, atendendo no balcão da quitanda quando Dona Efigênia passava mal da gota. A prima era

caprichosa e estava sofrendo de amor. Sendo assim, foi com um sorriso macio que atendeu o leiteiro, negociando uns centavos na compra de quinze litros de leite para fazer o doce que a mãe vendia no

estabelecimento da família.

Quando voltou para casa, suada do calor que fazia na rua, a prima ainda suspirava à janela. Parecia uma atriz diante de uma platéia vazia, e Maristela, sem saber por quê, sentiu pena dela.

— Você está muito abatida — disse à prima.

Ana Dora mirou-a:

— Três dias e nem uma notícia do Bibico. Como você queria que eu estivesse?

— Vai ver ele ficou doente...

A outra cutucou com a ponta dos dedos os vidros da janela, depois disse:

— Eu conheço bem a doença do Bibico, Maristela. Não é nada disso que você está pensando. Ele não é um moço direito, desses que noivam no sofá.

Ele é o oposto. — Suspirou, saudosa, e disse, amansando a voz: — Imagine o homem mais bonito do mundo... Imaginou?

— O Clark Gable — respondeu Maristela.

A outra devolveu-lhe um risinho de escárnio.

— Nada disso. Eu não pedi pra você imaginar um almofadinha.

Esquece o bigodinho fino, essas coisas. O Bibico é um homem de verdade.

Com os olhos azuis do tamanho de dois ovos de codorna... Ah, e como sabe tratar uma mulher!

— Espere um pouquinho... O Clark Gable sabia tratar muito bem a

Vivien Leigh! — defendeu-se a outra. — Ele a pegava desprevenida,

exatamente assim como o Bibico está fazendo com você.

As duas conversavam na sala, enquanto tia Efigênia metia o rosto pelo

vão da porta da cozinha, conferindo o colóquio sem muito interesse. Desde

que Ana Dora não sumisse de casa... Era bem verdade que prometera ao general um relatório diário das andanças e do comportamento da filha.

Fora uma troca justa, dona Efigênia tinha certeza, e não iria prejudicar a sobrinha (e nem eles). Ademais, o Barbosa, seu marido, estava mesmo precisando de uma forcinha para abrir outra quitanda pros lados da Vila do

Exército. E o general tinha prometido assinar aquela liberação...

Finalmente, suspirou dona Efigênia, depois de tantos anos enrolando, fora necessário a desmiolada da Ana Dora se meter com um desclassificado para o homem pegar a caneta e assinar a papelada! E olhando as duas moças que conversavam perto da janela, chegou a sentir certo carinho pela sobrinha, que, de um jeito ou de outro, estava ajudando-os a melhorar de vida.

— Vocês duas aí — ela chamou com sua voz mais carinhosa —, querem

um suco de manga?

As moças agradeceram. Ana Dora retrucou que não comia manga, pois tinha alergia; dona Efigênia, ainda tomada pelo enlevo da nova quitanda atulhadinha de milicos comprando verduras, nem se incomodou com a

negativa, mas sumiu para o quintal, onde uma pilha de roupas a esperava

para ganhar o varal.

— O Clark Gable sabia tudo sobre mulheres — prosseguiu Maristela.

— Você está sendo muito injusta... Tem até mesmo uma cena no filme em que Gable deixou a Scarlett O'Hara esperando durante meses até ele voltar.

Ana Dora se interessou:

— E o que aconteceu depois?

— Bem, eles acabaram casando. E tiveram até uma filha, a Bonnie. —

Suspirou tristemente: — Mas ela acabou morrendo num acidente com um cavalo, igualzinho...

Ana Dora a interrompeu:

— Chega disso, criatura! Que história mais triste. E como eu já disse, você não conhece o Bibico. Aquilo sim é que é homem, homem de verdade,

não esses personagens de cinema pelos quais você se apaixona. E o Bibico

não é como o seu noivo, aquela lombriga branca que passa horas vegetando

nesse sofá.

Maristela suspirou fundo. Bem verdade que o noivo era um sujeito

quieto, mas pelo menos não lhe dera um passa-fora; ao contrário, vinha toda noite às sete em ponto, e logo mais estaria ali outra vez, enquanto Ana Dora só faria chorar na cama improvisada que a mãe lhe arrumara,

emagrecendo dia a dia, pálida de tanto mal amar. Enquanto isso, decerto o

general já tinha posto a polícia política atrás daquele tal Bibico, e talvez seu olho azul do tamanho de um ovo de codorna estivesse mesmo era vendo o

Todo nojento lá do mangue do Pororó, considerou Maristela com pena.

Nada disse, porém. A prima rica, a prima pobre, a vida era assim.

— Você fala mal do Edu — ela retrucou por fim —, mas ficar chorando na janela não vai resolver coisa alguma.

— Mas o que eu faço, então? Você tem alguma idéia brilhante?

Maristela abriu um sorriso.

— Corra atrás do seu homem antes que outra mulher o abocanhe. Ou até mesmo antes que o general mande fazer alguma coisa com ele...

Ana Dora deu um pulo:

— O papai não faria nada! Eu nem lhe dei o nome do Bibico.

— Ora, prima, não é preciso ensinar um padre a rezar. A uma altura dessas...

— O papai é um homem bom! Ele não faria isso comigo... Maristela se

achegou, penalizada. Não era surda aos boatos que corriam sobre o general,

mas também não era boba; e se a prima desse com a língua nos dentes sobre aqueles seus comentários?

— Bem, eu só estava levantando as hipóteses... E se você diz que esse

seu Bibico é homem da noite, que anda pelos bares, que isso e mais aquilo,

talvez até seja comunista. Talvez ele já esteja na lista do seu pai. — Fitou-a e viu um leve aturdimento naqueles olhos castanhos e úmidos: — Você sabe se o Bibico é comunista?

A outra deu de ombros:

— A gente não fala de política quando está junto... Você não conhece o

Bibico; nenhuma mulher consegue nem mesmo pensar ao lado dele. —

Depois o nervosismo voltou-lhe, e ela segurou as mãos da prima entre as suas: — Mas você tem razão, Maristela. E se o papai levantou a ficha dele?

Ele joga no bicho. Ele freqüenta lugares que o papai desaprova... Ai, meu Deus, e se alguma coisa acontecer com o Bibico?

Porém Maristela estava com uma ideiazinha nascendo. Era verdade

que o general Mendonça era temido e era perigoso; o pai falava dos mortos

lá no manguê, de uns professores sumidos, de umas histórias que nem se

podia repetir... Mas ele não era um louco, ele não se metia com a própria família. Ao contrário, não tinha feito de um irmão o secretário de Obras Públicas de Rio Partido, e o outro não era chefe do gabinete econômico da

Prefeitura? Se Bibico fosse parente do general, o mulato estaria livre de perigos imediatos, mas como não tinham nascido na mesma família, só havia um jeito. E assim ela gritou:

— Genro! O Bibico precisa virar genro do titio Mendonça! Ana Dora não entendeu a princípio. Como Bibico viraria genro do seu pai se ele tinha

sumido, se não queria mais namoro com ela? Maristela sorriu-lhe

docemente. Tantos filmes de amor, tantos romances lidos nas tardes

monótonas da sua adolescência, tudo isso guardara uma finalidade: era boa

de enredos como ninguém, de modo que explicou minuciosamente sua

idéia para a prima, e à medida que falava Ana Dora ia ficando mais e mais

contente. Quando terminou, disse:

— Viu? É fácil. Basta um encontro. Ele pode não querer namorar você,

mas não resistiria à tentação de uma noite de pecado.

A outra bateu palmas de satisfação.

— Você tem razão, Maristela! O Bibico jamais resistiria...

— Basta ser o dia certo.

Ana Dora soltou um gritinho de satisfação. Faltava apenas descobrir o

paradeiro do mulato. O resto era planejamento.

— Você me ajuda? — perguntou.

Maristela respondeu:

— Como eu poderia não ajudá-la?

\*

Sem imaginar os dissabores e a angústia que Ana Dora estava vivendo

(na verdade, o mulato praticamente havia se esquecido dela), Bibico Nunes

e Cecília tratavam de viver aquela paixão inesperada. Depois de ficarem um

dia inteirinho longe um do outro — pois a quinta-feira não constava do trato dos amores que ambos tinham assinado —, na sexta Bibico veio dar à

casa da viúva. Depois de alguns beijos sob a lua, no jardim, os dois entraram em casa, subiram as escadas correndo, arrancando a roupa do corpo, rindo e sussurrando segredos recém-inventados, até se esconderem

do resto do mundo. (Deitada no seu quartinho perto da cozinha, Dona Nega

podia ouvir os amantes, e seus gemidos roubaram-lhe completamente o sono.)

Cecília Antonia de Alfierrez e Bibico Nunes aproveitaram cada instante

daquela noite de sexta-feira, noite constante no trato amoroso dos dias alternados, e assim Cecília pôde gemer tranqüilamente, sem medo de

perder sua alma para aquele homem que a tocava com dedos de mágico. Já

amanhecia quando se entregaram ao sono. No andar de baixo, Dona Nega

despertara de mau humor, e o barulho das panelas retumbando parecia uma orquestra.

Enquanto preparava o café e sovava um pão para a primeira refeição

do dia, Dona Nega reclamava entre os dentes da presença incômoda

daquele mulato de olhos azuis. Não é que o tal Bibico tinha mesmo roubado

o coração da patroa? Não é que agora entrava e saía daquela casa como se

fosse o dono, todo se bambaleando feito um astro de cinema, e Dona Cecília

para tudo só dizia sim, sim, sim! — aquele mulatinho sem-vergonha, que nem cara de patrão tinha, já começava até mesmo a escolher os cardápios

do almoço, gemeu ela, enquanto punha o pão para assar. E o pior de tudo

era que logo mais teria de ir ao peixeiro, já que o maldito gostava de comer um robalinho na manteiga, ou um bagrezinho ensopado, ou até mesmo um

bom salmão assado com hortelã — porque o mulato era pobre, mas de bobo não tinha nada. Era esperto até o último fio de cabelo loiro, concluiu

Dona Nega, regulando a temperatura do forno, quando a campainha soou lá

no portão, arrancando-a dos seus furiosos devaneios e fazendo-a soltar um

sonoro suspiro.

8.

Encontrar o paradeiro de Bibico Nunes não havia sido uma tarefa fácil, mas Ana Dora estava completamente tomada pela deliciosa idéia de enfiar uma aliança bem grossa no dedo anular esquerdo daquele mulato de olhos de céu. Tinha então a certeza inabalável de que este era o único caminho para a sua felicidade completa. Como primeira providência, deixou de lado o pai e a mãe. Era melhor mesmo procurar o general quando a coisa já estivesse devidamente feita. Desse modo, pediu a Maristela que ligasse para o quartel e contasse ao pai que ela, Ana Dora, estava muito desanimada, louca de saudades de casa, mas que era bom deixar o tempo passar. Maristela obedeceu, sentindo intimamente certo prazer em mentir ao tio (porém, naquela noite sonhou com umas algemas e com a fundura verde de um rio viscoso, e acordou sobressaltada, com a certeza de que um daqueles carros pretos a estava vigiando no escuro da rua deserta). No dia seguinte ao telefonema — sim, o general estava muito apaziguado com a tranqüilidade da filha, que não saía havia dias da casa da cunhada —, Maristela saiu no rastro dos amores clandestinos da prima rica, enquanto Ana Dora ficava em casa para não levantar suspeitas.

Não fora nada fácil achar o rastro daquele mulato fugidio, cujos amores rivalizavam com a discrição dos seus poucos amigos; Maristela teve que caminhar muito e oferecer muitos pirulitos aos meninos da Lagoinha — afinal de contas, as crianças que jogavam bola ou buscavam mexilhões nas pedras cinzentas da beira-mar não viam nada de estranho naquela moça doce, de voz morna e olhos verdinhos, que andava de lá para cá dizendo-se uma parenta do Bibico. Assim, um menino indicou a barraca do Seu Agenor, pois era lá que o mulato costumava almoçar, e o Seu Agenor, como não via Bibico havia alguns dias, desconversou como pôde, deu uma bala de hortelã para a moça um pouco desajeitada, de sorriso bonito e voz pausada, dizendo que ela voltasse para a sua casinha, pois o Bibico Nunes não morava por ali, vinha só de passagem, como nuvem vai atrás de chuva, quando tinha fome e estava pelas redondezas. Mas Seu Agenor era a única pista que Maristela tinha, e assim Ana Dora obrigou-a a voltar não uma, mas cinco vezes até a venda da

Lagoinha, para insistir com o coitado do Agenor. O velho, que já trabalhara demais servindo caninha pros bêbados

das três horas da tarde, lavando copos e fritando bifés para o pessoal que voltava do mar com o estômago roncando de fome, foi perdendo a paciência com Maristela, que passava tardes inteiras ao balcão bebericando uma soda morna, os olhos úmidos grudados nele, implorando silenciosamente por ajuda. Assim, na quinta tarde de seus azares, depois de horas daquele olhar gotejante e gentil, Seu Agenor virou-se para a moça e despejou:

— Você é pior do que sombra, menina. Essa noite até sonhei com esses seus olhinhos, duas moscas varejeiras que não me dão paz.

— Eu só quero saber do Bibico — gemeu a moça docemente, com seu copo de soda pela metade, e disposta a passar outras tantas tardes ali.

O velho jogou longe a flanela com a qual espanava o balcão descascado

e disse: — Pois você está perdendo seu tempo, menina. O Bibico se engraçou com a viúva de um deputado lá da Pitoba e não tem mais aparecido por aqui. Nem vai aparecer, pelo jeito.

Era tudo o que Maristela precisava saber. Tomou de um gole só o restante da sua soda, soprou um beijinho apressado para Seu Agenor e sumiu porta afora, engolida pelo sol escaldante da tarde luminosa de verão,

deixando o velho de olhos esbugalhados, sem saber se tinha feito bem ou mal ao se livrar daquela menina.

Algumas horas mais tarde, aproveitando que a tia Efigênia estava na quitanda trabalhando com o marido, Ana Dora ligou para o quartel e pediu

que a ajudassem a localizar uma tal pessoa, uma certa viúva de deputado que vivia no bairro da Pitoba. Afinal de contas, não deveria haver muitas viúvas de deputado por lá.

Seu Filó trabalhava em qualquer dia. Era tão desinteressado da vida que simplesmente acordava pela manhã e, sem olhar calendário nem

pensar no dia da semana, dizia:

— Hoje vou trabalhar. Podia ser domingo, Sexta-feira Santa, *Corpus Christi*, Dia da Independência,

qualquer data, podia ser até mesmo Natal, se dava-lhe no tino remexer os jardins da casa de Cecília, Seu Filó ia e pronto.

Do mesmo modo, em determinados dias da semana simplesmente

declarava estar em férias, não importando a mínima que fosse segunda, quarta ou quinta-feira. Era assim — um homem imprevisível que cuidava

dos jardins da viúva e de mais dois ou três terrenos do bairro, mas somente

quando achava por bem ir trabalhar. Por causa disso, dessa inconstância que lhe assolava a alma, Dona Nega vivia com o coração por um fio, sussurrando pelos cantos do casarão, ocupada com a mesma eterna dúvida:

“Será que hoje vejo ou será que não vejo o Filó?”

Nos tempos em que o deputado vivia, a coisa era um pouco mais

organizada. Quando o jardineiro aplicava das suas, o deputado resmungava

muito e acabava indo buscar Seu Filó em casa, porque os Gomes eram muito chegados à ordem, e não havia desconsolo que justificasse as faltas

do coração desregrado do velho Filó. Mas quando o deputado passou desta

para melhor, Cecília, que era uma desinteressada dessas coisas domésticas,

passou a permitir os desmandos do jardineiro, e ele pôde ir e vir com facilidade — para não dizer aqui que fazia somente o que lhe desse na

veneta.

Na época em que Bibico Nunes passou a dar as caras no número 133

da Rua das Amendoeiras, Seu Filó tinha, talvez, uns 50 anos. Essa idade pesava-lhe muito: parecia estar na casa dos 70, um pouco por causa do sol,

outro tanto pela pobreza em que sempre vivera e pela cachaça que gostava

de beber sem freio em algumas noites de melancolia. Outras misérias haviam-no envelhecido por dentro ao longo da vida — nunca se casara, mas dizia-se que tinha uma filha para os lados do sul, e que era esposa de

advogado e com boa situação financeira, mas a quem Filó não vira mais de

meia dúzia de vezes na vida. Com Dona Nega ele mantinha um estranho relacionamento baseado apenas nas suas vontades de velho ranzinza; para

lidar com ela, funcionava a mesma lógica usada com os jardins, e ele dizia:

“Hoje quero Dona Nega, hoje não.”

Às vezes passavam-se semanas sem que os dois trocassem uma única

palavra, e nesses hiatos Dona Nega ficava refém de um terrível mau humor;

mas havia dias em que os dois se engalinhavam atrás das árvores do pomar feito adolescentes apaixonados. Era um amor sem lógica e

relativamente próspero. Ultimamente, Dona Nega passava algumas noites na casinha do Seu Filó, e, depois do amor, morriam de rir contando velhas

piadas de salão. Mas era isso. Um dia de amores, outro de silêncio. Seu Filó, quando estava de mau humor, mal resmungava para Nega um bom-dia

audível, cuspiam as palavras quase com raiva porque via-se obrigado a abandonar seus silêncios. Dona Nega, por sua vez, sofria com os jeitos do namorado, mas fingia-se de dura, e ou o jardineiro não lhe notava os sofrimentos ou (o que era bem mais provável) não se incomodava com isso.

Pois na exata manhã de sábado em que Ana Dora recebeu, muito

cedinho, um telefonema no qual lhe informaram o endereço completo de uma senhora chamada Cecília Antonia de Alfierrez, residente à rua tal,

número tal, no bairro da Pitoba, Seu Filó despertou na sua cama desconjuntada, e esfregando os olhos, disse serenamente:

— Hoje vou trabalhar.

E foi.

Estava ele sob o morno sol matinal, com seu chapeuzinho de palha bem

enfiado na cabeça, tratando de um canteiro de margaridas, quando Ana Dora e a prima surgiram atrás das gradezinhas de ferro retorcido que separavam o terreno de Cecília da calçada.

— Por favor, esta é a casa da Dona Cecília Antonia de Alfierrez?

Seu Filó, irritado com a súbita intromissão, disse apenas:

— É.

Foi Maristela quem perguntou, ofertando ao velho um sorriso tímido:

— Será que a gente podia ter uma palavrinha com ela? Seria só um instante...

Seu Filó não ponderou muito; era um desinteressado da vida, e o fato

de ainda não serem oito horas de um sábado não lhe pareceu motivo suficiente para barrar a entrada das

duas moças. Seriam elas parentas? Mas

não era da sua conta; o seu negócio ali era cuidar do jardim e do pomar, e

logo que as duas passassem à varanda, seriam assunto para Dona Nega resolver. Assim, limpou as mãos sujas de terra na calça e destravou o portãozinho.

— Sigam por aqui — ele indicou. — Na varanda tem uma campainha. E

não pisem na grama.

Dona Nega apareceu no vão da porta e seu corpo rechonchudo, que

exalava um leve odor de açúcar, tomou o campo de visão de Ana Dora. Não

era uma imagem simpática: a mulher olhava-as com um ar de desgosto, os

cabelos crespos sob o lenço vermelho, os olhinhos miúdos e ardidos.

— Vocês querem o quê? — perguntou Nega. — Se é rifa, não temos

dinheiro. Além disso, a patroa não acredita em jogo de azar.

— A gente não veio vender nada — disse Ana Dora —, só queríamos falar com a senhora Cecília. — E espichando o olho, tentava enxergar dentro da casa, mas o avultado corpo da mulata tapava-lhe completamente

a visão.

Dona Nega abriu um sorrisinho. A vida naquela casa estava ficando

agitada! Nem bem o relógio badalava a oitava hora e já vinham atrás da viúva. Nega se lembrou dos gemidos noturnos e seu riso abriu-se mais, revelando a falta de um canino.

— Dona Cecília está dormindo. — E como se aquelas duas fossem de outro mundo, acrescentou: — Hoje é sábado.

Ana Dora envergonhou-se de repente:

— Então, quem sabe a gente volta outro dia... — gemeu.

Mas a prima, que se sentia a verdadeira dona daquele enredo, atalhou

com energia:

— Outro dia, não. A gente precisa ver dona Cecília hoje mesmo.

— Vocês se decidam... — pediu Nega.

E Ana Dora, confiante na coragem de Maristela, escolheu:

— É verdade. Seria melhor que fosse hoje.

Nega suspirou, contrariada.

— Olha, eu tenho um pão que deve estar queimando no forno a uma hora dessas. Vocês duas sentem aí na varanda, que é bem fresquinho. Daqui

a pouco eu chamo a patroa. Antes das nove, ela sempre acorda de mau humor — e sem mais delongas, bateu a porta na cara das duas moças.

9.

Acordada no meio de um sonho bom, a viúva não achou remédio senão

empurrar Bibico para o lado e atender ao chamado de Nega, que batia à porta. Afinal de contas, o que haveria de tão urgente para a empregada vir

ter com ela logo numa das manhãs de Bibico? Vestiu o penhoar, e passando

as mãos nos cabelos desgrenhados do amor e do sono, abriu uma frestinha

da porta:

— O que aconteceu, Nega?

A outra contou-lhe que duas moças esperavam havia quase uma hora

na varanda, lá embaixo. Cecília sorriu, retrucando que já desceria, precisava primeiro dar um jeito na aparência.

Nega achou graça:

— Suas olheiras estão encostando no sorriso, dona patroa. Esse mulato sem-vergonha até que lhe faz bem.

— Na minha idade, isso é quase como ganhar na loteria — e fechando a

porta com cuidado, Cecília correu para a varandinha do quarto a fim de espiar as visitas.

Não chegou a se espantar quando reconheceu, sentada em uma das

cadeiras de palhinha branca da varanda, a filha do general. Até tinha

demorado bastante... Aquela menina devia ter puxado ao pai e não largaria o osso com muita facilidade. Mas bater na casa dela era um pouco demais...

E quem seria a outra, a morena cheia de carnes? Uma terceira amante do mulato? Riu, ao pensar que aquilo estava parecendo um encontro de

amantes do Bibico, uma espécie de confraternização... Mas não iria descer,

não mesmo. Se Ana Dora estava lá, decerto era à procura de Bibico Nunes.

Ao menos o malandro não lhe mentira ao dizer que deixara Ana Dora —

Cecília tinha idade suficiente para saber que mulher bem-amada não se prestava a certos ridículos. Por isso mesmo, voltou para dentro do quarto e

com a mãozinha branca cutucou o mulato que dormia no lugar do finado deputado, bem espalhadinho na cama de lençóis macios.

— Acorda, Bibico...

Bibico Nunes se revirou para lá e para cá, e por fim abriu os olhos. Ela

não conseguiu conter um suspiro de encanto ao ver aquelas duas lagoas cintilando de azul no seu rosto bonito.

— O que foi, minha dama? — ele perguntou, dengoso. — Hum... Eu

estava sonhando com você.

— Pois trate de dar adeus ao seu sonhozinho bom. Tem visita pra você

lá embaixo.

O mulato teve um sobressalto:

— Pra mim?

— Tão certo como dois e dois são quatro. Parece que a filhinha do general não encontrou brinquedo novo...

— Ué, como assim?

Cecília ofertou-lhe um sorrisinho debochado, enquanto examinava

distraidamente as unhas esmaltadas:

— Ana Dora, sua ex-namoradilha, está lá na varanda. Imagino que veio

atrás de você.

Bibico saltou da cama. Nu, andando pelo quarto penumbroso atrás das

roupas que perdera entre os móveis no afã da noite anterior, parecia um

bicho preso numa gaiola. Cecília, olhando aquele corpo bonito, sentiu uma pontada de tristeza: ainda tinham umas três horas juntos naquela manhã de sábado, e era uma pena ter que entregar Bibico Nunes ao

inimigo antes

de terminado o prazo regulamentar. Não havia outra alternativa, porém.

— Você não vai nem tomar banho? Faz uma hora que ela está lá

embaixo, acho que pode esperar mais um pouquinho... — Piscou para ele:

— Você está cheirando a pecado, Bibico Nunes. Vai deixar a moça louca. Ou melhor, as duas moças.

O mulato olhou-a pálido de espanto.

— Moças? Que moças?

— São duas, meu amor. Parece que a filha do general trouxe companhia.

Bibico Nunes blasfemou em voz baixa, e continuou blasfemando

enquanto a água do chuveiro lhe descia pelas carnes. Após o banho, vestiu-

se com pressa. Sua roupa, embora tivesse ficado a noite inteira atirada pelos cantos, desceu-lhe pelo corpo sem nenhum vinco, e a viúva não pôde

deixar de admitir que Bibico Nunes tinha algum encanto misterioso, e uma elegância que faria inveja aos príncipes da Europa.

Quando terminou a toalete, Bibico disse:

— Vou descer e resolver tudo. Mas volto logo. Me espere para o café.

Mas Cecília respondeu:

— Melhor você levar o seu chapéu, Bibico. Já passa das nove e meia e a

conversa pode ser demorada. Como hoje o nosso trato é só até o meio-dia,

creio que nos vemos depois... — Ela deu de ombros. — Além disso, você não pretende ter um colóquio com esta moça em plena varanda da minha

casa, não é?

— Mas eu pensei... — ele gemeu, angustiado. — Estou sentindo um cheiro de pão... E nós dois, foi tão bom...

— Eu guardo um pedaço do pão pra você, meu querido. E quanto a nós dois... Sempre teremos os nossos amanhãs. Agora vá. Não se pode ser um destruidor de corações impunemente, Bibico Nunes. E não se esqueça do general...

\*

Foi um susto quando os três se encontraram na varanda, mas a única testemunha era mesmo Seu Filó, que estava mais interessado em arrancar as ervas daninhas que vinham estragando suas dalias do que em prestar atenção aos desamores alheios; muito mais tarde, quando Nega crivou-o de

perguntas sobre o sucedido, Filó apenas soube dizer: “Saíram pelo portãozinho, os três. E não falaram uma palavra.”

O fato é que Bibico Nunes surgiu na varanda feito uma assombração.

Vestido com seu terno branco, ele mesmo parecia pálido de raiva enquanto pegava Ana Dora pelo braço, esquecendo de quem ela era filha, esquecendo de tudo, menos do gosto e do cheiro da viúva do deputado Alfierrez.

— Vamos embora daqui — ele ordenou. — Esta é uma casa de respeito.

Ana Dora não achou o que lhe responder, posto que jamais esperara encontrá-lo ali, àquela hora da manhã, e tal imprevisto a punha triste e feliz ao mesmo tempo. Triste porque então o amor de Bibico pela viúva já era fato consumado, e feliz porque não o via fazia muitos dias, e somente fitá-

lo, tão garboso, encharcado de água-de-colônia, já a deixava molenga, imprestável, completamente entregue.

Enquanto Bibico arrastava a prima até o portão, Maristela só soube ir

atrás dos dois. Na verdade, pisava em falso, tomada de um espanto inexplicável. Por que lhe batia o coração daquela maneira? Não podia ser só

porque o tal Bibico era lindo, era alto e tinha aqueles olhos. Meu Deus!, pensou ela, que olhos... Duas pedras preciosas cravadas num rosto de homem! E quando Bibico puxou-a também para fora do terreno da viúva

Cecília, Maristela respondeu:

— Estou indo, Bibico... Estou indo... — e a voz saiu-lhe tão doce que até

ela própria ficou espantada.

Na rua, Ana Dora notou em pânico que os olhos de Bibico chispavam como se um temporal se desenrolasse dentro daquelas íris celestes. Ele puxava as duas pela calçada afora e com um olho espiava os quadris cheios

de Maristela, os peitos salientes sob a blusa fina, os olhinhos verdes e úmidos.

— E essa, quem é? — ele perguntou ao dobrarem a esquina.

— É a minha prima — respondeu Ana Dora.

— Não satisfeita em atazanar a minha vida você ainda traz companhia.

Ouvindo isso, Maristela começou a chorar. Que vergonha, que grande

vergonha... E tudo pela prima, tudo para ajudar Ana Dora, uma mimada, uma tonta. Uma sortuda... Tinha deitado e rolado com aquele homem... E ele

sequer olhava para ela.

Bibico avançava, maldizendo o mundo e os hormônios femininos,

maldizendo o sol e a manhã de sábado, arrastando as duas moças até o fim

da rua, e se sentia cansado daquilo tudo, cansado daqueles amores ingratos

— só a viúva, somente ela o fazia feliz... Mas então pensou no pai de Ana Dora, nos desmandos de um general que, a uma hora daquelas, devia estar

assinando papéis importantes ou mandando surrar algum dito comunista numa das mil saletas do quartel. Se fizesse um escândalo público, se desse

umas bifas em Ana Dora (e bem que ela merecia!), algum dos olheiros do

general iria correndo dar com a língua nos dentes, e ele, o famoso Bibico Nunes, o galante, o mais-mais do pedaço, amanheceria emborcado naquele

famigerado mangue.

Mais alguns metros e chegaram à Avenida Beira-Mar. Àquela hora não

havia movimento de carros e o sol brilhava nos paralelepípedos cinzentos,

fazendo arder os olhos de Ana Dora. Ao fundo, o mar, um manto verde ondulante, parecia suspirar para o céu sem nuvens.

Ana Dora disse:

— Ai, Bibico... Eu não agüento mais caminhar. Vamos até onde?

— Até o fim do mundo — ele respondeu de cara amarrada.

— Meus pés estão doendo, Bibico...

Ele deu de ombros. O que iria fazer com ela, afinal? Como enfiar naquela cabecinha bonita que o assunto deles estava acabado, enterrado, mortinho da silva? Teve um calafrio ao pensar em tanta morte, e arriscou:

— Preciso ter uma conversa com você, Ana Dora. Uma conversa civilizada.

— Pode falar... — Ela então lembrou-se de que Maristela estava ali do lado, quieta, quietinha, e atalhou: — A Maristela vai passear pela praia, não é?

Bibico Nunes viu a morena dar de ombros e responder:

— Vou, sim. Era isso mesmo que eu ia fazer.

— Não vá longe — pediu Bibico. — A conversa vai ser rápida. Ana Dora interveio:

— Vá longe, sim. Eu também quero conversar com Bibico.

E Maristela concordou silenciosamente, tirando os sapatos dos pés

bonitos (Bibico viu que ela tinha pés bonitos e tornozelos bem-feitos), e depois ganhou a areia tépida no rumo das ondas que quebravam na praia.

Bibico Nunes não se alterou com a saída de Maristela, embora tivesse

deitado um rápido olhar em suas ancas apetitosas. Sozinho com Ana Dora,

indicou-lhe uma pedra no começo da orla, e os dois caminharam até ali. A

brisa que vinha do mar brincava com os cabelos loiros da moça, e por um

momento Bibico lamentou que as coisas tivessem de ser daquele jeito.

Amava todas as mulheres do mundo... Mas as mulheres queriam

exclusividade, não podiam entender que ele era um homem plural, cheio de

nuanças. Uma gaivota passou voando contra o céu azul, e Bibico deixou

suas considerações existenciais de lado para dizer:

— Você fez um papelão ao ir na casa da Cecília.

Ana Dora fungou alto.

— Eu estava desesperada, Bibico...

O mulato recolheu uma concha da areia e ficou brincando com ela distraidamente. O sol dançava na superfície perolada, enquanto ele parecia buscar um começo para aquela conversa. Depois de alguns segundos, sussurrou, como que pensando em voz alta:

— Mas não há começo nenhum... Este é o fim.

Ana Dora sobressaltou-se:

— Fim do quê, Bibico?

E ele olhou-a com seus olhos mais azuis do que o céu. Parecia triste, cogitou Ana Dora e repetiu:

— Fim do quê, Bibico?

— Fim de nós dois. Você vai voltar para sua casa e pro seu papaizinho.

E antes que ele mande um capanga me matar, avise-o que eu não toquei em você... A sua honra está intacta, embora isso tenha sido um grande sacrifício.

— A minha honra não me importa, Bibico.

O mulato titubeou por um instante. Havia alguma coisa naquela voz...

Ele podia sentir os pêlos do seu antebraço se arrepiarem. Mas precisava ser forte, precisava lembrar dos gritos que se ouviam nos arredores do mangue naquelas noites sem lua. Não, ele não acreditava em assombração.

— Sua honra pode não lhe importar — ele disse. — Mas a minha pele me importa, meu amor. Não estou a fim de virar tapete de sala de reunião de milico.

Ana Dora ignorou o comentário; segurando a mão do mulato nas suas, aquela mão quente, macia, ela resmungou: — Sou capaz de qualquer loucura por você, Bibico Nunes. Você precisa saber disso: nunca nenhuma

mulher vai amá-lo como eu.

As ondas quebravam na praia deserta. Ainda era cedo e os barcos dos pescadores voltariam só no fim da manhã. Bibico correu os olhos pela praia

de areias claras, ouviu os murmúrios do mar, e era como se o mar quisesse

lhe dizer alguma coisa... Ao lado dele, Ana Dora esperava. Podia sentir seu

calor chegar até ele, acelerando sua respiração. Era tão miúda, tão tola às

vezes; mas havia nela uma força, uma entrega que Bibico jamais conhecera.

Ele suspirou:

— Isso não vai acabar bem.

— Depende de você. Por mim, acabamos num hotel, nós dois.

Bibico não pôde evitar um sorriso. O calor aumentava ou era ele que estava entrando em ebulição?

— Você está louca, Ana Dora... Volte pra sua casa, meu bem. Lá é o seu

lugar.

— Pra minha casa eu não volto nunca mais. Saí de lá para ficar com você. — E esticou a mãozinha branca até o peito dele, passeando por ali com a curiosidade de um animalzinho num canteiro de flores.

— Eu seria

capaz de tudo por você, está vendo, Bibico? Tudo, tudinho...

Então ele não agüentou mais; sempre tinha sido um homem varrido

pelos ventos da paixão, atiçado pelo gosto, pelo formato de um colo feminino, pelo brilho de um sorriso... Agora Ana Dora oferecia-lhe tudo aquilo, oferecia seus prêmios numa bandeja, e sem pedir-lhe nada em troca,

nada — a não ser amor. Tomou-lhe a mão, apertando aquela palma fresca

entre seus dedos úmidos. Não precisou dizer nada: num instante ela entendeu que havia ganho aquela luta, e os dois saíram apressados em busca de um táxi que os levasse para bem longe. Na mente de Bibico Nunes,

a imagem de Cecília se desvanecia lentamente. De urgente, de real, só havia

mesmo aquele desejo.

10.

Entardecia quando Bibico Nunes voltou para casa. Esparramava-se por

todos os lados uma luz dourada e tênue, e a cidade parecia suspensa no tempo, volátil, uma cidade de sonhos erguida entre montanhas da cor do ouro, ladeada de campos e lambida pelas águas verdes daquele mar. Bibico

vinha pela ruazinha de chão batido, e de quando em quando, entre dois terrenos, surgia um pedaço de praia e a brisa corria levantando folhas secas, enchendo o mundo com seu olor marinho.

Ah, como a vida podia ser boa!, pensava ele. A vida era para ser apreciada aos bocadinhos, nunca inteira, porque não havia existência sem

dramas, sem desacertos, sem morte. Tremeu levemente ao pensar na morte

e afastou tal imagem da sua cabeça; sim, era bem verdade que havia prometido a si mesmo deixar Ana Dora para sempre... Havia o general, e havia o manguê, e ele não queria experimentar um tiro bem no meio dos olhos, ou a lâmina de uma faca no seu pescoço encharcado de perfume. Mas

Ana Dora era um pedaço irresistível da vida, era como ver o mar lá no fundo quando ele dobrava uma esquina... Ana Dora era um mergulho no mar numa tarde quente de verão, uma alegria passageira e fascinante.

A casa de Bibico Nunes era uma construçõeszinha sólida, de paredes

muito brancas e de telhas de barro, que ficava numa ruazinha de pescadores.

Era composta de três minúsculas peças, por ordem de chegada: sala, quarto e banheiro. A sala ocupava a maior parte do exíguo espaço e tinha

vista para o mar. Era parcamente mobiliada, com uma espreguiçadeira de

palha, uma mesa de madeira coberta por uma cara toalha rendada; também

havia ali um fogareiro, um frigobar recauchutado e um aparelho de rádio que Bibico usava para ouvir sambas. No centro da mesa vicejava um jarro

com meia dúzia de flores frescas colhidas no quintalzinho que dava na praia. Sobre o fogareiro jazia uma caneca contendo um resto de leite.

Bibico Nunes entrou em casa naquele final de dia, passou pela sala e conferiu pela janela aberta que o mar estava no lugar de sempre, liso, verde e interminavelmente seu; entrou no banheiro minúsculo, lavou o rosto numa bacia de estanho, mirouse no impecável espelho com moldura de prata, que certa vez ganhara de uma senhora italiana, e sacudiu a cabeça úmida num gesto de aprovação e gozo. Ah, como estava satisfeito... Correu

então os dedos pela pesada moldura do espelho como quem acarinha as pernas de uma mulher — aquele espelho e a cama de casal eram seus bens

mais prezados. O espelho tinha lugar de destaque: era a única peça do mobiliário que Bibico Nunes limpava com suas próprias mãos de fidalgo. O

resto do trabalho era feito por uma ou outra das vizinhas, conforme lhe iam os amores, e o capricho na limpeza dependia razoavelmente das atenções que Bibico lhes oferecia.

Do banheiro, o mulato foi para o quarto; aliás, não havia um grande caminho a percorrer, pois o quarto separava-se do banheiro apenas por uma colcha azul estendida sobre um fio de arame que fazia as vezes de cortina. O quarto era completamente ocupado pela enorme cama, com seu lençóis de linho alvos e perfumados. Bibico mirou-a, suspirando de delícia; aquele era o seu ninho quando não estava nos braços de alguma das suas mulheres. Embora estivesse com preguiça, tirou os sapatos e o terno, dobrando-o cuidadosamente, e guardou tudo no único armário que havia.

Assim, satisfeito da vida, jogou-se na cama e fechou os olhos. Lá fora, o sol derramava seus últimos raios sobre a praia, e o mundo começava a mergulhar lentamente numa silenciosa penumbra. Como se sonhasse, Bibico Nunes abriu um sorriso torto e resmungou:

— Ah, Dorinha... sua safada.

Quedou-se em silêncio então, acomodado entre os lençóis que cheiravam a hortelã. Pouco depois, mergulhava num sono exausto.

Dona Nega não estava para conversas naquele dia. Com as mãos apoiadas nos quadris, derramou sobre Filó o seu olhar mais duro:

— Então, criatura, vai querer ir ou não na festa do Gonçalo?

Seu Filó acomodou-se melhor no degrau de pedra onde estava sentado, tirou do colo o prato de comida vazio e, cruzando as pernas magriças, ficou

um bom tempo mirando a noitinha cair, enquanto as árvores do pomar apagavam-se uma a uma. Depois de algum tempo, pareceu recordar que Nega ainda esperava uma resposta sua, e virou-se para encontrá-la no meio

da cozinha, os olhos escuros arregalados de angústia.

— Você comeu a língua? — ela quis saber.

Filó ignorou-lhe o comentário e perguntou:

— Vai ter o quê lá no Gonçalo?

— O de sempre — retrucou a mulher. — Peixada, cerveja e cantoria.

Dona Nega estava fula da vida; já não bastasse a patroa andar de rabichos com aquele mulato sem-vergonha, estava ela ali: solteira da silva,

cheia de vontades, e ainda por cima tinha que agüentar os humores do Filó... Ah, mais dia, menos dia haveria de esquecer o Filó, ia desapaixonar-se daquela criatura e arranjaria um mulato forte, parrudo, que a fizesse feliz

todas as noites. Mas, por enquanto, o seu coração teimava em bater só pelo

jardineiro; sendo assim, conteve sua irritação e tornou a perguntar:

— Você vai ou não vai?

Seu Filó disse que iria, afinal era mesmo sábado.

— E a patroa não vai precisar dos seus serviços?

Nega achou graça:

— Que nada, Filó! Ela pediu que eu assasse um lombo de porco, fizesse

um purê, um doce, e depois me deu folga. Agora ela só pensa naquele mulato dos olhos azuis. Essa casa fica até pequena pros dois, você bem que

precisava ver...

— E eu lá sou homem de mexericar a vida alheia? — gemeu Seu Filó, e

pôs-se a enrolar mansamente um cigarro de palha. Depois de arrancar-lhe

o naco com seus dentes amarelos, arriscou: — Esse mulato é estranho...

Tem boa alma, mas é bonito demais pra prestar.

Dona Nega desinteressou-se. Pela janela, entrava a brisa fresca do

anoitecer.

— Vou ver meu assado. Deixa o prato aí que depois eu pego. — E antes

de desaparecer na semi-escuridão da cozinha, ela avisou: — Encontro você

às oito lá na esquina. Vê se cumpre a palavra!

Seu Filó soltou um risinho baixo, um riso que parecia cuspidado, depois

puxou fundo o cigarro de palha. Ah, aquela mulher era mais brava que o diabo!

À noite, os dois se encontraram no lugar marcado. Filó não ousou

atrasar-se, e ambos seguiram pela rua quieta, de mãos dadas como dois namorados. Ela, de vestido florido e colar de contas, bamboleando o corpo

roliço, feliz da vida; Filó de calça e camisa, cigarro nos dedos e uma semente de má vontade a crescer-lhe na alma, porque já se arrependia de ir

à casa do Gonçalo Padeiro, com quem antipatizava desde o evento das broas mal assadas que ele lhe vendera. Depois de duas quadras, dobraram

a esquina em direção à praia e foram engolidos pela noite quente e

estrelada.

A poucos metros dali, Cecília Antonia de Alfierrez dava os últimos

retoques no seu penteado, e, olhando o relógio de parede, suspirava de satisfação incontida. Estava bonita que só vendo: usava um vestido verde que o deputado mandara trazer de Buenos Aires ainda uns meses antes de

morrer estirado no tapete da sala de visitas. Era um vestido simples, que lhe deixava as costas nuas, e que ficara anos guardado no armário esperando uma ocasião propícia para ser usado. “Pobre Gomes”, pensou ela, recordando os olhos de peixe do marido defunto, enquanto prendia um

último grampo no cabelo. Porém, não se sentia triste, mas excitada. Logo Bibico chegaria e haveria de contar como se livrara da filha do general Mendonça, e então, imaginou Cecília enquanto descia as escadas e rumava

para a sala, então os dois fariam um brinde com o vinho branco que estava

gelando em homenagem ao acontecido.

Na sala, pegou um livro para passar o tempo, mas as palavras fugiam

dos seus olhos aflitos. Mal lia um parágrafo e já era preciso voltar ao anterior; entre as páginas, o olho azulíssimo de Bibico teimava em aparecer, piscando para ela com aquela malícia inesquecível. De quando em

quando, Cecília lançava olhares furtivos para a porta — tinha medo de admitir para si mesma o quanto estava envolvida com o mulato, e o quanto

a sua chegada, naquela noite quente de sábado, traria alegrias àquela casa.

Sobre a comprida mesa de jantar, a louça mais bonita esperava pelo apetite de Bibico. Pratos ingleses, cálices de cristal e talheres de prata brilhavam à luz mansa de um castiçal num convite a amorosos mistérios, e

continuaram brilhando pela madrugada adentro, até que o tempo e o cansaço gastaram as velas, porque naquela noite Bibico Nunes não apareceu no número 133 da Rua das Amendoeiras, e nem aqueceu a cama tão fria da viúva do ilustríssimo deputado Gomes Alfierrez.

## CAPÍTULO 2

*Depois de anos de sumiço, após ser dado como desaparecido ou morto ou inventado, quando a vida de todos já havia voltado à normalidade, foi que se encontrou Bibico Nunes. Não veio ele rindo, sambando ou contando anedotas, nem veio assobiando para as damas nem convidando os homens para um carteadado. Não veio de modo algum, mas foi achado. Em quase tudo era ele igual àquela criatura da qual lembravam as gentes, mas com duas exceções: a primeira delas é que Bibico Nunes estava morto, e a segunda — e não menos improvável — é que estava triste, e triste de dar dó.*

*Todos que o enxergaram naquele estado, digamos assim, interessante, afirmaram com convicção: tristeza tamanha não era só fruto da morte. O*

*cadáver de Bibico Nunes tinha um tal ar de desconsolo que fazia qualquer criatura que dele se aproximasse sentir ganas de chorar. Parecia inacreditável, para aqueles que o viram naquela situação, que o mesmo rosto, outrora brejeiro e alegre, ostentasse na morte um tal desencanto, um desgosto cabal e inenarrável, um desconsolo ardido feito pimenta. Só os seus olhos mantinham a mesma graça azul de outros tempos mais felizes e teimavam em arder, escancarados, redondos e inquietantes como duas luas brilhando no meio de uma tarde de chuva.*

*Algumas pessoas, depois do sucedido, chegaram a afirmar terem visto aqueles dois olhos azulíssimos derramarem cada um uma única lágrima. Essa afirmação — caso fosse confirmada pelos órgãos competentes da Igreja Católica Apostólica Romana — constituir-se-ia num caso claro e indiscutível*

*de milagre. Pois o mais sussurrado comentário a respeito deste fato provocava protesto em todas as rodas de jogo e casas noturnas nas quais fosse ventilado: desde quando, argumentavam as gentes num mal disfarçado tom de ofensa, o mulato Bibico Nunes ia cometer milagre? Logo Bibico, que jamais pusera o pé numa igreja? Logo Bibico, que quebrara quase todos os Dez Mandamentos e um punhado de outras leis católicas menores? Logo Bibico, que nunca tomara a comunhão em sua agitadíssima vida, que era filho de Euá e muito dedicado ao candomblé, como lhe ensinara a sua falecida mãezinha, que Oxalá a tenha em alta conta; era esse, então, o mulato milagreiro?*

*Pois aqueles que viram tal façanha ainda assim mantinham sua fé: Bibico Nunes, depois de morto, mortíssimo, mortinho da silva, derramara um par de lágrimas que lhe escorreram pelos caminhos do rosto até morrerem no cetim finíssimo que lhe forrava o caixão (pago, aliás, por uma das suas admiradoras de posses que não pudera esquecer-lo nem depois de tão longo sumiço). Invariavelmente, quando este fato extraordinário era narrado para meia dúzia de viventes incautos e eventualmente enfarados de cachaça, vinha sempre um — em geral, o mais sóbrio — fazer o seguinte e indiscreto questionamento:*

*— E quando foi que o defunto chorou? — como se o momento do milagre*

*pudesse dar mais credibilidade ao fato em si.*

*A essa pergunta, os que viram tal cena respondiam sempre:*

*— Quando a viúva Cecília chegou ao velório.*

*E ouvindo isso, todos se calavam num silêncio de respeito e de dor.*

*Se era verdade o pranto de morto derramado pelo pobre Bibico Nunes,*

*isso nunca ninguém pôde assegurar com certeza. Ficou apenas o diz-que-diz, a falação, as hipóteses prováveis e improváveis. Dois ou três padres mais afoitos, militantes da causa prósanto brasileiro, passaram a se reunir para discutir a coisa, mas nunca se pôde chegar a um consenso sobre as lágrimas misteriosas de Bibico Nunes. A Igreja Universal do Reino de Deus naquele*

*tempo era ainda assunto de poucos, de maneira que somente os católicos e meia dúzia de espíritas e gurus chegaram a se interessar pelo suposto milagre do mulato que chorou após o seu passamento. Houve uma mãe-de-santo que disse: “Bibico Nunes despertou a cobiça dos orixás, e foi por isso que bateu as botas. Deixem ele em paz, que foi cumprir seu destino de coisa rara.” Mas ninguém chegou a dar-lhe ouvidos, e a tal mãe-de-santo voltou para o seu terreiro envolta no mesmo mistério em que veio.*

*Depois de alguns meses de intensa análise, os estudiosos das causas espirituais chegaram à conclusão de que o maior milagre de todos (e talvez o único de Bibico Nunes) era ter vivido com tantas mulheres, amado muitas outras mais, e ter morrido assim, de morte natural e misteriosa, e não estraçalhado pelas unhas de alguma das suas concubinas enciumadas.*

*Com o passar do tempo, como era de se esperar num caso destes, surgiram várias e absurdas versões para o milagre. Na praia da Lagoinha, diziam que Bibico chorara sangue; outros afirmaram que ele não chorara, mas cantara um samba para a viúva dos seus amores, após o que teria desabado outra vez no seu esquiife, mas tão morto, tão indiscutivelmente morto, que começou imediatamente a feder e teve de ser enterrado às pressas e sem reza. Já as gentes do bairro de Açores gostavam de contar que Bibico pedira uma cachaça e fizera uma última aposta no jogo do bicho; por fim, havia aqueles que diziam que Bibico não fizera nada, absolutamente nada mesmo, que fora um morto comum, igual a todos os outros, pálido e quieto e alheio, apenas tivera como único diferencial a excentricidade de ter sido encontrado na praia, dois anos após o seu sumiço, nuzinho como viera dar no mundo na noite do seu nascimento.*

*De tudo, ficava mesmo uma única certeza: Bibico Nunes, o faceiro, o misterioso, o galante, o romântico — quem haveria de dizer que alguém pudesse mudar tanto — fora o morto mais desconsoladamente triste de que a cidade de Rio Partido jamais teve notícia.*

1.

*Ninguém sabe ao certo o lugar onde vivem os orixás, se é sobre os céus*

*da Bahia, nas águas das vertentes escondidas ou na espuma das ondas do*

*mar. Será que moram na ilha de Itaparica, onde as seitas secretas dos antigos escravos vivem até hoje?*

Quem sabe se eles habitam as terras do Sul, os campos verdes do Sul, ou as matas do Norte, ou se vagam pelos morros do Rio de Janeiro, nas encruzilhadas onde são depositadas as suas

oferendas, os seus quitutes prediletos, o carneiro de Xangô, os bodes que Exu, o intrépido, gosta de comer, ou o inhame assado no azeite, comida predileta de Ogum, deus da guerra. Será que em todas as águas vive Oxum,

e será que em todas elas se banha Euá, ou só nas límpidas águas do Rio Iewá, na África, é que ela passeia? E em que praias reina Iemanjá, a rainha

dos mares?

É difícil precisar a morada dos deuses, mas o certo é que pairam sobre

as nossas cabeças, é que vivem na nossa alma, um aqui e o outro acolá; os

filhos de Oxóssi andam perto do pai, da mesma forma Iansã venta na cabeça das suas crias, e Oxalá, o pai dos pais, rege todos — orixás e homens

— com sua voz mansa e suas palavras antigas, ele, que a tudo assistiu e que

de tudo sabe.

Mas esta é uma terra na qual não se pode duvidar de coisa alguma, e isso é assim desde que aqui nasceram os primeiros índios e desde que, muito tempo e muitas matanças mais tarde, aqui neste país pisou o primeiro negro escravo. Com ele vieram os orixás. Singrando mares, vieram

os orixás. E dançaram nas nossas matas, dançaram ao som dos ilus, os tamborins ritmados ao som do chocalho de nome adjá, e todos os outros instrumentos que, junto com as lendas e mandingas e mistérios, chegaram

aqui de muito longe, o batacotô, o afofié, o rum, todos os tambores e flautas e gonzos de onde brotam suas músicas prediletas. E dançaram os orixás, junto com os negros que, de muitas nações, vieram dar aqui, unidos numa

mesma língua, numa mesma raça, num mesmo destino.

Desta história também faz parte Bibico Nunes, esse mulato que, faz pouco, deixou a viúva Alfierrez solitária e desconsolada, esperando

inutilmente que ele viesse alegrar-lhe a noite de sábado. Pois sucede que Bibico Nunes veio ao mundo em noite mui estrelada, tão bela era a hora que lhe calhou para entrar nesta vida que sua perfeição era um convite aos

orixás: estes passeavam pelos caminhos luminosos de prata quando, da casinha onde vivia a mãe de Bibico, chegou o primeiro grito que anunciava

o começo do trabalho de parto. Enquanto a mulher se rasgava em dores ainda na enxerga que lhe serviu para a faina de trazer ao mundo o filho, os

deuses e deusas ventavam pelas copas das árvores em derredor. E como a

mãezinha de Bibico era filha de Iansã e para ela prestava serviço em algumas noites no terreiro, a grande deusa também quis conhecer a

criança. E disse Iansã ao ver o menino recém-nascido, ainda sujo das gosmas do ventre materno:

“Esse menino será meu, posto que tem temperamento forte. E os

caminhos por onde ele pisar jamais hão de ser os mesmos, porque ele é como o vento que eu sopro. Ágil, fresco e inquieto.”

Mas também Euá, a valente, queria o menino para si. Porque tinha ela

coragem e decisão, mas também ternura de fonte mansa e fresca que nasce

das entranhas da terra. E ali, vestida com seus trajes vermelhos, segurando sua espada e o brajá de búzios, Euá disse:

“Em verdade, esse menino é meu filho. Não mentem os seus olhos da

cor do Rio Iewá, do qual sou rainha. Além disso, meu coração não me engana.”

Mas Oxum e Obá também estavam ali, e as duas mulheres de Xangô

olharam o menino que acabara de escorregar por entre as pernas da mãe e

soltava seus primeiros vagidos.

“Será meu”, proferiu Oxum, a deusa da elegância, que veste amarelo e

usa pulseiras de metal.

“Pois eu também quero batizar este menino”, disse Obá, aquela que

perdeu uma orelha por amor.

Assim ficaram as deusas, numa disputa que somente Oxalá, o maior

dos orixás, poderia resolver. E foi isso que ele fez: do alto do seu trono branco que abarca tudo — céu, terra e mares —, Oxalá bradou com sua voz

potente:

“A todas quero agradar, pois sois minhas filhas e vos quero bem. Mas

somente a uma posso dar esta criança.” E depois de um instante de meditação, disse o rei de Ifon: “Não será para ti, Iansã, que por certo és guerreira e zela pelos teus filhos com o fio da tua espada. Mas tu já tens a mãe do menino, e ela te basta.” E Iansã, sem ousar responder, saiu ventando pelos caminhos, desgostosa. Prosseguiu Oxalá: “Também não

será tua esta criança, Oxum, porque ainda ontem recebeste oferendas e lindas pulseiras de ouro, e camarão com cebola, mel de abelhas e adum de

fubá. Convém que eu não te acentue os caprichos, porque tu és muito desejosa de tudo, minha filha.” E Oxum baixou os olhos e mergulhou nas águas, deixando atrás de si uma luminosa trilha amarelada. Assim

prosseguiu Oxalá: “Para ti, Obá, eu poderia dar esta criança, mas não o faço porque não é isso que sopra o meu coração. O teu filho será o próximo que

nascer por estas terras, e isso sucederá ainda hoje, creia-me. E então, já que

estou decidido, regerás tu, Euá, a cabeça e o destino deste menino, porque ele há de precisar da tua calma e da tua bravura a fim de que complete os

seus caminhos nesta vida.”

Ditas essas palavras, Oxalá fechou seus olhos escuros. Euá, então,

desceu dos céus até a casinha onde Bibico dormitava. Com sua mão

invisível, embalou-lhe o berço, e com sua voz de água corrente, cantou para

ele uma antiga canção de ninar, depois do que a criança arrulhou de contentamento.

Tudo isso viu de longe Iemanjá, a rainha dos mares, sentada em seu trono de algas, ela que é tão bela quanto as constelações que enfeitam o céu. Mas a deusa nada disse, nem pediu nada a Oxalá — tinha planos outros

para Bibico Nunes, o dos olhos marinhos.

No gabinete do general Mendonça reinava grande confusão naquela abafada manhã de março. Enquanto os homens iam e vinham com ar grave,

vestidos nos seus uniformes, com aqueles olhos bovinos sempre baixos, Mendonça só fazia rabiscar num pedaço de papel em branco. Não conseguia

pensar com aquela confusão toda. E, por cúmulo, o ar-condicionado

estragara na tarde anterior e ele fora informado pela secretária de que o aparelho não tinha conserto.

— Imagine! — bradou o general para ninguém, mas um cabo que trazia

os informes do quartel parou gravemente, pronto para ouvi-lo dizer as maiores barbaridades sem piscar nem por um segundo. — Imagine que vou

ficar aqui suando os fundilhos porque a verba para os consertos do mês acabou!

Ouvindo os gritos do general, dona Laurinda, a secretária, entrou na sala. Era a única ali que não vestia roupa cáqui nem uniforme de espécie alguma, somente o tailleurzinho rosa-malva, de saia curta, um dos

muitos

caprichos do general, que não queria ver machos o dia inteiro, e de vez em quando, como ele mesmo dizia, precisava enxergar uma cara sem espinhas e uma panturrilha depilada.

— General, não se apoquente. Eu mandei trazer os ventiladores lá do depósito.

Ele deu um salto da cadeira. Em pé, não era alto, até mesmo mirrado de corpo, mas suas feições, transtornadas pela raiva, davam medo. E a voz era imperiosa:

— Ventilador o caralho, Dona Laurinda! — ele gritou, pedindo

desculpas logo em seguida, porque não costumava dizer palavrão para uma

dama. — A senhora ache verba para um aparelho novo, nem que seja o dinheiro para o rancho dos soldados. Está todo mundo gordo por aqui, bebendo e comendo nesta boa vida.

Dona Laurinda aquiesceu docemente, enquanto o general ia aos

poucos recobrando a calma, e corria os olhos pela papelada por assinar, procurando aquela maldita folha datilografada em espaço três.

As coisas andavam feias por ali, pensou dona Laurinda, mas o caso é que no dia anterior tinha havido um comício na praia, um ajuntamento organizado por gente que tinha sido da UDN. Eram os opositores do regime

bradando contra a organização atual, suspirou dona Laurinda, magoada...

Eta gente complicada! A vida era tão boa, e ela não via nada de mau nos milicos; ao contrário, o general era um dos homens mais bondosos que ela

conhecera, e tão fácil de agradar: dois ou três carinhos nas suas coxas já deixavam o homem manso, mansinho feito um cordeiro.

Dona Laurinda recolheu uma pilha de papéis espalhados pelo chão, e o

general, lançando um olho, viu o regaço dos peitos brancos, cremosos, que

tentavam escapar de dentro da blusa de seda. Ele suspirou, mais aliviado enfim. Depois tomou ciência do cabo que ainda estava parado em frente à

sua mesa, olhos fitos no chão, sem coragem nem permissão de apreciar o pequeno e delicioso espetáculo

que era ver Dona Laurinda juntando os papéis, e perguntou:

— Quantos homens ainda estão lá no porão?

— Vinte e oito, meu general — respondeu o cabo.

O general Mendonça, que tinha olhos idênticos aos da filha —

pequenos, castanhos e ladinos —, deu um soco na mesa. Mas não era um soco forte, considerou Dona Laurinda, empilhando outra vez os

documentos em ordem cronológica e ajeitando as pontinhas reviradas das folhas.

— Esses vermelhos não têm mais nada pra fazer... — reclamou o

general com voz magoada. — Ajuntamento na praia! E pedindo o quê?

Justiça, liberdade de imprensa, essas bobageiras todas. E agora são dois dias de interrogatório. Ah, que maçada!

Sem o barulho intermitente do ar-condicionado, pelas janelas abertas

às vezes chegavam ruídos abafados, restos de gemidos. Dona Laurinda sabia que aquilo não era nada de mais, apenas a soldadesca fazendo seus exercícios matinais sob o ardente sol das onze horas.

O general Mendonça remexeu nos seus papéis uma vez mais em busca

daquela maldita folha. O calor umedecia-lhe o uniforme, e ele pensou num

banho frio e suspirou fundo. Seria um dia ruim, tinha pressentido ao acordar com uma pontada de dor de cabeça, e então, antes mesmo que terminasse o café da manhã, a mulher viera lá do quarto com umas novidades. Que ela aparecesse na sala ainda antes das oito horas era em si

uma novidade, mas naquele dia tinha notícias para dar, e deu-as com uma

voz trágica. As notícias não eram boas. O fato é que uma amiga do jogo de

biriba tinha visto Ana Dora com um desqualificado numa casa noturna lá do

Fundo da Gruta. Um mulato de olhos azuis que era conhecido pela alcunha

de Bibico Nunes. Ele tivera uma explosão de cólera: afinal, a cunhada servia para quê? Em nenhum dos informes ela contara que a filha estava saindo à

noite! Irritadíssimo, o general não chegara a terminar o café, e depois de dois telefonemas tinha a ficha do sem-vergonha nas mãos. A princípio pensou em matá-lo, mas depois concluiu que matá-lo era pouco.

O general soltou um gemido alto. Finalmente encontrava aquela folha!

Ergueu os olhos para o cabo e falou:

— Avise o capitão Teles que eu o mandei escolher um dos infelizes lá

de baixo, e o prêmio é uma camaçada de pau. Diz pra ele não exagerar, mas

eu quero umas duas costelas quebradas, que é pro idiota entender com quem está lidando. — O cabo aquiesceu sem dizer palavra, e o general

Mendonça empurrou uma folha pautada até o outro lado da mesa. — Leve isto. — Quero que o infeliz me dê a ficha deste sujeito. E quero que este sujeito seja perigoso, comunista, panfletista. Um maldito.

O cabo dobrou a folha em dois; depois de bater continência,

desapareceu da sala do general, enquanto no vestíbulo Dona Laurinda arrumava calmamente uma dúzia de rosas brancas num vaso sobre sua

mesa.

2.

Depois da primeira vez que não veio, Bibico Nunes faltou muitas outras

vezes aos serões amorosos da Rua das Amendoeiras. A viúva xingava sua inconstância, e em duas ou três ocasiões, quando ele apareceu um pouco já

passado e cheirando a bebida, Cecília mandou-o de volta às suas farras.

— Nunca mais tenha o descabimento de vir me ver! — ela gritou numa

das vezes. — Se você voltar, não lhe abro a porta!

Mas o mulato voltava sempre, pois sentia pela viúva um desejo

incurável que lhe arrancava o tino, assaltando-o como um vírus nos momentos mais imprevisíveis. Após as primeiras brigas, Bibico Nunes

passou a compreender o temperamento de Cecília e descobriu como

domar-lhe os arroubos — quando estava em falta, vinha cabisbaixo,

implorante, derramando-se em doçuras. Dentro dos seus olhos de água-marinha trazia então um brilho úmido de amor e de lágrimas. Tinha sempre uma graça a ser dita, uma poesia para sussurrar aos seus ouvidos, e

era esse o seu modo de pedir perdão. Quando o dinheiro, sempre pouco, sobrava-lhe, trazia flores ou bombons; às vezes, pedia uns cruzeiros emprestados aos amigos e comprava algum agrado para a viúva dos seus amores. Assim, todo faceirola, tocava a campainha do número 133 da Rua

das Amendoeiras.

— É com atraso que venho, minha dama — dizia ele. — Mas estou aqui.

Cecília o recebia com reserva (mas por dentro estava sempre a ponto

de amolecer), independentemente das circunstâncias em que estivera

sumido, viesse ele de mãos abanando ou com os mais caros agrados

debaixo do braço. Oferecia-lhe um breve sorriso sem traço de mágoa e convidava-o a entrar na casa, mas não lhe ofertava um único beijo. Era longo o caminho das pazes, e Bibico gastava muitas visitas até ser recebido

de novo na sua cama. Às vezes ela o ameaçava com o adeus final; não, não o

receberia nunca mais em sua casa, naquela alcova, entre suas pernas.

Bibico implorava então os seus amores, e daqueles olhos de céu rolavam lágrimas grossas feito pingos de chuva. Quando Cecília o perdoava no fim

dos seus prantos, ela sempre dizia:

— Oh, valha-me Deus, que pôs você no meu caminho, Bibico Nunes...

Porque você não vale um vintém e me custa uma fortuna.

Essas palavras eram quase uma senha, e então o mulato tratava de

abraçá-la com ardor, beijando seu colo perfumado, e dizia amá-la mais do

que tudo, mais do que amava o mar, o sol, a sua própria vida. Era, na verdade, um desvirtuado, um pobre de espírito que sempre se perdia do caminho verdadeiro, mas a queria como um cão. Cecília, já cansada de pelejas, deixava-se enlevar, fingia-se satisfeita com o esculacho que Bibico passava em si próprio, e se encostava no seu peito morno de olhos fechados, louca de saudades.

Ficavam os dois assim, nessa guerra silenciosa, ele querendo ir e

sempre voltando; ela querendo fugir e sempre esperando pelo mulato que

lhe roubara o tino e a vergonha. Nessas noites de reencontro, a casa da Rua

das Amendoeiras tremia nos seus alicerces, e Dona Nega, no seu quartinho

pegado à cozinha, não conseguia pregar os olhos a noite inteira, mas rolava

na sua estreita cama com o fogo atijando a sua própria carne.

No dia seguinte, Bibico partia depois de ouvir a reprimenda que Dona

Nega lhe passava ao levá-lo até a porta:

— Agora suma daqui, seu mulato com cabelo de europeu, e veja se toma tento. Da próxima vez, a patroa não perdoa.

Mas a patroa perdoava sempre, e ambos sabiam disso. Mesmo assim,

Bibico partia um pouco macambúzio e acabrunhado, pisando o chão com passos trêmulos, as mãos escondidas no abrigo dos bolsos, arrependido de

perder-se do único caminho que o fazia feliz. Assim, feito um fantasma de

outros tempos mais alegres, desaparecia na curva da esquina, jurando com

fervor que a tentação não voltaria a pegá-lo desprevenido.

Tomado por essa promessa irrealizável, Bibico Nunes seguia pela rua

soleada, crente na sua recuperação moral, certo da sua futura conduta sexual irrepreensível. Porém, suas certezas duravam pouco; bastava

encontrar Odete, Marília ou Ana Dora, bastava ver um quadril rebolando pela avenida ou ouvir uma voz dengosa pedindo uma Coca-Cola no bar do

Agenor que Bibico Nunes logo perdia as estribeiras da vida.

Nesses jogos de vaivém, de erra e perdoa, aos quais se dedicava com tanta faina o nosso peculiar casal, gastaram-se os meses de abril e maio daquele ano de 1965. Foi em princípios de junho que Bibico Nunes teve certeza de que andava sendo seguido por um sujeito escorregadio, uma sombra, que nos momentos mais imprevistos surgia na mesma rua que ele,

ou sentado ao balcão do mesmo bar, ou na mesa ao lado, ou passeando pela

praia onde ele tomava os ares. Foi um susto que veio carregado de premonições; fazia alguns dias que sonhava coisas ruins, e os búzios tinham mandado que tomasse tento, pois corria perigo.

Na verdade, Bibico Nunes correra perigo muito maior dois meses

antes, quando o general, decidido a acabar com a raça do mulato que desvirtuara sua filhinha, chegou a encomendar seu passamento, não sem visitar Ana Dora na casa da tia, avisando-a que estava tomando medidas

extremas. Ana Dora compreendeu exatamente o sentido das meias palavras do pai e foi categórica: se alguma coisa sucedesse ao homem dos seus amores, ela se mataria no meio da praça, em frente à igreja, numa manhã

de domingo, e tal opróbrio mancharia para sempre a honra da família Mendonça.

O general, que não duvidava dos absurdos caprichos da filha, não teve coragem de dar um fim no mulato e desacomendou-lhe a morte, mas deixou um dos seus de tocaia. “Tome nota até de quantas vezes ele vai ao banheiro”, ordenou o general. Bibico era vigiado todas as horas do dia, e três vezes por semana o general recebia um relatório com a lista dos seus amores e encontros furtivos, incluindo as horas que passava com Ana Dora — e com exceção desse item, que o enfurecia até os limites da loucura, o general passou a acalantar certa inveja das conquistas e do fôlego que aquele maldito mulato de olhos azuis tinha para os amores.

Quando Bibico teve certeza de que estavam de olho nele, sua primeira decisão foi romper com Ana Dora. Não queria nenhum milico vigiando seus passos, e muito menos ambicionava findar seus dias de conquistador com a cara na lama fedorenta do famoso mangue onde o regime costumava desovar seus desafetos. Mas seu intento durou pouco: quando terminava de explicar a Ana Dora os motivos do desenlace, esta, com os olhos brilhando, começou a fazer um lento *strip-tease* a poucos metros de Bibico Nunes, e o mulato não viu outro jeito senão arrancar ele mesmo as peças de roupa que ainda sobravam no corpo macio da filhinha do general Mendonça.

No final daqueles amores afoitos, consumados no tapete do quarto de hotel que eles usavam para seus encontros, Ana Dora disse baixinho: — Não adianta, Bibico Nunes. Você nunca há de conseguir me deixar.

Bibico sentiu um arrepio correr-lhe pelas carnes e respondeu: — Não seja matusquela, Dorinha. Quem sabe de mim sou eu — mas duvidava das próprias palavras.

Lá na Rua das Amendoeiras, a viúva Cecília levava a vida como podia.

Assistia aos seus programas preferidos na televisão, ouvia música, bordava e cultivava suas rosas. Sua boniteza, atçada pelo desejo, andava ainda mais saliente; seu colo, mais farto, sua cintura era ainda mais fina do que antes. A beleza não a deixava; ao contrário, iluminava-a numa aurora tardia.

Porém, Cecília vivia angustiada com a intensidade do seu querer. Logo

ela, que experimentara um casamento de vinte anos sem conhecer os

incômodos da paixão, hoje sofria desesperadamente por causa de Bibico Nunes. Do fundo de seus olhos castanhos, às vezes escapava-se um brilho

lúgubre, um mirar cheio de tristeza e de melancolia. Mas isso só quem notava era Dona Nega, que a conhecia a fundo. Os vizinhos nada podiam dizer dela, a não ser que andava mais viçosa, mas as histórias da sua vida

de desregramento ao lado de Bibico Nunes corriam soltas — aquela era mesmo uma época propícia para as fofocas, e alcagüetes não faltavam; ao

contrário, proliferavam feito bactérias.

— Largue desse sem-vergonha, patroa — aconselhou Nega. — Esse

mulato de cabelo loiro só pode trazer desgraceira pra senhora. Todo mundo sabe que foi o diabo quem fez esse nego.

Cecília retorquia sorrindo:

— Pode deixar... A porta da rua é serventia da casa. Quando eu cansar

do Bibico, corro com ele daqui.

Dona Nega não retrucava, mas seus olhos diziam que ela não

acreditava naquelas palavras. Faltava a Cecília coragem para admitir que, como Bibico, ela também era prisioneira daquela paixão, e segurava-se como podia para não cair naquele precipício de amor. Mas Cecília não guardava ilusões: Bibico nunca seria só seu. Por isso, criara o arranjo dos

dias para amar; enquanto respeitasse aquele trato, ainda poderia guardar

dentro de si alguma réstia de tranqüilidade. Esquecia-se, é claro, das noites que passava sem dormir sentindo falta do mulato, dos dias em que volitava

pela casa feito uma desmemoriada, insone de tantos ardores. E esquecia-se

também da falação da vizinhança. Mas fazer o quê, se Bibico entrava-lhe por todos os poros?

Enquanto a viúva vivia seus suplícios, Ana Dora tratava de tecer os fios

que haveriam de unir para sempre sua vida à de Bibico Nunes. Sabia que tinha uma forte oponente, mas suas cartas eram marcadas. Com as outras

mulheres de Bibico, aquelas ocasionais, ela não se preocupava; já a viúva roubava-lhe o sono. Porém, era a filha do general, e este era o seu azar e o seu trunfo. Se ficasse grávida do mulato, aí sim as coisas

estariam resolvidas: o pai não haveria de acabar com a raça de Bibico Nunes se ela

trouxesse na barriga um filho dele. Mas o mulato era bastante cuidadoso com estes assuntos, e Ana Dora ainda não conseguira alcançar o seu intento. Esforçava-se, porém, para agradá-lo na cama, gastando boa parte da mesada que ainda recebia em cetins e rendas, que despia para Bibico nas tardes ardentes dos seus encontros secretos. Quem acompanhava de perto esses ardores era Maristela, que, com o tempo, foi espicaçada pela curiosidade: conhecia de cor os gostos sexuais de Bibico Nunes (Ana Dora

não era discreta nesses assuntos), e passou a sonhar com eles por madrugadas inteiras, acordando banhada em suores e com a boca seca de

desejo.

— E eu que nem imaginava que essas coisas existissem — Maristela

gemia no escuro da noite, ainda avassalada pela realidade dos seus sonhos.

E já estava então irremediavelmente apaixonada por Bibico Nunes e

seus olhos de fundo do mar.

Depois de algumas tentativas malogradas de pôr em prática seus novos

conhecimentos amorosos com o silencioso noivo dos serões no sofá,

Maristela desistiu de vez daquele namoro vitoriano, desencantando-se

daquela criatura magriça, com ares de menino frágil, cujos olhos míopes andavam sempre escondidos atrás das grossas lentes dos óculos. Ela queria

viver emoções fortes, queria andar pelos cantos aos suspiros, como fazia Dorinha. Embora não tivesse dito nada à mãe, até porque não podia explicar-lhe os motivos verdadeiros do seu desengano, Maristela decidiu não mais se casar com seu pretendente.

Foi por esse tempo e nessas circunstâncias que ela começou a invejar

os amores da prima com Bibico Nunes. Encontros às escondidas, poemas libidinosos, marcas roxas em lugares indiscretos do corpo, todas essas coisas faziam-na sonhar com um amor de perigos como aquele.

— Bibico Nunes é homem com H maiúsculo, nunca se cansa de amar —

garantia Ana Dora. — E ainda por cima tem cheiro de maresia. Ele é um fenômeno da natureza.

Revirando-se sob as cobertas, Maristela ouvia a prima descrever-lhe seu homem, e sua inveja crescia silenciosamente. Era já o tempo de fazer alguma coisa — e se Bibico era tanto e tão bom, mais uma mulher na sua

cama não seria peso tão extraordinário. Por conta desse novo amor, Maristela passou dias errando as contas de matemática na Escola Normal,

esquecia os livros em casa, confundia os caminhos e, pasmem, passou a suar em bicas um suor com cheiro de mar. Logo ela, sempre recatada e tímida, não podia mais deitar a cabeça sem que uma avalanche de sonhos

eróticos apimentasse seu sono, e neles o personagem principal era sempre o mulato Bibico Nunes.

3.

A oportunidade que Maristela esperava não demorou muito. Numa tarde em que a prima saía às compras, o telefone tocou sobre a mesinha da sala. Ela estava sozinha em casa, pois a mãe fora tratar da papelada para a abertura da nova quitanda na Vila do Exército.

Maristela tentava escrever uma redação, quando o som metálico da campainha arrancou-a dos seus devaneios. Correu para atender a chamada:

— Alô?

Do outro lado da linha surgiu uma voz quente, morosa, e ela sentiu que um calor estranho se espalhava pelo seu corpo, porque conhecia dos sonhos aquela voz de delícias.

— Por obséquio, eu gostaria de trocar umas palavrinhas com a senhorita Ana Dora...

Num súbito acesso de coragem, Maristela respondeu:

— Ana Dora saiu e volta no fim da tarde. Aqui é Maristela, lembra de

mim? — Do outro lado da linha, ouviu uma afirmativa simpática, e então respondeu: — Pode deixar o recado, eu digo tudinho para ela.

Bibico pareceu titubear, depois disse:

— Talvez seja melhor eu telefonar depois...

— Não! Deixe o recado. A prima não guarda segredos de mim.

Sentado no bar do Agenor e tomando a segunda cachacinha daquela tarde, Bibico suspirou profundamente. Ah, as mulheres, todas elas tinham língua solta... Virou o último gole de pinga e disse com voz quente:

— Se é assim, tudo bem. Diga-lhe que a espero amanhã, às três da tarde. No lugar de sempre.

Maristela sorriu, pois conhecia o lugar de sempre nos mínimos detalhes. Desligou o telefone e, num súbito acesso de euforia, terminou de redigir em dez minutos a redação que antes estava empacada havia horas.

Muito mais tarde, quando a prima voltou do comércio, Maristela não lhe disse uma única palavra sobre o telefonema daquela tarde.

Ia pelo meio aquela ensolarada quarta-feira de junho, e o ar luminoso parecia agrandar o horizonte, quando Bibico Nunes deixou a casa da viúva

para encontrar-se com Ana Dora. Partira depois do almoço dizendo que tinha um pequeno serviço a fazer. Lembrava-se ainda do sorriso cético de

Cecília e da sua resposta: “Ao que me consta, Bibico Nunes, você não trabalha.” Mas às vezes ele trabalhava sim, dissera Bibico, e naquela tarde

fora chamado para organizar um bingo num dos clubes da cidade. Cecília não tivera outro remédio senão acreditar, até porque aquela tarde não constava do trato amoroso assinado por eles, de modo que Bibico saía pela

rua fresca sem que a consciência lhe pesasse — seus pecados de quarta-feira não seriam acrescentados à sua conta de pendências com a viúva Cecília.

Demorou pouco para chegar ao hotelzinho de terceira categoria onde

resolvia seus assuntos com a filha do general. Como sempre, enquanto dobrava esquinas e avançava por ruas, a sombra do seu perseguidor

aparecia a intervalos regulares — Bibico já estava acostumado com aquilo,

e de tal modo que às vezes se segurava para não convidar aquele milico disfarçado para tomar uma cervejinha em certas tardes nubladas, quando a

melancolia lhe pesava na alma.

Depois de registrar-se na portaria cheirando a mofo, Bibico subiu os três lances de escada e entrou no 103 com sua chavezinha torta, que sempre demorava a sair da fechadura. Lá dentro, ajeitou a cama, afofou os

travesseiros e tirou suas guias de santo, guardando-as com cuidado na gavetinha do criado-mudo parcialmente tomado de cupins.

Não demorou muito para que batessem à porta. Bibico tirou um pente

do bolso e ajeitou calmamente os cabelos, depois correu a destravar o ferrolho, e já foi dizendo:

— O papaizinho estava morrendo de saudades... — Ao ver a moça

parada no corredor, sustentando corajosamente um olhar verde e tímido, ele engoliu o resto da frase. — Ué, o que você está fazendo aqui?

— Sabe o que é, Bibico... A prima não pôde vir. — Maristela sorriu-lhe, o rosto corado de ousadia: — Então vim eu.

Bibico passou os olhos pela sua figura. Era mais alta e bem mais corpulenta que Ana Dora. Tinha uma pele clara e ancas largas, presas dentro de um brim curinga. Usava uma blusa amarela, e os seios fartos marcavam o tecido, revelando os contornos de um sutiã tamanho G. Bibico

abriu um sorriso de compreensão, e seus olhos azuis se arregalaram de prazer. Eram dois olhos tão claros que pareciam transparentes, pensou Maristela, perdendo o fôlego. Tentou imaginá-lo sem aquelas duas moedas

de luz ardendo em seu rosto, mas não pôde: Bibico já avançava sobre ela, as mãos macias correndo pelos seus cabelos, e ele dizia:

— Veio substituir a prima... Que boazinha, que boazinha que você é, meu bem. — Maristela sorriu, trêmula, e ele perguntou: — A gente dá um

jeito de se divertir, não é? Você é bem bonitinha, meu anjo. Você é um pedaço.

E depois disso, Maristela perdeu completamente o domínio da razão.

\*

Passaram-se muitos dias, e Ana Dora começou a se preocupar com o

sumiço de Bibico Nunes. Se tinha desaparecido era por causa de um rabo-

de-saia, e Ana Dora gastava as horas esperando notícias dele, um telefonema, um recado que fosse. A última coisa que queria era voltar à casa da viúva para recolhê-lo como a um cão fugido; ademais, o general andava de novo com aquelas ânsias de levá-la à força de volta para casa.

Dois telefonemas, as bisbilhotices da tia Efigênia e aquele carro preto que

às vezes passava horas estacionado na boca da rua eram indícios de que ele

andava espionando sua vida. Se ela fosse buscar Bibico na casa da tal viúva, o escândalo estaria armado.

Acuada na casa dos tios, reclamando dia e noite, Ana Dora nem notava

as mudanças no comportamento da prima. Havia agora um novo sorriso no

rosto de Maristela, e uma calma, um brilho nos olhos verdes, uma vaidade

que se revelava nas roupas mais decotadas, nas saias curtas. Ana Dora atribuía essas mudanças todas ao fim do noivado com aquele bobalhão, pois fazia uma semana que Maristela o correra da sua vida para sempre.

Numa dessas manhãs intermináveis, que gastava mirando o telefone mudo, Ana Dora quis saber:

— O que deu em você, hein?

A prima espanava os móveis assobiando um bolero, e olhou-a candidamente:

— Acho que vi passarinho verde — disse Maristela.

— Pois veja lá com que passarinho você anda se metendo — ela retrucou, mal-humorada.

Maristela pouco se incomodou; na verdade, não sentia remorsos.

Bibico Nunes era um homem do mundo, não de uma ou outra mulher.

Querê-lo só para si era como querer engarrafar o mar.

O terreiro da Yá Lourdinha ficava no final da praia da Cuanza, última

vértebra de uma ruazinha úmida de chão arenoso, pela qual, em noites sem

lua, circulavam certas almas cabreiras, umas, vivas, outras, mortas. Era

tarde; no silêncio daquela hora podia-se ouvir os gemidos do mar ao longe, como se o mar fosse uma criança ressonando pacificamente, mas o motor

do carro preto que veio pela rua esburacada apagou por alguns instantes esses suspiros marinhos, enchendo a noite com um cheiro acre de gasolina

queimada.

O carro estacionou em frente ao portãozinho, onde uma mulher já

esperava; quando ele vinha, não recebiam mais ninguém. Yá Lourdinha fazia questão de sigilo, e dizia que ele não era má pessoa; o problema era o Exu que vinha com ele, um exuzinho teimoso que só vendo, faminto de intriga e, na verdade, sedento de amor verdadeiro. No escuro da noite sem

estrelas, ele desceu do carro e seus dentes brancos pareciam ainda mais brancos quando sorriu para a mulher.

— Yá Lourdinha está lá dentro, general.

— Então vamos de uma vez.

Entraram na casa caiada com teto de telhas de barro, e pelas janelas abertas de par em par, o mar se fez ouvir novamente, misturado com outro

ruído de águas. Era úmido, e o general sentiu um pouco de frio quando foi

levado à sala principal, onde o piso era de chão batido e as paredes, nuas.

Só havia a cadeira da Yá no centro da sala, e a mãe-de-santo lhe sorria.

— Hum-hum... Eu bem que sonhei que vosmecê vinha.

O general Mendonça deu de ombros. Sempre ficava arrepiado ali

dentro, talvez por causa da vertente da Yá, que jorrava do chão a poucos metros, umedecendo a casa com seu hálito.

O general chegou-se perto da Yá, e o seu sorriso era caloroso quando

disse:

— Eu estou cercado de perigos, Yá Lourdinha. Traidores por todos os

lados, por todos os lados.

A Yá riu seu risinho crespo, quase infantil:

— Dá-se um jeito, general. O seu Exu não descansa.

— Os opositores do regime... — ele começou a falar.

Mas a Yá levantou a mão e disse:

— Seu problema é com a menina sua filha. — O general olhou para os

lados, sestroso, mas a Yá falou: — Estamos sozinhos, general. Ninguém aqui

quer engrossar a procissão das almas daqueles que o traíram.

O general Mendonça deu-lhe um sorrisinho sincero:

— Na minha posição, um homem tem que ser duro, Yá.

— Pois le digo, vosmecê veio por causa da menina. E de um nego com

quem ela se enrosca. O seu maior problema é esse.

O general enrubesceu:

— É verdade, Yá.

— Pois não mexa com esse homem, general. O destino de vosmecê está por um fio...

— Mas...

— Não sou eu quem está falando, general. É o lá de cima. Ou o lá de baixo — disse a Yá sorrindo. — No fim das contas, tanto faz.

Dona Nega areava as painelas quando a cara barbuda de Seu Filó surgiu através da abertura. Sua respiração exalava um cheiro de tabaco rançoso, e

Nega fez um muxoxo mal-humorado.

— Bons dias — disse Seu Filó.

Nega sentiu o velho fogo acender-lhe as entranhas e enfiou as mãos debaixo do fio de água que corria da torneira, tentando abafar o súbito calor. Aquele diacho de homem sempre a descompunha!

— Você quase me mata de susto... Estava fumando de novo, não é?

Seu Filó ignorou solenemente a pergunta, mas pediu um suco

geladinho, porque lá fora fazia um calor úmido que em nada combinava com a estação.

— Vem tormenta por aí — ele gemeu, sentando-se no último

degrauzinho da escada, enquanto tirava as chinelas sujas de terra e refestelava os dedos inchados. — Nem parece que estamos em julho. O

mundo lá fora está fervendo.

— Aqui dentro também — respondeu Nega, entregando-lhe o suco

com um sorrisinho plantado no rosto redondo. — Até eu mesma estou fervendo, Filó... Estou em ponto de ebulição.

Seu Filó desconversou, dizendo que passara toda a manhã trabalhando

no pomar, plantando novas mudas de árvores frutíferas. Nega olhou-o com

carinho; gostava de vê-lo remexendo a terra com aquelas mãos nodosas, gostava do cheiro do seu suor, até dos seus humores instáveis ela gostava.

Ultimamente, Seu Filó estava mais amoroso, e os dois andavam num namoro mais ou menos organizado. Noite sim, noite não, Nega dormia com

ele na cama estreita da sua casinha desconjuntada, voltando para a casa da

patroa ao alvorecer com o corpo moído, mas feliz da vida. “Eta homem fegoso!”, ela pensava nessas manhãs, enquanto subia a Rua das

Amendoeiras com o sol nascendo no horizonte, antes de entrar na padaria

e comprar um sovado bem fresquinho para o café da manhã de Cecília.

Por essas e outras, os dois sorriam, aproveitando a brisa fraca que chegava de longe. Mas Dona Nega tinha alguma coisa a incomodá-la, e Filó

perguntou lá pelas tantas:

— Mas que bicho lhe mordeu? O seu sorriso não fica dez segundos na

cara.

— É a patroa — Nega disse por fim.

A patroa andava muito desenxabida, triste mesmo... Comia pouco,

dormia mal, estava até pálida: Nega tinha percebido o tom desbotado do seu rosto.

— Ontem, o tal Bibico saiu daqui ao alvorecer. Quando ele vai embora,

ela fica assim, trstinha... E quando o desgraçado não vem? Aí ela fica que parece passarinho sem asa. Anteontem ela me convidou pra ir ao cinema, e

estava passando uma fita de amor. Ela nem viu os beijos, Filó, de tanto que

chorava, a coitada da patroa... E olha que era uma história linda, nem parecia de mentira.

Seu Filó deu de ombros, calmamente. Não era homem de fazer juízos dos outros; mas Dona Nega prosseguiu, baixando a voz:

— Acho que esse mulato filho duma sem-vergonha anda é levando

dinheiro da patroa. Ela anda tão desencantada!

— Não fale daquilo que você não sabe — retorquiu Filó, enrolando um

cigarro. — Não tem mulher neste mundo que não se apoquente com esses

troços de amor. Mas Nega não se dobrava. Só de pensar em Bibico Nunes, o

sangue esquentava-lhe nas veias.

— Esse mulato... Pegou de jeito a patroa. Pra mim, isso é coisa de macumba — disse solenemente, despejando no ar aquela palavra

assustadora como quem vira um jarro de leite nos ladrilhos da cozinha. Filó

balançou a cabeça numa negativa serena, mas Nega prosseguiu: — É isso,

tenho certeza. O diacho do homem fez macumba pra ela.

Filó deu uma longa tragada no cigarro, deixando a fumaça esquentar seus pulmões. Ergueu-se a custo, estava com preguiça de seguir adiante, mas não ia ficar de fofocas...

— Macumba ou não, Nega, você não tem nada com isso. Cada um que

cuide de si. Eu mesmo, ainda ontem expulsei a vassouradas um moleque que estava escondido no jardim. Decerto o diabinho estava espiando a patroa... Sabe como é, todo mundo no bairro anda falando desse namoro.

Dona Nega abriu a torneira e começou a ensaboar a louça

desanimadamente.

— Pois eu não disse uma palavra pra patroa. Deixei ela em paz —

garantiu o jardineiro. — E você devia era fazer o mesmo.

Filó sorriu em despedida; para ele, o assunto acabava ali. Assim, sem beijos nem nada, deu as costas e ganhou o quintal, ajeitando o chapeuzinho

de palha outra vez sobre a cabeça, enquanto o calor que cozinhava o mundo

subia do chão em golfadas, como se a própria terra arrotasse o fogo das suas entranhas destemperadas.

Bibico Nunes encontrou-a na praia num entardecer do final do mês. O

calor fora de época persistia, e por conta dele a cidade se enchia nos fins de semana.

Era um sábado, hora proibida para estar com Cecília, Maristela estava

trabalhando na quitanda do pai e não havia clientes para aquele dia, de modo que se viu sem afazeres amorosos. Sozinho, gastando tempo, Bibico

caminhava à beira-mar vendo as crianças correrem na areia sob os olhares

atentos das mães ou das babás vestidas de branco, com as carnes escondidas sob uniformes cheios de rendinhas. Bibico pensava nisso, nos mistérios que aquelas roupas ridículas escondiam, nas pernas alongadas, nos seios rosados, nos beijos de uma juvenzinha que pajeava um casal de

irmãos, quando uma mão tocou-lhe o braço, e foi só sentir aquele calor para

que adivinhasse imediatamente quem estava ali.

— Ana Dora... — ele sussurrou, virando-se cheio de surpresa, pois era

a primeira vez uma das suas mulheres o colhia assim, em

desprevenção, misturado à vida cotidiana. E corou inteiro, fazendo luzir ainda mais o azul dos seus olhos graúdos.

Ana Dora, interpretando aquele rubor como vergonha pelas semanas

de sumiço, disse-lhe:

— Eu farejei você, seu malvado. Desde cedo estou aqui nessa praia, pois sabia que você viria.

— Mas eu nunca venho aqui — retrucou Bibico Nunes.

— Mas eu sonhei que você vinha. E você veio. Está aqui.

Bibico amoleceu, esquecendo-se da babá que havia pouco despira com

sua imaginação. Achou Ana Dora mais bonita, mais encorpada e mais

serena. E de súbito a saudade bateu-lhe como uma onda, e ele a abraçou ali

mesmo, com o mar molhando seus sapatos bem lustrados.

— Senti sua falta...

— Seu mentiroso!

— Juro-lhe.

Ela olhou-o, e havia duas lágrimas brilhando no canto externo dos seus

olhos castanhos. Bibico ia secá-las com a manga do paletó, mas viu ao longe, entre as pedras do molhe, a figura quase reconfortante do velho milico que o seguia à paisana havia tanto tempo.

— Seu pai vai ficar sabendo disso.

— Que mal há? — perguntou Ana Dora sorrindo, abraçada a ele. —

Você sumiu e eu o achei. Estou feliz, o resto que vá para o diabo. Não estou

interessada no papai.

Bibico Nunes suspirou:

— Quem vai para o diabo sou eu. Sei pai colocou um milico pra me seguir já faz dois meses. Logo você vai ler da minha morte no jornal.

Ana Dora fez um gesto de desdém:

— Ele não ousaria fazer isso. Já disse a ele que me mato por sua causa.

Já disse: corto os pulsos, enfio uma faca na goela... — Bibico arregalou os olhos, e ela deu-lhe um

sorrisinho: — Além disso, um dia nos casaremos...

Papai não mataria o próprio genro!

Bibico tomou-lhe a mão.

— Seus sonhos não passam de tolices, meu bem. Vamos embora daqui.

E chega desse assunto ridículo de morrer.

Seguiram pela vereda até o caminho que levava, do outro lado das

dunas, a uma ruazinha de pedras. Ali tomariam um táxi, disse Bibico, pressentindo a sombra distante do seu perseguidor silencioso. Mas não tinha medo agora; outra coisa nascia dentro dele, palpitando como um segundo coração, estufando-lhe o tecido das calças na urgência daquele reencontro. Então falou:

— Aquele quartinho ainda nos espera, Dorinha... — e descobriu-se feliz

de tê-la encontrado, depois de três semanas nas quais não gastara um instante sentindo saudades dela.

4.

Retomados os encontros com Ana Dora e estando de vento em popa os

seus amores com Maristela, a agenda carnal de Bibico Nunes andava

cheíssima; porém, ele não deixava de visitar a viúva Cecília. Sempre haveria as novidades, as paixões fulminantes e atroztes, os encontros fortuitos com

deliciosas mulheres casadas que pagavam bem e à vista; mas Cecília era-lhe

algo mais, era como a sua própria cama depois de longa viagem, era seu pouso e sua perdição, era o seu alívio e o seu desespero. Não ia vê-la com a freqüência que ela desejava (ou mesmo que ele, Bibico, desejava); via-se obrigado a faltar em alguns dos dias acordados, mas estava sempre lá, com

seu meio sorriso, com seus aquosos olhos marinhos e seu fogo de homem

que gostava e entendia do riscado. Compensavam-se as distâncias com longas horas extenuantes de amor, mas Cecília, embora andasse muito satisfeita, sentia que alguma frágil engrenagem estava se quebrando: ela começava a perder Bibico, o ardor, ah, o ardor que sempre fenecia afinal dava as primeiras mostras de seu cansaço... Nada havia de palpável, um instante de silêncio, talvez alguma coisa, como um peixe misterioso que ela

pescasse de dentro do azul daqueles olhos. Pistas, apenas pistas. Mas perder Bibico, mesmo que não ainda, mesmo que para o Tempo, era-lhe

impensável.

Naquela tarde, Cecília padecia como de costume. Bibico tinha saído

havia pouco alegando um compromisso com uma turista alemã — pois

Bibico não lhe negava o fato de que parte da sua renda provinha de certos

favores amorosos que prestava às estrangeiras em férias na cidade. Mas Cecília sabia que ele mentira. De uma velhota alemã endinheirada ela não

tinha medo. Temia, isso sim, as imposturas de Bibico Nunes. Assim, ia de sala em sala procurando aplacar sua ânsia, e numa dessas andanças

encontrou sobre uma mesinha a carteira de cigarros que Bibico esquecera

ali na pressa de partir. Agarrou-a quase com fúria. Bibico Nunes estava impossível! Se no início dos seus amores implorava-lhe que o recebesse todos os dias, não apenas às segundas, quartas, sextas e nas noites de sábado, agora sequer tocava no assunto. Era como se tudo estivesse bem arranjado para o seu gosto... Claro, não a visitava jamais em dias proibidos, chegando até a faltar em algumas quartas-feiras, numa antiga segunda-feira ele também não viera, e assim por diante... Dava-lhe como desculpa a

chuva ou o trabalho — como se trabalhasse! —, ou uma gripe que o punha

de cama por dias e dias. Mas quando vinha estava sempre desejoso dela, sussurrando-lhe palavras impronunciáveis por qualquer boca católica

apostólica romana. Ela, que era uma amante saudosa e uma católica

deveras vacilante, cedia-lhe sempre, sem muito questionar... Mas o

resultado daquela ciranda era horrível! Estava nervosa, nervosa, nervosa.

De tão nervosa, ela, que nem fumava, tirou um cigarro da carteira, acendeu-

o e deu uma longa tragada. Uma nuvem de fumaça encheu-lhe a boca subitamente, e em seguida veio a tosse.

Nesse momento, Dona Nega entrou na sala.

— O que houve, patroa? — ela perguntou. E quando viu Cecília com o

cigarro aceso, gritou: — Cruz-credo, dona Cecília! A senhora nunca fumou na vida!

Cecília se sentiu como uma criança pega em travessura. Apagou o

cigarro e disse, ainda engasgada:

— Que foi, criatura? Parece que viu assombração.

— E vi mesmo, dona patroa. Deus me alivre.

— Livre. Deus a livre — corrigiu Cecília.

— Isso mesmo. Falando certo ou errado, Nosso Senhor há de me

entender. A senhora fumando, dona patroa? Até esse vício aquele mulato lhe ensinou? Daqui a pouco a senhora vai estar metida em contravenção...

Olha que os milicos não dão mole, e o deputado, lá onde ele está, não vai poder fazer nadinha pela senhora!

Cecília começou a rir:

— Nega, nunca vi ninguém tão exagerado como você... Desde quando

que fumar é contra a lei?

— Contra a lei não é, mas não combina com a senhora — retrucou a outra, baixando a voz. — E nem essa tristeza, nem esse desconsolo... A senhora pensa que eu não vejo? E quando ele não vem, acha que eu não ouço seu choro? Posso ser analfabeta, mas não sou surda.

Cecília cessou de rir, escorregando o corpo sobre um sofá. A verdade é

que a empregada tinha lá a sua razão.

— Isso é verdade, Nega. Não vou lhe negar que estou sofrendo.

— Tudo culpa daquele mulato duma figa.

— Pode até ser, Nega. Mas se ele me deixa triste, também me faz feliz.

Dona Nega se envergonhou de estar ali, ouvindo confidências da

patroa. Nos tempos do deputado, aquilo seria inadmissível.

— Bem que eu lhe avisei que esse caboclo não era boa coisa. Ele tem

feitiço.

— Ah, lá isso ele tem — Cecília riu.

— Tô falando com seriedade, Dona Cecília. Esse mulato encanta as

mulheradas... Isso é coisa de terreiro, de mandinga. Pra mim, isso é coisa-

feita. Ele é bonito, mas também não é nenhum Roberto Carlos. E desde quando já se viu um pretinho com aqueles olhos que ele tem? — A certeza

engrossou-lhe a voz: — Isso é coisa de macumba da boa.

Dona Nega olhou a patroa de soslaio, e ocorreu-lhe que aquele era um

bom momento para falar-lhe sobre a Yá Lourdinha, a mãe-de-santo mais importante lá da Cuanza, que era tiro e queda nos assessoramentos de futuro. A Yá poderia ajudar a viúva, ela tinha certeza.

Então, tomando coragem, Dona Nega disse:

— Eu tinha uma coisa para sugerir à senhora...

Cecília quis saber que coisa era aquela; Nega pigarreou, deu voltas, remexeu as mãos, e por fim lascou:

— É que eu conheço um lugar muito bom pra resolver essas querelas

do coração. Um lugar que é tiro e queda... A senhora ia se livrar desse problema de uma vez por todas.

— Mas eu não quero me livrar do Bibico! — exclamou Cecília.

— Então ponha ele num cabresto — opinou Dona Nega. — Pelo menos a vida ia ficar mais fácil.

— E que lugar seria esse, Nega?

— O terreiro da Yá Lourdinha.

— Pois então vamos lá esta noite mesmo. Não vamos esperar que o caldo entorne.

E Dona Nega engoliu em seco, angustiada com a responsabilidade, enquanto o suor escorria por suas largas costas da cor de tijolo queimado.

Uma rajada de vento balançou-lhe as saias do vestido assim que ela desceu do táxi, e o salto do sapato afundou mansamente na areia úmida, enquanto Dona Nega avançava até o portãozinho. Dava para ver pouco no

escuro daquela noite sem lua, e a ruazinha sem iluminação parecia o final de alguma coisa, cogitou Cecília, talvez de um sonho ruim.

— Espere por mim, Nega — ela pediu baixinho, enterrando os sapatos na areia e maldizendo-se por não ter colocado alguma coisa confortável nos pés.

— Não podemos perder a hora, patroa. A Yá Lourdinha é muito ocupada.

O terreiro da Yá ficava no meio de um terreno grande, flanqueado por

árvores frondosas. O mar não devia estar muito longe, concluiu Cecília, avançando pelo quintal sem flores, porque sentia aquele cheiro de maresia,

um cheiro palpitante, vívido, e um suave gemer de ondas. Andaram as duas

por alguns metros, e então Cecília pôde divisar a casa pequena, de alvenaria caiada. Não havia porta, mas uma cortina clara se balançava ao sabor da noite.

— Parece que vai chover — gemeu Nega, tentando quebrar o nervosismo.

Cecília abotoou o casaquinho que levava, sentindo um súbito

estremecimento, mais de medo do que de frio. Em frente à casa minúscula,

meia dúzia de mulheres vestidas de branco andava de um lado para o outro. Lamparinas lançavam uma luz inquieta e amarelada, formando

pequenos halos na grama rala. Cecília lançou um olhar interrogativo para Nega e ouviu-a dizer:

— Não se apoquente. Todo mundo aqui é gente de bem.

Nesse momento, a cortina foi afastada e surgiu um homem de cabelos raspados, que lhes disse:

— A Yá está pronta para receber vocês.

Entraram; lá dentro reinavam a simplicidade e o silêncio. O piso era de terra escovada, e não havia ornamentos nas paredes. No centro da peça, a Yá olhava para elas com um sorriso no rosto marcado de rugas.

— Então a vida está empacada, filha? — perguntou a Yá. E sem esperar resposta, disse: — É por causa de um mulato. Humhum... Filho de Xangô e de Euá. Bonito que só vendo, mas Euá sempre foi muito vaidosa das suas crias.

A viúva sentiu que lhe tremiam as pernas. Imagina se o finado a visse

ali, num terreiro? E em busca de mandinga para amor... Ela sorriu meio sem jeito, e sem saber o que fazer, ajoelhou-se ao lado da Yá.

— Eu nem sei como isso aconteceu — disse com lágrimas nos olhos.

Do seu canto, Dona Nega pensou em perguntar alguma coisa sobre Seu

Filó também, mas faltou-lhe a coragem, e ficou-se a olhar a cena em silêncio.

— Do destino ninguém foge, filha — retrucou a Yá, sorrindo. — Os orixás traçam a vida da gente, e nós seguimos feito um barco no rio... Oxalá faça nossas águas sempre mansas.

— Eu estou no meio de um maremoto, Yá.

A mulher segurou-lhe a mão.

— Esse homem é mais seu do que de qualquer outra, filha... Mas ele não nasceu pros amores dessa vida, ele é dos orixás. — Ela ficou de olhos

fechados por um momento, depois abriu-os e disse: — A vida dele é um emaranhado.

Cecília confirmou que Bibico andava sempre metido com algum rabo-

de-saia. Yá Lourdinha soltou um risinho fino, que não era dela, mas parecia

vir de muito longe, de outra boca. Quando falou, sua voz soou mais grave:

— Falta pouco para o destino desse homem completar uma volta

inteira...

— Será que ele vai ficar comigo?

E a voz da Yá ecoou macia outra vez:

— Não se iluda. Esse homem não nasceu pras alianças... Ele sofre

muitos perigos pelo caminho. — Segurou a mão da viúva e disse: —

Vósmecê veio aqui pedir ajuda pra ficar com ele, mas estou proibida de me

meter nos caminhos desse mulato, filha.

— Por quê? — indagou Cecília.

— Tem muitos mistérios misteriosos nesta vida... Os orixás me

sopraram essa ordem nos ouvidos.

A viúva angustiou-se; sentiu os olhos úmidos, a boca seca. Quis saber:

— Ele corre perigo, Yá?

A outra respondeu ternamente:

— Não sei desses segredos, minha filha. Aqui, eu faço o que posso. Sabe

como é: a gente dá de comer a Deus e entrega as sobras pro diabo...

Depois disso, a Yá fechou os olhos e pareceu mergulhar num transe, num sono misterioso e plácido. Dona Nega suspirou; a entrevista estava terminada e ela sequer pudera perguntar sobre Filó. Mas avançou do seu posto até onde a viúva estava ajoelhada e tomou-a pela mão:

— Vamos, patroa...

Cecília olhou-a em sobressalto; depois ergueu-se devagarinho, e a

muito custo foi embora. Quisera poder ficar ali, deixando a vida correr lá fora até o fim dos dias.

5.

A notícia de que dois cadáveres tinham aparecido com a cara

emborcada no lodo do mangue do Pororó não foi matéria de jornal, mas correu de boca em boca, de bairro em bairro, atravessando todos os cantos

e recantos de Rio Partido como um sopro ou uma anunciação. Aqueles dois

mortos pareciam ser um aviso de que alguma coisa muito mais grave estava por acontecer. As pessoas se trancaram em casa, as ruas silenciaram

de repente; os botecos fecharam as portas mais cedo por falta de clientela,

já que ninguém queria beber com medo de soltar a língua e sair dizendo por aí aquilo que não devia ser dito.

Pois foi neste exato dia que Bibico Nunes chegou à Rua das

Amendoeiras numa palidez de dar dó — logo ele, que tinha sempre aquela

tez de canela, aquele brilho de coisa nova, aquele viço de jóia rara. Tão atarantado estava o mulato que nem percebeu a cidade silente, as ruas sem

pedestres, o mar que mal lambia a praia, as gaiotas que estavam

escondidas na ilha enquanto caía uma chuva fina que dava a tudo um ar abstrato, um verniz de umidade, um eco de tristeza.

Era quarta-feira, e ele ia ter com a viúva em dia permitido pelo trato,

embora isso fosse mais um acaso do que um planejamento, pois sua alma

estava por um fio quando ele tocou a campainha do número 133 com os dedos trêmulos e com a garganta tão seca que parecia ter engolido uma colher de areia.

No jardim, alheio à garoa, Seu Filó arrancava diligentemente as ervas

daninhas. Foi ele quem abriu o portão para Bibico Nunes.

— Posso entrar, Seu Filó? — perguntou o mulato com voz rouca.

Filó notou que ele estava cabisbaixo, o desânimo nos olhos de um azul apagado, mas teve preguiça de perguntar-lhe se alguma aflição o feria.

Mastigando seu fumo, respondeu simplesmente:

— Vai entrando aí, meu chapa.

E Bibico Nunes, lívido, sentindo náuseas que lhe roubavam o prumo, venceu o jardim e os cinco degrauzinhos da varanda. Da porta, pôde ver o

vulto adorado daquela mulher que o enfeitiçava, se não a ponto de casar (ele era um desafeito desses elos cruéis), então o suficiente para que não vê-la por três dias o pusesse de cama.

Cecília, que não percebera a presença de Bibico, bordava calmamente

na sua poltrona predileta, porque a visita a Yá, com tudo de inefável que lá sentira, a havia posto mais calma, mais conformada com as inconstâncias da vida e do amor. Parado na soleira, Bibico suspirou profundamente; sentia-se como um homem condenado à força enquanto avançava sem

poder sorrir, até que a viúva ergueu os olhos na sua direção e disse:

— Ah, Bibico! Você me assustou.

No instante seguinte, Cecília notou-lhe a palidez. Uma agonia de

descarga elétrica tomou seu corpo: eram as más notícias que chegavam, justo naquele dia fatídico dos defuntos encontrados no mangue. Ela deixou

o bordado cair no chão e disse:

— Sempre achei que a sua pele era do tom exato de uma boa xícara de café com leite, Bibico Nunes. — E sorrindo tristemente, perguntou: — O que lhe aconteceu, que você chega aqui tão pálido?

— Ah, meu bem... — Bibico gemeu mansamente e apoiou-se na parede com medo de desfalecer.

— Vamos, homem! Diga o que o trouxe aqui numa hora dessas... É tarde demais para o almoço e muito cedo para o jantar.

— Vim aqui lhe dizer, minha adorada — e sua voz engasgouse —, que não posso mais estar com você.

— Mas o que houve? — a viúva quis saber, e as lágrimas já embaçavam-lhe os olhos.

Bibico Nunes a custo segurava o próprio choro. Lá fora, a chuvinha foi

aumentando de intensidade, e pingos gordos como maçãs começaram a

desabar do céu, alagando ruas e enchendo de lama os jardins. Então o mulato concentrou-se, buscou a voz perdida e anunciou:

— A vida preparou uma falseta pra mim.

Cecília Antonia de Alfierrez permaneceu quieta. Olhava-o com seus grandes olhos escuros cheios de inquietação.

— Vou ser pai, Cecília, por isso já não posso mais estar aqui. Vou ser pai de um filho que eu não quis.

— Vai ser pai? — Cecília repetiu, enquanto um tremor sacudia-lhe o corpo.

— Vou. Não posso mais estar com você — e fez um gesto de quem

corta a própria garganta.

— E eu? O que farei da minha vida?

— Tenha pena de mim. Sem você, serei um farrapo de gente.

As lágrimas corriam, quentes, pelo rosto da viúva. No jardim, Seu Filó

defendia as rosas da fúria do temporal com uma proteção de tela,

patinando na lama que corria ao redor dos canteiros.

— Você não vem mais me ver, Bibico Nunes?

— Nunca mais — ele disse num soluço.

E depois disso, desapareceu sob a chuva que lavava o mundo.

A vida de Bibico Nunes tinha virado de pernas para o ar ainda na noite anterior. Estava ele em sua casa, olhando a tardinha mergulhar suas luzes

no mar, quando bateram à porta. Sentado na cadeirinha de palha que ficava

no quintal, Bibico Nunes teve um sobressalto. Quem haveria de ir vê-lo ali?

A vizinha, Dona Neuta, já havia limpado a casa pela manhã; um pão recém-

assado, presente da esposa do Agenor, que apesar de passada nos anos, não

era imune aos seus encantos, esperava sobre a minúscula mesa. Nenhuma

das suas mulheres conhecia seu paradeiro, o misterioso endereço do seu refúgio... Como insistissem em bater, Bibico ergueu-se desanimadamente, subiu a escada de dois degraus, deixou atrás de si a explosão dourada e vermelha do sol que escorregava solenemente para o fundo do mar, e foi atender à porta.

Qual não foi o susto quando, por uma fresta, reconheceu o vulto do general. Tomado de um súbito terror, tentou passar o ferrolho às pressas,

mas o general barrou-lhe a intenção enfiando o bute negro e lúcido no espaço entre a porta e a parede.

— Abra isso, Bibico Nunes, ou você só é macho pras mulheres que engana?

A voz do general silvou nos seus ouvidos. Respirando fundo,

escancarou a porta de casa como um mártir.

— Entre, general — disse ele, tentando conter o tremor na voz de barítono. No fundo da sua alma, soprava-lhe o medo recôndito de morrer

ali mesmo, ainda no auge da beleza e da juventude, naquela casinha que adorava como um altar.

O general Mendonça não se fez de rogado; entrou pisando firme, e as

solas das suas botas ecoaram no piso de madeira. Era um homem de constituição quase franzina, mas havia alguma coisa na sua postura, na voz

e naqueles olhos argutos que lhe dava o tamanho de um gigante.

Bibico Nunes correu os olhos procurando o coldre onde uma pistola

descansava. Suspirou fundo e encostou-se na parede, dizendo:

— Você me matará, general. Mas sua filha há de chorar-me até o fim dos dias — e sentiu que a voz saía-lhe úmida de orgulho. O general teve um

tremelique de desgosto. Ajeitou os ferros na cintura, engrossou a voz e replicou, fitando o mulato dentro dos seus olhos azuis:

— Ainda não vim para matá-lo, Bibico Nunes. Vim chamá-lo à razão.

Por incrível que pareça, eu não gosto de violências... — Deu um sorrisinho

cândido, e rugas feito fósseis de antigos riachos surgiram em torno dos seus lábios amarelentos. Ele prosseguiu: — Mas quando não há outro jeito...

Enfim, a força é o melhor meio de resolver as coisas.

— As suas coisas, general... — disse Bibico, segurando as pernas moles,

e parecia tão lindo ali parado contra a parede, o peito nu e reluzindo de suor, os olhos incendiados de medo azul, que o general sentiu que o peito

doía-lhe, porque o mulato parecia de outro mundo.

— Cada um faz por si nesta vida. Eu faço pela pátria e pela família.

Desta vez, Bibico Nunes, eu não quis mandar o aviso por portador. Vim pessoalmente lhe dizer que você está proibido de ver minha filha sob pena

de eu lhe estourar os miolos. Entendido?

Bibico Nunes aquiesceu.

A arma do general reluzia na semipenumbra da sala vazia. Lá fora, os

passarinhos despediam-se da luz e o mundo parecia mergulhado em

silêncios. Mas, afinal, tinha ele culpa de ser amado por Dorinha? Tinha culpa de querê-la, e de ela oferecer-se com tanto abandono? Riu baixinho,

concluindo que o general, embora fosse posudo, não conhecia a filha que tinha. Depois, tomando fôlego, passou as mãos nos cabelos, no peito, na barriga lisa. Arrumou as calças, estalou os dedos dos pés como quem se experimenta depois de um longo tempo de sono.

— Sua filha não me deixa — o mulato arriscou, sentindo a própria voz

ecoar.

— Por isso eu vim lhe ver, Bibico Nunes. Cada um sabe o que tem a perder neste assunto. No seu caso, é o seu pescoço que está em jogo.

Bibico ouviu-lhe a respiração alterada. Então a voz do general soou novamente:

— Hoje mandei dois desta pra melhor... Digamos que foi dia de faxina.

Mas a conta que eu prefiro é três, sempe gostei de números ímpares.

Como num sonho, Bibico percebeu que o general partia sem fazer

qualquer ruído, orientando-se na escuridão da sala como um morcego.

Sozinho, ele fechou a porta correndo, mas ainda pôde, num átimo, ver o vulto que desaparecia na ruazinha deserta, onde uma lua tímida começava

seu quarto crescente.

Mal Bibico Nunes se recuperava do sobressalto, à base de uma dose cavalari de chá de camomila, novamente bateram-lhe à porta. Dessa vez, o

mulato correu a vestir uma camisa — caso o general tivesse mudado de idéia, não queria morrer de peito nu para que toda a vizinhança visse-lhe o

coração destroçado por um balaço. Instantes depois, pisando leve feito uma

sombra, encostou-se à porta e perguntou baixinho:

— Quem é?

Uma vozinha soou abafada, vinda da noite quase sem estrelas:

— Sou eu, Bibico. A Maristela.

Ele abriu a porta dividido entre o alívio e a raiva.

— Mas com que diabos você tem o meu endereço? E o que está fazendo aqui numa hora dessas?

— O assunto é urgente — Maristela desculpou-se, entrando na sala

minúscula. — Por isso vim. Foi seu Agenor quem me deu seu endereço.

— Talvez eu devesse anunciá-lo no jornal. Não faz nem meia hora que seu titio veio aqui.

— Meu titio? — estranhou Maristela.

— O general. E não veio sozinho; trouxe uma pistola e ameaçou me mandar pro outro lado.

Maristela sorriu distraidamente, enquanto tratava de observar todos

os detalhes da casinha do mulato. Viu os orixás, o fogãozinho, a mesa com a

toalha rendada. Quando seus olhos pousaram sobre a cama, ancorada no fundo da peça e semi-escondida pela cortina improvisada, ela sentiu o desejo arder-lhe outra vez nas entranhas como uma doença da qual jamais

poderia curar-se.

— Desculpe se vim sem avisar... Mas também, você não tem telefone.

Bibico Nunes, ainda agarrado ao trinco da porta, sentiu o coração

bater-lhe na garganta — aquela menina ali numa hora daquelas, boa coisa

não era. Respirou fundo o ar pesado de maresia e quis saber:

— Aconteceu alguma coisa?

Maristela puxou a única cadeira da peça, e como se subitamente se lembrasse do seu estado, ofegou e disse:

— Aconteceu, sim.

Entrava pela janela o suave murmúrio do mar; Maristela buscou a

palavra certa, o fio da meada com o qual teceria sua história, e então começou a falar numa voz mansa e pausada. Estava grávida de algumas semanas, tinha absoluta certeza. E grávida dele mesmo, de Bibico Nunes, posto que conhecera com ele os desvarios e as delícias do sexo. Fizera o exame, e naquela tarde mesmo recebera o resultado. Não tinha dito nada a

ninguém, nem a Ana Dora, coitadinha, que iria ficar tão mal com aquela notícia. Por isso estava ali, para contar-lhe o quanto o amava e o quanto

estava feliz por trazer na sua barriga um filho dele.

— E tomara que seja menino — arrematou, sorrindo.

Bibico Nunes já tinha perdido todas as cores do rosto, até os olhos estavam baços. A cabeça doía-lhe,

doíam-lhe as pernas; ele procurou um canto de parede e apoiou-se ali, temendo um desmaio que acabasse de vez

com a sua reputação.

— Ora, Bibico, não fique assim... Esta casa é pequena — ela disse, correndo os olhos ao redor —, mas dá para o gasto. Eu não sou de luxos, sou filha de quitandeiro, lembra?

Bibico Nunes achou voz para dizer:

— Quitandeiro com as costas quentes. Primeiro a filha, depois a sobrinha... O general vai me furar igual a uma peneira — e cambaleou os metros que faltavam até a cama.

Maristela seguiu-o, tentando amenizar a situação:

— O titio não se preocupa tanto assim comigo, Bibico. Além do mais, se ele mandou você deixar a Dorinha, então eu até estou facilitando as coisas pra todo mundo. — Sentou-se na beirada do colchão e, experimentando sua maciez, arrematou: — A gente vai casar e você esquecerá minha prima. O general ficará feliz, e talvez eu o convide para padrinho do nosso menino.

Estirado na cama, Bibico arregalou dois olhos de náufrago:

— Eu fiz a promessa de nunca me casar, Maristela.

— Não faz mal. A gente só mora junto.

Bibico levantou o rosto, lívido de espanto:

— Também não posso morar junto...

— Tudo bem, Bibico. A gente acha uma casa aqui na rua pra mim. Sou

uma mulher compreensiva... — ela disse, sorrindo e acarinhando-lhe os cabelos loiros. — Vai ser um menino, tenho certeza.

E muito depois de Maristela partir para casa com a promessa de

dormir direitinho e de se alimentar bem por causa da criança que trazia no

ventre, Bibico Nunes gastou o resto da noite devaneando na cama, suando

febres e horrores, com a certeza de que sua mãezinha Euá o abandonara, e que desde então e para sempre ele seria um homem com os caminhos marcados.

6.

Obá é orixá guerreira que usa o branco e o vermelho. É também esposa

de Xangô, que a repudiou quando ela perdeu uma orelha. Por causa dessa

desdita, Obá tornou-se inimiga de Oxum, a dengosa, já que foi por seu conselho que cortou fora a própria orelha, misturando essa cartilagem à comida do seu amado Xangô. Até hoje Obá é infeliz por causa desse ocorrido, e nas suas danças ela briga com a irmãzinha Oxum.

Mas hoje não há tristeza, hoje Obá está alegre, e come pato e come cabra, feliz, feliz como há tempos não se via.

“Seja feito o meu desejo”, diz Obá, sentada à mesa onde repousam

delícias e manjares. “Minha filha Maristela tem no ventre um filho do mulato.”

Lá embaixo, no mundo, a moça vai trilhando a ruazinha de areia sob a

luz mortiça da lua, e de vez em quando ela afaga o próprio ventre, como que para recordar que é dali que virá o futuro.

Mas as alegrias de Obá não passam despercebidas, como também não

hã de passar as de Maristela, que tantos obstáculos precisará enfrentar pelo caminho. Iansã, rainha dos ventos e das tempestades, por ali se achega

e estranha tal comemoração.

“Que festa é esta, irmã?”, pergunta aquela que é dona dos raios.

E Obá diz:

“Eparrei, Iansã, senhora do Rio Níger, cuja bravura nenhuma outra

possui. Te saúdo! Venha beber e cear comigo... Estou feliz porque será meu,

enfim, o homem dos olhos marinhos. Sua seiva derramou-se e foi

fecundada na carne daquela que vem de mim.”

Chisparam os olhos negros de Iansã, como se raios houvessem riscado

as suas retinas. E ela respondeu:

“Como e bebo contigo, irmã. Mas este homem ainda não é teu, pois há

muito futuro pela frente. Nas guerras, o que conta é a última das batalhas.”

Mas Obá estava feliz e pouca importância deu às palavras da Senhora

dos Ventos. Assim, sentaram-se as duas à mesa e puseram-se a comer com grande apetite.

Algumas semanas depois da noite mais tenebrosa que Bibico Nunes jamais vivera, Maristela saiu de casa carregando uma mala com seus pertences. Dera um adeus rápido para o pai e a mãe, sem choros nem grandes explicações, pois tinha certeza de que partia para ser feliz. O

mulato esperava-a no portão, e tão pálido que parecia doente. Mas apesar dos dissabores daquela paternidade inesperada, Bibico Nunes jurava para si mesmo que cuidaria da moça e do bebê, e que dali em diante levaria vida mais regrada, mais compromissada, quem sabe até arranjasse um emprego.

Enquanto Maristela se despedia dizendo que telefonaria em breve para

dar seu novo endereço, no quarto Ana Dora chorava de ódio derreada sobre o colchão, porque tinha certeza de que Maristela, ao apunhalá-la pelas costas, roubava-lhe toda a ventura da vida. Nada mais haveria de consolá-la, e ela se via, aos vinte e poucos anos, num buraco negro e sem fundo, como um defunto esquecido sob a lápide.

Dona Efigênia, vendo a filha cruzar para sempre o portãozinho de madeira, disse baixinho:

— Enquanto a gente cuidava da propriedade alheia, o raio caiu na

nossa casa. Dorinha está lá dentro com as virtudes intactas... Talvez não seja mais virgem, é bem verdade, mas o general sempre pode empurrá-la para algum tenente.

— Eu devia ter percebido — o marido disse tristemente. — Maristela

andava comendo pepinos às escondidas. Ainda na semana passada, ela saiu da quitanda com os bolsos cheios... Disse que ia fazer uma salada.

Dona Efigênia olhou-o com mágoa:

— Maristela nunca gostou de pepinos! Eram os desejos de mulher grávida.

O quitandeiro deu de ombros, enquanto a filha dobrava a esquina de braço dado com Bibico Nunes.

— Ela também nunca gostou de mulatos... E ainda por cima, fiquei sem ajuda na quitanda velha.

Seguiram os dois para a cozinha. Dona Efigênia pôs-se a esquentar uma sopa, resmungando baixinho:

— Tudo isso é castigo de Deus porque a gente ajudou o Mendonça.

Aquela quitanda nova será nossa perdição, eu sinto isso na alma.

Do quarto, vinha em ondas o choro de Ana Dora, e dona Efigênia

considerou que aquele pranto parecia o de uma criança a quem proibiam o

brinquedo predileto. Enfim, sua filha partira, e ficava aquela outra ali... Ah, já sentia falta da sua menina. Imaginou-a barriguda, com aquele rosto viçoso que as grávidas exibiam, e logo uma pontinha de orgulho alegrou-lhe

as feições.

Terminou de esquentar a sopa e serviu o marido. Ao colocar o prato na

mesa, disse resignadamente:

— Daqui a nove meses teremos um neto.

Ao que o outro retrucou:

— O que mais me incomoda é ter aquele mulato sem-vergonha como

genro. Você viu a cara dele quando veio? Parecia que desmaiava... E aquele

olho? Nunca vi mais azul. — O velho suspirou, provou a sopa e conjecturou:

— Se ao menos ele fosse trabalhar comigo na quitanda... Belezudo do jeito

que é, as freguesas iam gostar.

E dona Efigênia ficou olhando o marido sem acreditar no que ouvia, enquanto lá no quarto o choro de Ana Dora começava finalmente a

apaziguar-se.

7.

Bibico Nunes, o fogoso, agüentou o tranco de viver maritalmente até Maristela entrar no oitavo mês de gestação. Como forma de ganhar

dinheiro, seguia visitando suas clientes, mas sempre em horário comercial,

posto que se arreglara para jantar com a mãe do seu filho todas as noites,

mesmo que ela não tivesse jeito com a cozinha e a comida andasse sempre

passada demais ou crua além da conta.

A fama de Bibico Nunes corria de boca em boca, e sempre chegava a Rio Partido alguma dama necessitada de companhia masculina, nem que fosse para um passeio pelo centro da cidade ou para alguma reunião social

em que seria desagradável chegar sozinha. Bibico tinha prazer nessas saídas, e então enfarava-se de boas comidas, de vinho e de alegrias — a vida caseira era para ele um deserto. Na salinha da casa que Maristela alugara com o dinheiro que o pai lhe alcançara para começar vida nova, Bibico se entediava vendo televisão ou ouvindo músicas no rádio. Às vezes,

os dois jogavam biriba por horas e horas, e Bibico tinha a sensação de levar cem anos nas costas, jogando com tal desatenção que jamais saía vencedor

de uma partida.

Por esse tempo, Maristela e o mulato moravam em casas separadas,

mas na mesma ruazinha do mesmo bairro de gente pobre. O único luxo era a praia lindeira e a noite sempre cheia de estrelas. Ali viviam os pescadores e suas famílias, e era tão fácil comprar peixe a bom preço que, depois de algum tempo almoçando e jantando a mesma coisa, Maristela começou a temer que seu filho nascesse com cara de tainha ou de peixe-rei.

Afora esses detalhes, Maristela se adaptou rapidamente à nova vida.

Com parte do dinheiro recebido, comprou uma cama larga o bastante para

os amores e para o parto que estava por vir, um armário para as roupas, outro para os mantimentos e utensílios domésticos, um fogão, uma

geladeira recauchutada, quatro galinhas para ter ovos frescos, uma cadeira

de balanço para ver o pôr-do-sol, um rádio de pilha e um berço. Ali naquela

casa simples, com as paredes de madeira nua e a brisa marinha entrando

pelas janelas, viveu entre risos e lágrimas, um pouquinho saudosa dos pais,

mas cada vez mais apaixonada pelo mulato de olhos azulíssimos cujo amor

a enlouquecera para todo o sempre.

Como era de boa índole e desdobrava-se em sorrisos com a gente da Lagoinha, logo Maristela passou a ser benquista pela vizinhança, e se alguém não lhe retribuía o sorriso, era sempre uma das mulheres que Bibico Nunes excluía da nova vida de futuro papai. Maristela fazia pouco

caso desses amores malogrados e sequer temia que lhe botassem

quebranto — afinal, tinha conseguido arrancar Bibico das garras da própria

prima, isso sem falar na tal viúva do deputado, e não seriam as vizinhas casadas, mães de uma penca de crianças com nariz sujo, que iriam roubar-lhe o adorado mulato, ainda mais agora que trazia na barriga o fruto daquele amor. Sendo assim, vivia em relativa paz. Para ajudar no

orçamento, ensinava matemática para alguns filhos de fregueses que

compravam na quitanda dos seus pais, e também fazia bordados e tricôs que vendia numa feira em domingos alternados do mês. Assim amealhava

algum dinheiro; guardara na caderneta de poupança as sobras do dinheiro

que o pai lhe dera ao sair de casa, e essa era a garantia de que seu filho não

passaria necessidade nos primeiros tempos. Talvez não fosse um arranjo perfeito, mas servia à sua felicidade, pensava Maristela nas tardes tranqüilas que gastava a tricotar no quintalzinho ou caminhando na beira

da praia.

Bibico Nunes, que jamais tivera espírito prático e nunca se havia

imaginado como pai de família, costumava chegar em casa com pequenos

presentes para Maristela ou para a criança, mas eram sempre miudezas, meias de seda, vidros de colônia, chupetas coloridas, flores num buquê, miçangas para um colar.

— Traga feijão e farinha — Maristela pedia-lhe sempre.

E então sorria, porque até mesmo o despreparo de Bibico Nunes para a

vida real enchia seu peito de amor; por sua vez, o mulato se chateava com a

falta de glamour da mulher. Mas ia levando a vida como dava, sem jamais

olhar para trás. Bibico Nunes tentava sobreviver à saudade de Cecília, às vezes se pegava chorando feito uma criança, e eram lágrimas de pura desilusão. Jamais contava sobre esses episódios a Maristela, mas tentava esquecer-los à base de cachaça, e em algumas noites bebia tanto que não sabia sequer voltar para casa, e precisava ser ajudado por um dos companheiros de folgança.

Longe dali, no quartel, o general andava com a alma apaziguada. Antes

mesmo que seus informantes viessem relatar-lhe as mudanças na vida

daquele maldito mulato, a cunhada, dona Efigênia, batera à sua porta, louca

da vida, contando com palavras desvairadas que a sua única filha estava prenhe do tal Bibico Nunes. O general ouviu tudo, depois respondeu com um sorriso:

— É o olho do dono que engorda o gado, Efigênia. Você se descuidou

da menina e é nisso que dá. Veja eu, como sou zeloso. Deu trabalho, mas consegui afastar esse mulherengo da vida da minha Dorinha.

Efigênia fungou alto, e num raro acesso de rebeldia retrucou:

— Pois agora só falta afastar sua Dorinha da minha vida. Ela ainda está

lá em casa, exigindo cardápios especiais para o almoço e o jantar.

O general não se enraiveceu com o tom altivo da resposta. A notícia deixara-o com um humor inabalável, e ele apenas retrucou que a filha se cansaria daquela vida. Em breve haveria de voltar para sua casa grande e

cheia de luxos.

— Enquanto isso — disse —, vou lhe mandando um cheque no final do

mês. Não quero que nada falte à menina.

O bom humor do general, no entanto, estava com os dias contados.

Alguns meses depois, quando a barriga de Maristela já tinha tamanho suficiente para apaziguar os hormônios de Bibico Nunes com uma simples

passada de olhos, Ana Dora criou coragem e foi ter com o mulato que não

lhe saía do coração.

Estava morrendo de saudades e disposta a tudo quando lhe bateu à

porta num entardecer de fevereiro, enquanto a poucas casas dali Maristela

tirava um cochilo.

— Quem lhe deu meu endereço? — quis saber o mulato, com um

sorriso instalado no rosto.

— Foi seu Agenor — respondeu Ana Dora sorrindo. — Eu menti que

trazia um recado do seu sogro... Ele não negaria nada à sua família, Bibico

Nunes.

Bibico sentia-se exultante. Como a sorte fora bater-lhe à porta sem que

precisasse mover uma palha, não era justo se entregar ao remorso... E seria

apenas por enquanto, algo como um indulto por aqueles dias áridos em cuja esteira o ventre de Maristela crescia até não mais poder, rebrilhando

de tanta santidade que bastava uma espiada para o desejo sumir da sua carne. Então passou a mão pela cintura fina de Ana Dora, puxou-a para dentro da casa e fechou a porta com estrondo, deixando o mundo lá fora, sob a luz dourada do sol poente, como um espectador a quem o mágico

subitamente vendasse os olhos.

Amaram-se no chão, pois a cama do mulato continuava sendo um lugar

sagrado; mas depois daquela vez vieram outras tantas vezes nas quais eles

se amaram pela casa inteira, até que estar com Ana Dora tornou-se um hábito diário, como o banho ou a feitura da barba.

Depois disso, os dias passaram sem novidades. Bibico não sentia culpa:

estava sempre com Maristela, atendendo-lhe os desejos e massageando-lhe

os pés inchados toda noite, antes que ela fosse dormir. Seguia perdendo no

biriba, ouvindo rádio e comendo peixe frito todas as noites, e depois saía para estar com suas clientes, já que o verão ia no auge e a cidade estava cheia de turistas.

Foi numa madrugada qualquer que ele desandou a chorar. Quando lhe

perguntaram, Bibico Nunes jamais soube responder se havia sido a lua, alva

como o peito nu de Cecília, luminosa como o seu sorriso, ou se fora a noite

quente, perfumada de flores, mas tão perfumada que ao andar até a praia

ele se sentira intoxicado, que abrisse com mãos de cristal as comportas daquela saudade terrível.

O fato é que desandara a chorar em plena areia, e a tristeza saía de dentro dele como um jorro, alagando sua roupa, formando uma poça de pranto ao seu redor. Bibico quedara-se na praia deserta chorando até o alvorecer, quando então os pescadores que saíam para o mar se apiedaram

daquele sofrimento inominável e foram ter com o mulato.

— Isso é feitiço — disse um, tentando apaziguá-lo.

— Olho gordo — disse outro.

— Lombriga — arriscou um terceiro.

E Bibico Nunes então, envergonhado, sem conseguir segurar o fluxo

daquele choro de mundo inteiro, fugiu pela praia, molhando os pés na água

fria enquanto a quentura das lágrimas lhe corria pelo rosto, vendo a cidade

acordar aos poucos de um longo sono sem sonhos. Correndo sempre,

concluiu que também ele dormira naqueles últimos meses, que sua alma

estivera anestesiada, trancafiada, presa na gaiola daquele amor de fim de mundo, e Bibico Nunes soube então que a única maneira de reviver era estar outra vez ao lado de sua adorada, de sua mui amada Cecília.

Então parou subitamente de correr, e tomado pela certeza daquela

anúnciação, secou o rosto com o dorso das mãos, contou o dinheiro amassado que levava no bolso e tomou o primeiro táxi que pôde encontrar

àquela hora, pedindo que o motorista tocasse a toda para a Rua das Amendoeiras, pois ia tratar de um assunto de vida ou morte.

8.

— Faz muito tempo — ela gemeu baixinho.

E foi com alegria que Bibico notou que os meses não tinham passado

para Cecília. Apesar da saudade e do sofrimento, ela estava ainda mais bonita, mais viçosa e fresca do que ele podia se recordar.

Bibico Nunes chegara sem avisos; Dona Nega tinha ido à feira e Cecília

estava sozinha. Abrira-lhe a porta ainda de camisola, os cabelos soltos, o corpo morno das cobertas. Ela o deixou entrar muito simplesmente,

abrindo-lhe passagem, enquanto Bibico tentava controlar a alegria,

enquanto seus olhos corriam pelo tecido fino da camisola azul,

reconhecendo os contornos, o desenho dos mamilos cor de canela, a curva

escorregadia dos quadris. Ela sorria, titubeava, tornava a ficar séria, duvidando que aquilo fosse realidade, mas um sonho bom tantas vezes sonhado.

Bibico tinha um brilho de febre aquecendo o azul dos seus olhos

quando disse:

— Você não sabe o que eu sofri, Cecília — e não perdeu tempo, atirou-

se a ela como um náufrago que chega à terra firme.

Cecília deixou-se levar. “Quantos meses?”, ela pensou enquanto

escorregava entre aqueles dedos macios. Perdera a conta daquela separação na qual os dias duravam semanas, mas o que importava? Ele voltara. Estava ali, inteiro, inteirinho. O mesmo rosto anguloso, a mesma boca. Os olhos da cor do céu... Ele estava ali, e a febre ardia nos dois como ardera antes.

— Em tudo faltava o seu gosto e o seu cheiro — disse o mulato por fim, enquanto subiam os degraus no rumo do quarto.

— Pois a minha comida não tinha sabor também. Veja, eu até estou mais magra, Bibico.

Ele sorriu:

— Você está mais linda do que nunca. Vamos, minha dama, não há tempo a perder... — e, no quarto, passaram o ferrolho na porta.

Dona Nega estava terminando o almoço quando, lá em cima, a cerimônia do reencontro dos amantes chegava ao final. Abraçados sobre a cama desfeita, eles descansavam da paixão. Lá pelas tantas, Cecília quis saber:

— Em quantas bocas você procurou o meu gosto, Bibico Nunes?

Brincando com os cachos do seu cabelo, ele não se deu por achado e retrucou:

— Só sei dizer que não encontrei.

Cecília fez silêncio por alguns instantes, depois voltou à carga:

— E a outra?

— Está para parir logo.

A viúva suspirou; não era tola de imaginar que as coisas estavam resolvidas entre eles. Quando nascesse a criança, haveria de perder Bibico outra vez.

Como se pudesse ler-lhe os pensamentos, Bibico sussurrou no seu ouvido:

— Nada me faz esquecer você, minha flor. Com nenhuma outra eu passei noites como as nossas...

Lá embaixo, Nega fazia soar as panelas. Cecília considerou por um momento a falta de jeito da empregada, mas depois voltou a fitar o mulato

e sorriu, dizendo:

— Nem só de noites é feita uma vida, Bibico Nunes.

— Estou falando da melhor parte da vida.

A viúva desviou o rosto.

— Há felicidades que eu nunca conheci...

Os dedos de Bibico pararam de correr pelos seus cabelos, e ele a abraçou.

— Não sou nenhum sábio, minha querida Cecília. Mas acredite que a cada um cabe o seu quinhão de alegrias e de dores. Por isso eu não invejo

nada que eu não tenha.

— Só as mulheres dos outros...

— É daí que vem a minha teoria, minha dama. De experimentar o alheio... Mas eu experimento por instinto, nunca por inveja.

A voz de Dona Nega soou na escada, chamando para o almoço; Cecília se ergueu e saiu atrás de um penhoar, dizendo:

— Preciso avisar para pôr mais um prato na mesa. Bibico sorriu satisfeito, espalhado na cama ainda quente:

— Diz que o seu nego voltou. E voltou com fome. — Depois, sorrindo para si mesmo, sozinho no quarto, acrescentou: — E voltou pra ficar.

Mas até ele próprio tinha medo do futuro, e duvidava um pouco daquelas palavras.

Bibico Nunes foi embora ao entardecer, pois na casa do bairro da Lagoinha esperavam-no as obrigações de futuro papai. Antes de partir, com

a felicidade nublando-lhe a percepção de que Cecília parecia um pouco triste, ele disse ainda:

— Agora vou para o meu peixe frito, e ficarei lá sentindo falta de você, meu caviar.

Assim se foi, gingando pela rua ensolarada sem dar atenção às janelas

que se abriam à sua passagem e aos olhares bisbilhoteiros da vizinhança que reencontrava o tema predileto para suas fofocas.

Em casa, à hora do chá, Cecília se sentia estranha. Não era o muito que

amara, ela pensava, que a poria zozza daquele jeito. Nem mesmo a angústia

pelo futuro. Mas estava se sentindo um pouco fraca, e enquanto ignorava propositalmente os olhares de censura da empregada, que maldizia a

súbita volta daquele mulato sem-vergonha depois de tão longo sumiço, ela

disse:

— Acho que vou pegar uma gripe.

— Então farei uma gemada pra senhora. Esse mulato já chega aqui

trazendo doença... Eta nego desgraçado de malandro!

Mas nem a gemada adiantou, nem a aspirina com chá de limão. Cecília

sentia a cabeça latejando e uma fraqueza nos membros, um desgosto de exaustão. Disse que iria se fechar na biblioteca, longe da luz e do calor daquele entardecer de verão, e deixou a empregada na sala sem

interlocutor para as muitas reprimendas que ela queria fazer. Pois Nega achava que o mulato de olhos de vidro estava enganando a patroa, e que não era justo ele voltar assim, como se tivesse saído dali há cinco minutos, depois de tantos meses de um sumiço sem explicação.

— Mas tem gente que gosta mesmo de sofrer — resmungou Nega para

si mesma, enquanto a viúva se fechava na lúgubre penumbra da velha biblioteca do deputado Gomes Alfierrez.

Cecília se atirou na poltrona de couro que ocupava o centro da peça azulejada de livros. Entre aquelas paredes a temperatura era amena, e o leve cheiro de mofo entrou-lhe pelas narinas como que vindo de um tempo

que ela já não recordava mais. Ficou alguns segundos de olhos fechados, o

silêncio penumbroso envolvendo-a como um véu, o sangue latejando nas têmporas.

De repente, sentiu um calafrio. Estaria com febre? Dedos frios e

invisíveis subiram-lhe pelo caminho da coluna, soprando no seu pescoço.

Ela se arrepiou inteira.

— Droga — ela gemeu, subitamente com medo.

A sala parecia mais escura agora, e Cecília se inclinou na direção de um abajur. Porém, ao tentar ligá-lo, a lâmpada fez um clique, rebrilhou um instante e se apagou.

— Ah, queimou...

Bateu com o cotovelo numa pilha de livros que ficavam sobre a mesinha de luz, espalhando-os pelo chão. Cecília bufou de raiva e se ajoelhou para recolher os volumes. Nesse instante, o abajur se acendeu misteriosamente e sua luz morna se espalhou pela sala como um afago.

Cecília recolheu os livros, examinando distraidamente a lombada de um ou outro volume. Quando terminou de empilhá-los, a luz se apagou outra vez.

Ela teve um sobressalto:

— Tem alguém aí?

Temia um ladrão ou coisa pior. Mas nunca tivera medo de alma penada, e talvez o abajur, muito velho, estivesse apenas com mau contato.

Nesse instante, a luzinha tornou a acender, amarelenta e mortiça feito um farol na neblina. E Cecília ouviu uma voz:

— Fique calma, mulher, que sou eu...

Reconheceu-a no ato, como a reconheceria em qualquer lugar e em qualquer tempo; passara vinte anos ouvindo aquela voz a dar ordens, ensaiar discursos e fazer explanações infinitas que deixavam esfriar o jantar nos pratos.

Foi então que a viúva viu o marido morto bem sentado na sua cadeira predileta, como se a vida tivesse subitamente voltado para trás. Numa zona de penumbra para além do alcance do abajur, o velho deputado olhava-a sorrindo, tão calvo quanto outrora, porém bem mais pálido e magro, enfiado no terno negro que fora o seu predileto em vida.

— Eu já disse para ter calma... — repetiu o deputado docemente.

Cecília se persignou.

— Era só o que me faltava — ela gemeu. — Dona Nega colocou alucinógeno no meu chá.

O espectro do deputado riu baixinho e estalou os beijos:

— Essa preta sempre foi meio louca, mas não chegaria a tanto... Eu vim aqui falar com você, minha filha. Não é alucinação sua coisa nenhuma.

Sente-se aqui perto de mim.

— Cruz-credo — disse a viúva com um gritinho.

— Está bem, Cecília, está bem. Sente longe, se você tem medo. Depois de tantos anos fora de casa, é compreensível que um homem não encontre na esposa o mesmo afeto de outrora. A gente tem que aceitar...

Cecília deixou-se cair numa poltrona, dizendo:

— Você não estava longe de casa, Gomes. Você estava morto. Ele sacudiu no ar a mão branca e esquelética:

— Isto é um detalhe, minha filha... Se não lhe fiz mal em vida, não ia fazer na morte. Só vim aqui lhe dar uns conselhos... — e tornou a estalar os beijos.

— E esse cheiro de naftalina?

O morto sorriu. Cecília percebeu que, depois de desencarnado, o

marido parecia ter mais senso de humor do que em vida. No Congresso, diziam-no sério e compenetrado, mas agora ele desfazia calmamente o nó

da gravata e tirava os sapatos, mostrando uns pés compridos enfiados em meias pretas. Quando acabou, disse:

— Isto é cheiro de passado, minha filha. É de lá que eu venho.

Cecília retorquiu:

— Achei que você vinha do céu. Ou do cemitério.

— Digamos que eu vim de uma grande gaveta... E, no meu caso, melhor

cheirar a naftalina do que a coisa pior. Imagine as possibilidades... Até porque não deu pra achar perfume. Vim meio às pressas.

Cecília relaxava aos poucos. Era uma situação insólita demais, mas não

tinha medo. Até estava se divertindo; em vida, raramente eles tinham algum diálogo proveitoso.

— E o que você veio fazer aqui, Gomes? Suponho que não voltou para ficar...

— Deus me livre — disse o morto. — Eu nunca gostei do Castelo

Branco. E a vida política de hoje está uma desgraça, minha filha... Eu vim só falar com você sobre um assunto. Sabe, lá onde eu estou andam circulando

uns boatos sobre você.

A viúva pasmou e quis saber: falavam dela lá em cima? Já não bastava a vizinha maldizê-la aqui embaixo?

— Deixe disso, pois você anda dando pano pra manga... Ainda bem que eu já faleci, assim sou poupado dessa vergonha — ele se lastimou.

O deputado falou então que umas entidades lhe tinham contado que

sua viúva andava chorando por um tal mulato bonitão e cafajeste com o

qual estava de sem-vergonhices havia certo tempo. Todo mundo sabia do namoro dos dois. E ele, o morto, ainda precisava ouvir a gozação dos colegas lá de cima.

— Ainda mais nestes tempos de ditadura, que tem tanta gente passando desta pra melhor...

Cecília retrucou que não precisava mais dar-lhe satisfações, e o

deputado respondeu que não estava querendo se intrometer na sua vida, só desejava ajudá-la.

— Mas eu não preciso da sua ajuda, Gomes.

— Precisa, sim — garantiu o defunto. — Você até visitou a Yá Lourdinha.

A viúva ficou branca qual um círio.

— Isso já faz tempo... Mas como você sabe?

— As coisas se espalham, minha filha. Até no inferno.

— Gomes...

Ele ergueu a mão:

— Esse mulato não é pra você. Asseguro que não é... Esse homem tem uma penca de filhos esperando pra nascer. E nenhum é seu, Cecília.

Ela encheu os olhos de água:

— E nem seriam. Eu não posso ter filhos, você sabe.

— Por isso lhe aviso. — O defunto contou nos dedos descarnados e disse: — Tem três crianças esperando para nascer da seiva dele. E mais, ele

anda brincando com fogo.

— Você está falando da filha do general?

— Não, eu estou é falando do próprio general. Você não imagina,

minha filha, a quantidade de gente que ele manda lá pra cima... Esse Mendonça tem o diabo no corpo. — Suspirou. — E pensar que eu lembro dele quando era um simples sargento que mal tinha coragem de me

olhar

na cara.

Cecília se empertigou. Estava ou não farejando um certo ciúme ali?

Teria o deputado se dado ao trabalho de varar os mundos por ciúme dela?

— E o que tem a Yá Lourdinha com essa história toda, Gomes? —

Cecília quis saber.

— É que eu baixei no terreiro dela por acaso, minha filha. Naquela noite em que você estava lá. — Ele deu de ombros: — Sabe como é... Às vezes a gente fica meio entediado lá em cima. Tudo tão perfeito... Pois eu baixei lá e ouvi tudo. Esse mulato tem a corda no pescoço. Os orixás estão

todos de olho nele. Também, mulherengo do jeito que é. Imagine quantas criaturas do céu e do inferno ele não anda ofendendo com esse

esbanjamento todo...

— Gomes, que eu saiba, você sempre foi católico apostólico romano.

Nunca vi você se interessar por candomblé.

O velho riu um riso enferrujado:

— Depois de morto, a gente passa a acreditar em tudo. Ficaram em silêncio por algum tempo. A viúva pensava em Bibico, o defunto pensava na

viúva. Por fim, o deputado pigarreou e disse:

— Pois é... Estou um pouco atrasado. Só queria que você soubesse que esse mulato tem muita pedra pra quebrar. Vai ser duro você conseguir ficar com ele, minha filha. E olha que o destino dele é um mistério só.

— Mas eu o amo — Cecília garantiu.

O defunto se alterou:

— Você até podia ser mãe desse mulato, Cecília! Além do quê, seria melhor você não meter a mão nessa cumbuca... Lá onde eu estou, não posso

interceder a seu favor. E tem mais, roubar namorado de filha de general é perigoso, não se esqueça de que estamos vivendo uma ditadura militar.

— Ora, Gomes. Não exagere.

— Não estou exagerando... Você lê os jornais, mas os jornais não

contam nada. Eu é que sei o tráfego de almas lá pra cima, eu é que sei... — O

deputado fitou-a com cara de desconsolo: — Ademais, tenho ciúme. Não sou mais de carne, mas também não sou de ferro. Agora me vou. Cuide-se

bem e tome tento.

Sem esperar qualquer resposta, apagou a luz do abajur e sumiu-se nas

brumas da biblioteca, deixando atrás de si um suave rastro de naftalina.

Cecília Antonia de Alfierrez ficou ali, na sua poltrona, as costas muito eretas, espantada por ter experimentado uma visita tão insólita e comovedora.

9.

Ao contrário das previsões do general, Ana Dora não dava mostras de querer sua antiga vida de volta.

Instalada na casa dos tios, ocupava-se tão-somente de visitar o mulato

Bibico Nunes nas horas mortas da tarde, quando a ruazinha onde ele vivia

mergulhava no torpor da sesta, e das janelas ornadas com velhas toalhas de

renda muito limpas evolavam-se os suspiros dos sonhos infantis. Era nessa

hora que Dorinha atravessava a rua, parecendo mais uma figura de delírios, nas suas roupas caras, sempre bem perfumada para regozijo de Bibico, prendendo os saltos dos sapatos no calçamento irregular. Ninguém jamais a vira chegar, a não ser o velho Agenor, cujo bar, que ficava na entrada do bairro da Lagoinha, não fechava para o sono da tarde. Ana Dora cumprimentava-o sem desfaçatez, perguntava-lhe sobre a família, os lucros do bar e a saúde, depois se enfurnava aos suspiros na casinhola de Bibico Nunes, e lá os dois se amavam até as quatro horas da tarde. Quando os primeiros resmungos infantis se faziam ouvir, quando as mães reiniciavam a labuta no tanque e na cozinha, Bibico mandava-a de volta para casa, e pedia-lhe que fosse rápido, pois logo os pescadores sairiam para o mar e ele não queria fofocas a respeito daqueles encontros secretos. Decidida que amar Bibico Nunes era a sua sina e a sua ocupação, Ana Dora se atirou a essa tarefa sem pensar no futuro. Ia longe o tempo dos estudos; ela não mais pensava em se tornar advogada ou professora de artes; seus cadernos estavam esquecidos, e os amigos já não telefonavam mais. Ela era de Bibico Nunes, e a certeza disso a enchia de um fervor quase religioso. Pouco se importava, portanto, com os ares azedos da tia Efigênia, que não se cansava de resmungar que ela estava sobrando naquela casa, e que isso e mais aquilo. O serviço era muito e o dinheiro era pouco, dizia a tia, e muitas vezes, a fim de calar a incansável boca da velha, Ana Dora deixava sobre a mesa da cozinha uma pilha de notas, contanto que isto lhe desse uns dias de paz e de tranqüilidade para melhor amar seu Bibico Nunes. Voltar para a casa paterna era a última coisa que Ana Dora queria, simplesmente porque lá era mais difícil mentir. À tia havia dito que se inscrevera num curso de corte e costura, e como sabia muito bem que a velha Efigênia contava tudo ao general, Ana Dora tomava a precaução de, todos os dias, à mesma hora, entrar pela porta de um sobradinho do centro onde se ministravam aulas de costura e culinária. Depois de trocar meia dúzia de palavras com a moça do balcão de entrada (a quem dava alguns cruzeiros semanais para aplacar qualquer estranhamento), Dorinha saía pela porta dos fundos e tomava um táxi até a Lagoinha, onde gastava o resto da tarde na cama do seu amado. Quando, num certo dia de princípio de maio, o general bateu à porta da casa da cunhada apenas uns minutos antes de Ana Dora sair para sua andança vespertina, ela logo percebeu que havia sido descoberta. Por uns momentos, enquanto passava batom nos lábios e aplicava um pouco de *blush* para melhorar sua cor, não deu importância ao fato. Tinha quase certeza... Sim, disse para si mesma, olhando-se no pequeno espelho

defeituoso, tinha quase certeza de que chegara lá. Mas o pai não devia apressar as coisas, e era preciso ter tato... Assim, olhou mais uma vez pela

janela e viu o carro negro estacionado na calçada em frente. O general, como um cão de caça, tinha farejado a presa. Ana Dora deu de ombros. Sua

sorte era que o velho estava começando a perder o faro.

Acabava de ajeitar os cabelos quando a tia bateu à porta do quarto, e

enfiando o rosto por uma fresta, disse:

— Seu pai está aí, Dorinha, e não me parece com cara boa. — E depois,

como se lhe ocorresse subitamente: — Você tem tirado boas notas no curso

de corte e costura?

Ana Dora devolveu à tia um sorriso torto e retrucou:

— Estou praticamente passada de ano. Faço bainha e prendo uma cava

como ninguém, titia.

A outra aquiesceu e foi servir um cafezinho ao general.

Pouco depois, Ana Dora entrou na sala e encontrou o pai mal

acomodado num sofá, suando demais para a temperatura amena do outono

e com aquele brilho nos olhos que ele só exibia quando acordava com sede

de sangue. Nem bem ela pisou na sala, o general Mendonça se ergueu e disse:

— Você está acabando com a minha reputação, Ana Dora.

— Costurar para fora é uma ocupação muito honrada, papai.

O general corou até as sobrancelhas, suspirou fundo e, perdendo a

paciência, segurou a filha pelo braço:

— Não se faça de boba comigo. Mando você pra um colégio interno.

— Eu já sou velha demais pra isso, papai!

— Eu falsifico seus documentos.

— Eu fujo.

E ele respondeu:

— E eu mando capar aquele mulato desgraçado. — Sua voz tremia, mas ele falava baixo, escandindo as palavras. — Pensa que eu não sei o que você vem fazendo todas as tardes? E com aquele maldito mulato que vai ser pai do filho da sua prima?

Ana Dora abaixou o rosto, buscando qualquer explicação mais ou menos convincente. Mas nada lhe vinha, a não ser a verdade, e então disse:

— Eu amo o Bibico.

— Pois então vai amar um defunto. Eu já deveria ter mandado esse maldito desta pra melhor faz tempo. Não o fiz por consideração a você — e ao dizer isso, a voz falseou-lhe.

— Você não ia matar o pai do seu neto — Ana Dora retrucou por fim,

com a voz melodiosa e um brilho arguto nos olhos. Afinal de contas, era uma jogadora excelente, ela concluiu. Mas tivera um bom professor.

Parado no meio da sala, o general ficou à beira das lágrimas. Tantos inimigos... Tantos inimigos, e a estocada vinha logo dela, da sua filhinha, sangue do seu sangue. Olhou-a sem acreditar. O ventre reto sob o vestido

azul escuro parecia garantir-lhe que ela mentia. Numa voz de animal ferido, disse:

— Não diga bobagens, minha filha. Vai ser pior para todo mundo se você mentir.

— Não estou mentindo, papai. Ainda não fiz o exame, mas tenho certeza. Estou grávida do Bibico Nunes.

— Esse calhorda! — o general bramiu, dando um soco no sofá. Depois olhou-a e disse: — Você tem três dias para me apresentar esse exame...

Caso eu não tenha a confirmação dessa gravidez até lá, vou encher aquele mulato de balas. Quando eu acabar o serviço, ele não vai ser um defunto, vai ser um quebracabeças. Entendido?

De olhos arregalados, Ana Dora aquiesceu.

Na cozinha, tia Efigênia desistia de levar o café. Embora não pudesse ouvir a conversa que acontecia lá na sala, dava para ver que o general estava furioso com a menina. Também, pensou ela, não era para menos...

Uma menina com um futuro inteiro pela frente, com dinheiro e um bom nome, ficar perdendo tempo com aquelas coisas de corte e costura! Deixou

o café na cafeteira e diligentemente começou a preparar um chá de

camomila para acalmar os ânimos familiares.

Orixá da formosura e da elegância, Oxum tomava seu banho e lavava-se com esmero; gostava de estar bonita, gostava que todos os deuses e homens se curvassem à sua beleza.

— Ora Yeyê! — Xangô saudou-a, ele que já fora seu marido. — Oxum

faceira, que usa o adê, por que hoje tu estás tão bela assim, se tamanha formosura chega a ferir os meus olhos?

E Oxum, a das pulseiras, riu seu riso coquete e respondeu:

— Porque hoje é um dia muito feliz. Tu sabes que eu, com as minhas

artimanhas, consigo tudo o que quero...

— Por certo, tu és esperta — bradou Xangô com sua voz potente.

— É verdade, rei do fogo.

— Conta-me então — pediu ele — o que foi que tu conseguiste hoje que te fez assim tão feliz.

— Pois faz muito tempo, nasceu um mulato com os olhos feitos do azul

mais azul, tal e qual as águas do Rio Oxum, do qual, tu sabes, sou rainha. E

tinha ele os cabelos da cor do ouro, que eu tanto gosto. Desse mulato eu nunca mais me esqueci, embora Oxalá, pai de todos nós, não mo tenha dado

como filho... Assim que hoje, nessas águas nas quais me banho, acabei de vislumbrar minha vitória, o meu desejo realizado.

Xangô ficou curioso:

— E que vitória é essa, Oxum?

— Uma filha minha, que por certo herdou de mim a formosura e a

manha de enredar os homens, deitou-se com este a quem cobiço e agora traz um filho dele no ventre.

Xangô sorriu para a deusa das águas.

— Que as outras não me escutem — ele disse —, mas tu és imbatível

nas artimanhas e na elegância. Comemora, pois, que a tua beleza faz jus à tua lábia, Oxum.

E Xangô foi-se embora apressado, rumo às guerras que sempre o

solicitavam. Oxum pôs-se a sorrir, já vestida com seus trajes amarelos. E foi então que ela disse, olhando lá para baixo, para as ruas onde Bibico Nunes

trilhava o seu caminho:

— Se Obá te deu um filho, dar-te-ei dois.

E Oxum saiu contente, tilintando suas pulseiras de prata pelos

caminhos do além.

10.

Maristela experimentou as primeiras dores dias após a visita que o general fizera à filha. Naquele mesmo dia, com o exame na bolsa, e antes de

ver o pai, Ana Dora rumava para a casa do mulato na Lagoinha, a fim de contar-lhe que finalmente estava grávida, e que tal notícia iria, de fato, salvar a vida de Bibico Nunes.

A primeira fisgada rasgou o ventre de Maristela quando ela estava

acabando de lavar a roupa suja da semana. Achou que não era coisa séria,

somente o incômodo de estar debruçada sobre o tanque de pedra com aquela barriga enorme, esfregando os lençóis e as camisas de Bibico. Eram

duas da tarde quando acabou o trabalho e resolveu se deitar um pouco. No

quarto, abriu a janela e deixou que a brisa fresca que vinha do mar aliviasse o seu mal-estar; quando conseguiu dormir um pouco, do outro lado da cidade Ana Dora chamava um táxi que a levasse até a casa de Bibico Nunes.

O carro trilhava as ruas varadas pelo sol de fim de maio quando

Maristela deu um grito e sentou-se na cama. O colchão e os lençóis estavam

encharcados de um líquido claro e inodoro, e a dor que começara horas antes apertava-lhe o baixo-ventre fazendo o suor brotar na sua frente.

Maristela não sabia muito bem que atitude tomar; o hospital era longe e ela

mal conseguia ficar em pé. Chamou pelos vizinhos, mas ninguém ouviu, e quando finalmente pôde

arrastar-se até o quintal, viu que as duas casas lindeiras estavam fechadas e supôs que tinham ido passear no centro e aproveitar a tarde de folga. Encostou-se no portão, trêmula, esperando que

algun milagre viesse salvá-la daquela situação, e nessa categoria estava a chegada de Bibico Nunes.

Mas Bibico estava muito longe dali; na verdade, aproveitava o sábado

na companhia da viúva dos seus amores, e retardava sua partida com a alegação de que não viera estar com ela na última noite de sexta e, portanto, tinha direito às suas horas extras. Enquanto Maristela sofria as dores do parto no quintalzinho de casa, Bibico Nunes ocupava-se em destrinchar um pedaço de galinha, em tomar seu vinhozinho tinto, em beijar o pescoço alvo de Cecília. A viúva, eternamente dividida entre aquele amor e o resto do mundo, de quando em quando perguntava-lhe:

— Bibico, a quantas anda o bebê de Maristela?

O mulato tratava de desconversar. Para fazê-la esquecer esse assunto,

beijava seu colo com os lábios sujos de gordura, dizia lhe poemas regados a

vinho, elogiava o raro tom de verde do vestido que ela levava. Cecília se deixava envolver, tinha a cabeça meio tonta pelo vinho; porém, logo voltava

à carga:

— Bibico, segundo me consta, sua mulher deve estar por parir... Não é

bom sumir assim por tanto tempo. Você está aqui desde ontem.

— Mas eu tenho meus direitos — ele retorquiu. — Este almoço é um prêmio que eu mereço.

— E o bebê?

— Ah, o bebê há de nascer em hora mais conveniente. Além disso, se puxou a mim, ainda demora uns dias. Deve ser vaidoso, vai querer nascer bem bonito.

E punha-se novamente a beber o vinho e a contar causos.

A chegada de Ana Dora foi o milagre que salvou Maristela de parir o

filho sozinha no quintal de casa, pois a filha do general, não encontrando Bibico em sua residência, achou por bem seguir até a casa da prima e interpelar o mulato ali mesmo, esfregando-lhe na cara o exame que

atestava sua gravidez. Ia pela rua deserta naquele sábado de sol, e não sentia remorsos; embora não visse Maristela havia vários meses, agora eram iguais — as duas carregavam na barriga a semente de Bibico

Nunes.

Pouco depois, Ana Dora bateu à porta da casinha e, não obtendo

resposta, contornou o terreno com o intuito de entrar pelo quintal, pois imaginou que a prima andasse por ali, envolvida nos afazeres domésticos.

Qual não foi o seu espanto ao se deparar com Maristela escarranchada sobre o chão de terra, o vestido arregaçado até a virilha, gemendo e chorando desoladamente entre as plantinhas da horta.

— Graças a Deus! — disse Maristela ao ver Ana Dora. — Não quero que o meu filho nasça no meio dos pés de manjeriço, chega de verdureiros na família — e deu um sorriso torto.

Ana Dora acalmou-a, ajeitou-lhe os cabelos desfeitos e jurou que ia buscar ajuda e logo voltaria com um carro que a levasse até o hospital mais

próximo. Maristela só precisava ter mais um pouquinho de coragem, e logo tudo estaria terminado.

— Vai ficar tudo bem — Ana Dora garantiu. — Sendo filha do Bibico, essa criança há de ter sorte na vida.

E depois saiu em busca de socorro, enquanto Maristela esperava a próxima contração.

Duas horas mais tarde, o telefone tocou na casa da viúva Cecília Antonia de Alfierrez, e Dona Nega veio bamboleando da cozinha com as mãos cheias de sabão.

— Alô! — ela gritou com impaciência, pois telefone era uma coisa da qual desconfiava. Do outro lado, alguém pediu por Bibico Nunes, e Nega não teve outro remédio além de ir procurar o mulato. Encontrou-o na varanda, servindo um cálice de licor para Cecília. Fez uma careta de enfado

e anunciou solenemente:

— Telefone procê, seu Bibico. E é voz de mulher. Bibico Nunes se assustou:

— Pra mim não pode ser, criatura. Ninguém sabe que estou aqui.

Cecília suspirou. Era sempre a mesma coisa, o mundo tratava de invadir sua vida e reivindicar a posse daquele mulato de olhos de céu...

A caçoada de Dona Nega rompeu-lhe o fio das tristezas:

— Olha, seu Bibico, tem uma mulher lá naquele telefone que sabe

muito bem que o senhor está aqui. E ela disse que era urgente.

O mulato titubeava:

— Deve ser engano...

Dona Nega batia o pé, impaciente. Uma pilha de louça suja esperava o

seu retorno, mas o mulato ficava de firulas, como se fosse um ator de cinema e todo mundo só estivesse interessado nele.

— De enganos o mundo está cheio — Cecília retrucou finalmente. —

Nós dois somos um deles, Bibico Nunes. Mas este telefonema não é. Se você não quer atender, eu atendo e pronto. Disse isso e foi para a sala seguida por Dona Nega, cuja curiosidade aumentara a ponto de ter se esquecido da

louça. O mulato ficou onde estava, desatinado da vida, sentindo um queimor nas entranhas, enquanto sorvia seu licor aos golinhos até secar o

cálice.

Um instante depois, as duas mulheres estavam de volta. A viúva exibia

uma palidez que entristecia seu rosto bonito. Dona Nega era pura

curiosidade, pois a patroa não dera pistas do assunto.

Cecília parou em frente ao mulato. Olhou no fundo dos seus olhos azuis

e falou:

— Seu filho nasceu faz quinze minutos, Bibico Nunes. Imagino que

vamos ter que tomar outro licor em homenagem ao fato. — E dito isso, começou a chorar, logo amparada por Dona Nega, que se debulhava de pena da patroa.

11.

O menino nasceu forte, muito preto e de olhos azuis feito o pai. Seus cabelos eram uma leve penugem escura que com o tempo encresparia até

virar uma carapinha. Foi consenso entre todas as enfermeiras do berçário

que o menino era tão lindo quanto um bom presságio, e ele pulou de colo

em colo, ouvindo arrulhos e recebendo beijinhos que certamente fariam inveja ao seu pai. Além de belo, era um bebê que chorava alto e que nascera

sem as linhas da mão.

Maristela, quando pegou no colo o filho, depois que a levaram para o quarto, abraçou-se a ele e desandou a chorar.

— Mas o que houve? — quis saber Ana Dora.

— Esse menino é bonito demais... Com certeza vai herdar a mesma sina do pai.

— Sina de desgraçar as mulheres — Ana Dora completou.

— Sina de desgraçar as mulheres e de ir se desgraçando pelo caminho.

Mais tarde, quando a enfermeira de plantão contou-lhe que o menino

não tinha as linhas da mão, um sorriso desabrochou no rosto de Maristela.

— Deixa estar — ela disse, mais animada. — Se as linhas do destino não lhe vieram traçadas, então quer dizer que o menino ainda tem uma

chance de fugir ao fado que o Bibico lhe legou.

Decidiu, então, que o filho se chamaria Jesus.

\*

Bibico Nunes chegou ao hospital bem depois disso tudo. Tendo feito o

caminho a pé, andando num vagar de pânico, aproveitara o longo trajeto para reorganizar seus sentimentos. Não estava preparado para conhecer um filho seu... Ele, que tantas mulheres amara na vida, nunca chegara a se

sentir responsável por alguém. Talvez por Cecília, mas a viúva, de um modo

ou de outro, podia haver-se sem ele. Um filho, não... Um filho precisaria dele para crescer, para falar e ter comida na mesa. Um filho precisaria dele para encontrar um caminho de seu naquele mundo de loucos.

Ia o mulato perdido nessa algaravia de pensamentos enquanto o

mundo escurecia suavemente. Assim venceu ruas e ruas, e quando

finalmente atravessou o caminho que levava ao hospital, seu coração reencontrara certa leveza. Não sabia ainda, enquanto empurrava a pesada

porta de vidro da recepção, mas a partir do momento em que pegasse no colo o seu filho, Bibico Nunes seria tomado por um amor muito maior do que jamais conhecera.

Minutos mais tarde, entregaram-lhe um bebê enrolado numa manta

azul. Bibico Nunes mirou-o com os olhos arregalados feito duas janelas para o mar. Sentia-se inundar por uma emoção inexplicável. Via-se nos olhos do filho, nas diminutas mãos do filho. Era uma emoção serena

—  
agora era um copo cheio, uma árvore que dava frutos, um rio que matava a

sede de alguém. Agora existia de verdade... Emocionado, Bibico pôs-se a chorar, e era a primeira das vezes que chorava com platéia.

No canto do quarto, Ana Dora acompanhava tudo sem dizer palavra.

Deitada na cama, Maristela sorria. Estava plácida como todas as mulheres que acabam de dar à luz.

— Está feliz? — ela perguntou depois de alguns instantes.

Bibico mirou-a com os olhos baços:

— Felicidade é menos do que isso. Estou no céu.

— Ele tem os seus olhos.

— Sou um homem de opostos, espero que Jesus herde o melhor de mim.

Maristela recostou-se no travesseiro e respondeu languidamente:

— É o que todos esperamos. Do contrário, outras tantas meninas deste

berçário haverão de derramar muitas lágrimas pela vida afora. Deus nos livre. É por isso que o chamei Jesus, pra que Deus fique atento a ele.

Depois desse colóquio, Maristela mergulhou num sono exausto. A

enfermeira levou o menino de volta ao berçário, e assim Bibico viu-se na penumbra do quarto sozinho com Ana Dora.

— É estranho que estejamos aqui — ele disse.

Ana Dora não perdeu a deixa, tinha esperado um dia inteiro.

— Vamos lá para fora — ela pediu. — Eu preciso falar com você.

Bibico Nunes aquiesceu, sentindo uma pontada de nervosismo, e

seguiram os dois pelos corredores silentes, procurando um lugar onde pudessem conversar. Acabaram

num banco da recepção. A sala estava tão

cheia de gente e envolta em tal burburinho que era como se os dois estivessem sozinhos ali, pois ninguém prestava a menor atenção neles.

— Até agora não sei como você veio parar aqui...

Ana Dora sorriu e explicou-lhe que fora ela a responsável por Jesus nascer num hospital, e não entre as plantinhas da horta de Maristela. Bibico enrubesceu e agradeceu-lhe a ajuda.

— Não tem de quê. Talvez um dia a prima faça isso por mim.

Bibico olhou-a de soslaio.

— Tínhamos um trato, lembra? Cada um na sua vidinha, e todas aquelas tardes para nós... Não estou entendendo onde você quer chegar,

Ana Dora.

Ela olhou-o por um longo momento, depois abriu a bolsa e tirou dali um papel.

— As coisas mudaram, Bibico Nunes — e entregou-lhe o exame.

— O que é isso?

— Meu diploma de corte e costura é que não é. — Deu de ombros, cansada. Tinha tido um longo dia e, afinal de contas, no seu estado era necessário um certo repouso. — Tenho uma notícia boa e uma ruim pra você.

Os olhos de Bibico cintilavam numa espécie de febre.

— Desembucha de uma vez, Dorinha.

— Este papel que lhe dei é o meu exame de gravidez, que deu positivo,

Bibico Nunes... Meu pai ia matá-lo até a meia-noite de hoje, mas sendo que

agora estaremos em família, você escapou novamente. Como você não é um

gato com sete vidas, acho que lhe prestei um favor... Agora, qual é a notícia boa e qual é a notícia ruim, isso eu deixo pra você classificar.

O mulato não achou nada para dizer. Um leve zunido em seus ouvidos

indicava que sua pressão arterial talvez tivesse baixado furiosamente, ou quem sabe aquela tonteira era fruto das duas garrafas de vinho que bebera

em companhia de Cecília ainda naquela tarde... Mas fazia tanto tempo, ele

ponderou, vendo o corredor se apagar suavemente e o rosto de Ana Dora ir

crescendo, crescendo até rebentar em cores... Fazia tanto tempo e tudo parecia ser parte de outra vida, cogitou Bibico Nunes, antes de desabar no

corredor de ladrilhos do hospital público de Rio Partido.

Dois dias mais tarde, Maristela e o menino receberam alta e foram embora do hospital. Bibico Nunes, um pouco mais magro, acompanhava-os

na volta para casa.

Dentro do táxi, sua cabeça dava voltas. O general ia ser vovô e,

portanto, não teria coragem de matar o pai do seu netinho... Olhando por tal ângulo, a coisa parecia boa. Mas agora teria mais uma família para alimentar e uma pilha de obrigações a cumprir. Ao seu lado, com o filho no

colo, Maristela sorria amorosamente. A maternidade inundara-lhe o

coração de uma doçura sem fim. Quando Ana Dora, apressada em fazer caso da sua própria gestação, contara-lhe que também ela estava grávida de Bibico Nunes, Maristela chegara até mesmo a beijar-lhe o rosto. Afinal de contas, dissera, todos eles eram uma família. Uma família muito estranha, isso lá era verdade... Mas se aquele amor podia ser multiplicado

entre tantas mulheres e ainda assim enchê-las todas de gozo, então iam pelo caminho certo.

O carro fez uma curva e Bibico disse:

— Já estamos quase chegando, meu bem.

Maristela devolveu-lhe um sorriso cheio de gratidão, e ele desviou o rosto discretamente. Na verdade, ainda faltava contar-lhe que o general exigira o casamento de papel passado. Ficou pensando qual seria a reação

de Maristela... Por mais mansa que fosse, aquilo certamente haveria de desagradar-lhe. E quanto a ele? Olhou os dedos longos e morenos. Uma aliança jamais passara perto daquelas mãos... Mas o general exigira e, afinal de contas, era melhor uma aliança no dedo do que uma lápide no cemitério,

considerou Bibico serenamente, enquanto pagava a corrida ao motorista e

auxiliava Maristela a descer do carro com o bebê.

A paz familiar se manteve por muitos dias.

Bibico, enlevado com o menino, fazia tudo para estar por perto o

máximo de tempo possível. Então, Maristela provocava nele uma nova onda

de carinho, e gostava de vê-la nos cuidados com a criança, dando-lhe o banho na pequena banheira azul, ofertando seu peito alvo e cheio de leite

para o menino... Neste afã, Bibico Nunes chegou a acreditar que Maristela era mesmo a mulher da sua vida e que nenhuma outra haveria de entendê-lo como ela, que nunca lhe pedia nada e sempre estava pronta a perdoá-lo por qualquer falta, fosse grande ou fosse pequena.

Mas tal encanto durou até o dia em que Bibico Nunes sonhou com a viúva, e desse sonho despertou lavado em suores e com o desejo fazendo

arder sua carne. Estava em sua cama, sozinho, porque, a despeito do filho, preferia passar suas madrugadas naquela casa, no gigantesco colchão que era seu refúgio e santuário.

Queimando de desejo, Bibico deu um pulo da cama e enfiou-se num

banho gelado. A água não pôde com suas ânsias, de modo que ele vestiu uma roupa às pressas e venceu, porejando de amor, os poucos metros que

separavam a casa de Maristela da sua. Tinha sua própria chave e nem sequer bateu à porta; entrou feito um furacão e enfiou-se na cama de Maristela, que lia um livro à meia-luz.

— Vem que eu estou precisando de você, meu bem — ele gemeu,

puxando-a para si com um sorriso maroto.

Maristela, que a tudo dizia sim, fosse um pedido de sexo ou uma ordem

para que lhe passasse as calças a ferro, enredou-se no mulato com um sorriso manso. Bibico então arrancou-lhe a camisola sem se importar com

seu corpo ainda disforme por causa da recente gestação. Mas quando ia jogar-se sobre ela, lembrou:

— E cadê Jesus?

— Está na sala, no bercinho.

Bibico correu até a sala e, erguendo suavemente o lençol de cambraia

que cobria o menino, soprou-lhe:

— Durma bem, meu anjo — e depois voltou para a mulher.

Maristela o esperava com um gemido preso na garganta, e Bibico

Nunes, ainda ardoroso e encharcado de suor, arrancou a própria roupa, metendo-se na cama novamente. Foi nesse momento que aconteceu: num

sopro, seu sexo abrandou suavemente, caindo-lhe entre as pernas feito um bichinho inofensivo.

Bibico se apavorou:

— Que é isso, meu Deus! Eu nunca broxei nesta vida.

E Maristela soube apenas dizer:

— Isso acontece...

Ele se vestiu e fugiu para casa. Lá, na cama solitária, recordou em desespero o sonho que sonhara, e outra vez viu a viúva no resplendor das

suas carnes, sentiu seu cheiro de flor e as curvas do seu corpo delicioso.

Num minuto estava cheio de ardor novamente.

— Ah, essa viúva roubou minha alma...

Muito mais tarde, quando conseguiu dormir outra vez, sonhou que

estavam os dois juntos, se amando no jardim do solar entre os canteiros que Seu Filó cuidava com tanto zelo, e teve certeza de que a sua paz tinha

endereço certo.

12.

Na tarde seguinte, Bibico voltou à casa de Cecília. Sumira por três semanas, desde o nascimento de Jesus, e seu coração palpitava de

ansiedade. Como de praxe, foi Seu Filó quem lhe abriu o portãozinho de ferro sem dar-se ao trabalho de consultar os desejos da patroa.

— Pode se abancar, doutor — o jardineiro resmungou.

Bibico Nunes entrou com o passo firme de dono da casa; gostava muito

de ser chamado de doutor e até se animou um pouco, apesar dos muitos pavores que sua masculinidade sofrera ainda na última madrugada.

Seu Filó não sabia, porque pouco lhe interessavam as coisas que iam além das suas sementes e das podas, que a viúva Cecília não estava em casa,

mas tinha ido à matinê passar o tempo.

Bibico Nunes cruzou a varanda e a sala de visitas e seguiu pelo

corredor, sentindo um tênue aroma de canela que vinha da cozinha, mas que evocava em sua alma atarantada o perfume misterioso da pele de Cecília. Chamava-a em voz baixa, e assim cruzou duas salas, a pequena biblioteca, o banheiro, a despensa, e então chegou à cozinha, onde Dona Nega preparava um tacho de compota de maçãs, e o cheiro de canela avassalou-o inteiro, fazendo arrepiarem-se os pêlos da sua nuca.

— Ô de casa... — ele disse baixinho.

Dona Nega se virou com a colher de pau na mão e seu rosto suarento

mostrou um certo ar de espanto:

— Cruz-credo. Pensei que fosse um ladrão.

— Sou apenas eu, Dona Nega... Vim ver Cecília.

— Pois ela não está, foi ao cinema ver uma fita de amor — e abaixando o fogo, secou as mãos no avental florido. — Você acha que ela ia ficar para sempre esperando a sua volta?

Bibico murchou como uma flor sem água:

— Mas hoje era o nosso dia...

— Segunda-feira também era e você não veio. E nem no último sábado, nem na semana anterior inteirinha.

Vencido, Bibico puxou uma cadeira e sentou-se. Tudo o que mais

precisava era estar com Cecília, era tê-la em seus braços... Ah, nunca mais

queria viver os suplícios da noite anterior, e a viúva era o elixir para o seu sofrimento. Ela era a sua salvação.

Enquanto Bibico matutava, Dona Nega deixou seu tacho no fogo e

serviu duas xícaras de café.

— Tome, moço. Você não está com cara boa hoje.

— Tive uns probleminhas de saúde... — o mulato gemeu.

Dona Nega aquiesceu tranqüilamente, e, depois de sorver aos goles seu café, falou:

— Foi até bom a gente ficar sozinho, seu Bibico Nunes... Eu queria lhe dizer umas verdades, e na frente da patroa é que não podia ser.

— Umas verdades?

Dona Nega respondeu que andava muito preocupada. A patroa era para ela como uma filha, fazia mais de quinze anos que estava ali naquela casa, cuidando da viúva.

— E não é por salário, não... Eu bem que podia estar lá pros lados da minha terra natal, mas eu me acostumei aqui. E se eu partisse a patroa não teria ninguém pra cuidar dela.

Bibico terminou seu café, e com um fio de voz quis saber:

— E o que tenho eu a ver com isso, Nega?

Nega mirou-o no fundo dos olhos:

— Você está envenenando a vida da Dona Cecília. Essas esperas, esses dias todos que você sumiu... Sei lá, eu acho que ela anda até bebendo...

— Bebendo? — Bibico Nunes espantou-se.

— Pois é. Dia desses, eu vi ela falando com a parede como se o marido defunto estivesse ali.

— Acho que você se enganou.

— Olha, seu Bibico, eu posso ser qualquer coisa. Sou pobre, sou preta e sou quase analfabeta, mas louca eu não sou. A patroa estava falando com a parede, sim senhor.

Bibico suspirou profundamente. Viera até ali à procura de um bálsamo para o seu dissabor, e agora Dona Nega aparecia com aquele causo

estranho... Pensou em Cecília: louca ela não era, mas será que andava bebendo escondido? Teria seu amor, mesmo irresponsável, causado tal

dano na vida da sua preciosa viúva?

A empregada apagou o fogo e tampou o tacho onde as maçãs ainda

ferviam. A cozinha inteira exalava um odor lânguido.

— Você não tem nada pra dizer a respeito do que eu lhe contei, seu Bibico?

O mulato então confessou que ele mesmo não andava muito bem, e que

já não era o mesmo de antigamente. Nos últimos tempos, também a ele sucediam coisas inacreditáveis.

— Você também viu um morto? — perguntou Nega.

— Euá que me proteja... Meus assuntos são todos com gente viva.

— Pois então a patroa está pior do que você. — Mas então olhou Bibico

Nunes atentamente e notou-lhe a palidez e os olhos tristes, de um azul que

parecia desbotado. — Que lhe sucedeu, afinal?

E Bibico, sem saber por quê, confidenciou seus problemas a Dona Nega. Os suores, o choro na praia e a noite terrível que passara, agravada

pela vergonha que agora sentia de Maristela, testemunha do seu fracasso sexual.

— Quando eu fico muito sem vir aqui, ou fico doente ou me sucede uma desgraça. A pior de todas foi essa de ontem à noite.

Dona Nega, embora séria e comedida, deliciou-se com o calvário do

mulato, mas disse:

— Eu, se fosse você, procurava uma boa mãe-de-santo. Você conhece a

Yá Lourdinha?

Bibico Nunes respondeu que tinha ido lá uma vez, fazia muitos anos.

— Pois vá de novo, que aquela mulher é tiro e queda — retorquiou Dona

Nega.

— Eu vou, mas só depois que Cecília chegar. Daqui eu só saio com a alma lavada.

E foi assim..

Duas horas mais tarde, a viúva voltou para casa e encontrou Bibico Nunes cochilando na sala, gastando o sono que não dormira na noite anterior. Mas ao primeiro ruído dos seus passos, o mulato abriu os olhos e

jogou-se nos braços de Cecília, dizendo:

— Ai que eu morria de tanto lhe esperar, minha flor.

Ela enrubesceu levemente, mas achou em si mágoa suficiente para responder:

— Se morresse, não ficava três semanas sem me ver, seu desgraçado.

Bibico beijava seu pescoço quase com fúria. Depois tomou-a em seus braços.

— Vamos lá para cima. Essas três semanas pesaram em mim como se fossem três séculos.

E foi só depois do amor que Cecília ousou perguntar-lhe sobre a criança que Maristela colocara no mundo, ao que ele respondeu que era um menino e chamava-se Jesus.

— Quase nem chora, mama o dia todo.

— O problema dos homens começam quando eles desmamam —

Cecília retrucou, forçando um sorriso.

— Não fique ranzinza, minha flor. O menino não vai me roubar de

você... Nos dias em que estive longe, umas coisas estranhas me

aconteceram. E agora tenho certeza de que o meu lugar é sob os seus cabelos de fogo.

Ela sorriu tristemente, já fazia muito tempo que deixara de acreditar nas juras de amor de Bibico Nunes. Mas só soube dizer-lhe:

— A mim também aconteceram muitas coisas estranhas durante a sua

ausência... Pensando bem, desde aquela noite em que o conheci, não pararam de acontecer coisas estranhas na minha vida.

— O amor é a maior de todas elas — Bibico disse.

De saudades, amaram-se outra e outra vez, de modo que o mulato se

sentiu vingado pelo fiasco da noite anterior. Nos braços dela, voltava a ser senhor dos seus desejos. Muito mais tarde, exaustos, enquanto a noite descia sobre a cidade para além da janela semicerrada, Bibico confessou-lhe:

— A fim de que nossos segredos não aumentem em número, preciso

contar-lhe uma coisa.

— O quê? — perguntou Cecília, sonolenta.

— É que vou ter outro filho. Ana Dora está grávida também.

Cecília Antonia de Alfierrez nada disse, apenas fitou-o com seus grandes olhos castanhos e muito tristes. Lá fora, subitamente fez-se noite pesada e um trovão ecoou pelo céu.

### CAPÍTULO 3

*Quando descobriram a identidade do cadáver nu que repousava sobre a areia na beira da praia, as famílias do morto foram imediatamente avisadas pelo delegado responsável pelo caso, depois que o próprio averiguou devidamente que o passamento do mulato não adviera de quaisquer divergências suas com o general Mendonça. O delegado, inclusive, conhecera Bibico Nunes de outros tempos mais felizes, quando ambos costumavam encher acara e jogar pôquer até que o dia clareasse. Assim, a morte de Bibico não lhe passava em vão, e o delegado andava pelas dependências da delegacia lastimando o fim daquele amigo de velhas pândegas.*

— Avise a mulher do coitado — ele ordenou, enquanto olhava o volume coberto por um pano que jazia sobre a mesa do Instituto Médico-Legal.

— Qual delas? — quis saber o policial subordinado.

— Quantas ele tinha mesmo?

*O policial tentou recordar o teor das fofocas que ouvira a respeito de Bibico Nunes, contou nos dedos suas mulheres prováveis e imagináveis, e disse:*

— Parece que tinha três.

— Pois mande chamar as três — lascou o delegado com voz dura, segurando uma lágrima com a ponta do dedo, ao recordar a tristeza que vira pouco antes na cara do defunto.

*Enquanto as famílias eram avisadas, o delegado mandou providenciar uma roupa de bom gosto para vestir o morto seu amigo.*

— Ele gostava de luxos. . — explicou-se.

*E tirando umas notas do bolso, despachou um policial até o centro da cidade. O delegado, afinal de contas, apesar de participar ativamente dos misteriosos trabalhos do DOPS, sempre fora uma alma muito boa, todo mundo na cidade de Rio Partido sabia muito bem disso, e ninguém tinha coragem de negar.*

*Na delegacia, o telefone tocava. As notícias corriam à boca solta, e a telefonista tratava de dar explicações a um sem-fim de mulheres sobre o findamento do tal Bibico Nunes, e isso que já fazia dois anos!, ela pensava ao desligar o telefone pela décima quinta vez.*

*Assim seguia a barafunda, até que num determinado momento a voz do*

*outro lado pediu para falar diretamente com o delegado, e deu tais referências que a secretária passou a ligação sem mais delongas.*

*O delegado ficou vários minutos parlamentando com o interlocutor misterioso, e, ao desligar o telefone, mandou chamar um secretário.*

*— Me encomende aí o esquife mais elegante que houver na cidade. E não*

*se preocupe com gastos, que tem uma madama bancando o negócio. Mas capriche, que a tal madama tem as costas quentes. — E, suspirando, acrescentou: — Ah, esta cidade perdeu parte da graça desde que o Bibico sumiu. Agora vai ficar mais triste ainda, com toda essa mulherada de luto!*

*Horas mais tarde, duas mulheres chegaram à delegacia. Uma era loira e*

*magriça, miudinha. Tinha os olhos castanhos e vivos, e um rosto pálido de tísica; vestia-se simplesmente, mas andava com pretensão, e todo o pessoal se derramou em solitudes comela. A outra era alta, cheia de carnes, ancas largas e cabelos castanhos, e seu rosto exibia um par de tristes olhos verdes; trazia pela mão um menino de pele escura que aparentava uns três anos, mais ou menos. O menino entrou e ficou olhando tudo com seus grandes e belíssimos olhos azuis, e o delegado precisou conter novamente o choro, tão parecida era essa criança com o falecido e inesquecível Bibico Nunes.*

*Depois que todos se acomodaram, o delegado contou-lhes a situação, e*

*sua voz era cheia de pesar. Era difícil dar por certa a morte de criatura tão querida, um inimigo dos comunistas, um pai tão zeloso, um marido tão bom.*

*Quando o delegado disse essas últimas palavras, a mulher loira pôs-se a chorar, fato que gerou uma procura geral por lençinhos de pano entre todos os policiais da delegacia. Já a mulher morena permaneceu muito quieta, os olhos pousados no seu menino.*

*O delegado guardou um respeitoso silêncio por alguns minutos, mas então ocorreu-lhe uma pergunta:*

*— Queiram as senhoras me desculpar, mas não está faltando uma mulher aqui?*

*A morena mirou-o com seus olhos macambúzios e respondeu:*

*— Não adianta esperar por ela, doutor. Ela não vem hoje.*

*— Ué, por quê? — perguntou o delegado.*

*Ao que a moça esclareceu:*

*— Porque hoje é quinta-feira.*

1.

A chuva tinha amainado quando Bibico apontou na ruazinha silenciosa

que guardava o terreiro da Yá Lourdinha. Ele seguiu pelos caminhos escuros e tristes, acostumado aos buracos no chão, às fachadas invisíveis das casas pobres que dormiam sob o chuvisco.

Bibico caminhava evitando com cuidado as poças d'água. Logo viu-se

em frente ao famoso portãozinho, e não hesitou em entrar. Já pisando o caminho que levava à casa, uma certa angústia apoderou-se do seu peito.

Ele avançou com o coração aos pulos: lá estava a casinha branca plantada

no meio do terreiro, e uma porta aberta indicava-lhe que podia entrar.

Logo uma moça surgiu lá de dentro e perguntou:

— Vósmecê veio ver a Yá?

— Sim, vim ver a Yá — disse ele.

— Pois ela está lhe esperando. — E sem maiores explicações, mandou que Bibico entrasse.

Velas tremeluziam nos cantos, formando desenhos inquietos nas

paredes brancas. Por dentro, como ele se lembrava, a casa exibia a mesma

pobreza austera do exterior. A água rumorejava na pequena peça de chão

batido, de modo que a sala parecia imersa na corrente de um rio muito

calmo. Bibico ficou sozinho por alguns instantes, e logo depois entrou a Yá; junto com ela veio uma rajada de vento frio.

— Demorou, meu filho... — e sua voz era rouca e doce.

Ela vestia-se toda de branco, e suas roupas claras pareciam atrair a luminosidade das velas. Bibico esfregou os olhos, e a Yá tocou-lhe o topo da cabeça com seu braço cheio de pulseiras.

— Eu o aguardava — disse a Yá, e sua voz tilintava igual ao metal dos seus atavios.

— A mim? — indagou Bibico, atônito.

— Sim, era vassuncê que eu aguardava. Muita gente tem vindo aqui

falar de vassuncê, meu filho... E não tem outro com esse seu olho azul. Nem com esse cabelo de ouro.

Bibico agradeceu, envaidecido.

A Yá riu:

— Não tava lhe elogiando, meu filho... Tava era descrevendo vassuncê.

— Ela suspirou longamente e disse: — As coisas andam ruins... Entre os orixás e os milicos, você vai mal. Mas também, que mania de guiar sua vida

pela manguara, meu filho. Assim as coisas só ficam piores. Mas isso estava escrito pra acontecer...

Bibico estava nervoso:

— Isso o quê, Yá?

— Isso tudo, meu filho. A sua vida... É que desde o seu nascimento que os orixás lhe disputam. Quando você nasceu, as deusas se apaixonaram.

Isso vem acontecendo ao longo dos tempos, desde sempre... E nunca com resultados bons.

— E o que eu faço?

— Não fazer nada é o melhor. Se bem que vassuncê já fez foi muita coisa... Esses filhos todos, já pensou? Mas isso é porque vassuncê tem muito fogo, fogo de Xangô.

— Mas quem está me disputando, afinal de contas?

A Yá fechou os olhos por algum tempo, vasculhando no escuro das coisas não ditas. Depois mirou Bibico Nunes:

— São três, meu filho. São três mulheres, são três deusas. Vassuncê está no meio delas, e cada uma puxa prum lado.

— Mas quem são elas?

— As mulheres vassuncê conhece. Com elas, vosmecê se deita... Mas as

deusas brigam de longe. Para cada mulher, a vontade de uma deusa, entendeu? Na alma de cada mulher, a alma de uma deusa... Em cada palavra, a palavra de uma deusa. E em cada lágrima, o choro de uma deusa.

Bibico arregalou os olhos.

— Mas isso parece uma charada.

— A vida nunca foi um livro aberto. Mas não se preocupe com isso.

Quem vai ganhar a batalha não é nenhuma delas...

O mulato sentia o suor escorrendo por suas têmporas, molhando o

tecido da camisa. A Yá olhou-o no fundo dos olhos, lendo as dobras da sua

alma como se bebesse da fonte dos seus pensamentos. Logo ele,

conjecturava Bibico, que sempre se imaginara dono e senhor de todas as mulheres, agora era a caça. Uma espécie de presa dos deuses...

— Quando vai acabar essa disputa, Yá?

— Isso nem Oxalá sabe, meu filho. Vassuncê vai vivendo seus dias, vai

amando seus filhos, vai rezando pra essas nuvens saírem do seu caminho. E

tome cuidado com o general.

Dito isso, a mulher se levantou solenemente, acarinhou a cabeça

dourada de Bibico Nunes e sumiu-se pelo mesmo nicho da cortina por onde

havia surgido.

Enquanto Jesus sugava o peito da mãe e Ana Dora se mudava para a casa da prima Maristela, que a convidara para aguardar junto de si a época

do nascimento do seu próprio filho, Cecília andava às voltas com seu

marido defunto.

Tomado por incontrollável saudosismo, o deputado pegara gosto em

visitá-la nos momentos mais imprevistos do dia. Vinha à hora do banho e

postava-se ao lado da banheira, fitando-a com seus grandes olhos opacos.

De vez em quando dizia:

— Você não ensaboou aqui.

Ou ali. Ou acolá. Mesmo morto, o deputado ainda era perfeccionista ao

extremo, e Cecília, a contragosto, obedecia-lhe por força do hábito.

Às vezes ele vinha na hora do jantar, mas sempre quando Bibico Nunes

estava ausente, porque não suportava a idéia de ver sua amada de

chamegos com o mulato de olhos de vidro. Cecília, então, comia tendo o defunto por companhia, o que lhe roubava o apetite.

— A senhora está comendo feito passarinho! — Dona Nega reclamava,

irritada com a frugalidade da patroa. — É por isso que está com essas olheiras...

— É que ando sem apetite — desconversava a viúva.

E o deputado ali, volitando pela sala feito uma mosca grande demais, controlando desde o conteúdo das panelas até a contado mercadinho.

Certa vez, já cansada de tantas e tão inesperadas visitas do além, Cecília chamou o morto à razão. Estava ela bordando em sua cadeira predileta, à espera da visita do seu amado Bibico, quando bem à sua frente

materializou-se o finado. Sorrindo como se chegasse em casa depois de um

longo dia de trabalho, ele se sentou ao seu lado, repousando a mão fria sobre sua coxa.

Cecília não gostou daquela chegada repentina, como quase nunca

gostava. Afinal de contas, Bibico estava por vir e Dona Nega andava circulando por ali — o que diria a empregada se a visse de colóquio com o

marido defunto? Como se já não bastassem todos os problemas que lhe causavam os vivos, agora um morto vinha engrossar esse caldo. Assim, puxou sua perna para o lado e, apertada num canto da poltrona, perguntou:

— Escute, Gomes, lá de onde você vem não andam estranhando o seu sumiço? Pois se você está sempre aqui em casa... Faça chuva ou faça sol, seja dia ou seja noite, quando eu menos espero você está aqui.

O morto arregalou seus olhos lânguidos e disse:

— Ninguém lá em cima reclama das minhas escapadas. Afinal, eu tenho

certas regalias... Tenho imunidade, minha filha. Além do mais, ultimamente

sobem defuntos demais pra eles prestarem atenção em mim.

— Compreendo que a eternidade seja longa e que lhe sobre tempo,

Gomes... Mas o que você quer aqui, que não me deixa em paz?

— Estou espiando você — disse o pobre, com os olhos úmidos de

tristeza.

Cecília fitou-o longamente. Já havia passado o tempo em que tivera paciência com as dores do marido. Todo o sentimento que nutrira por ele

havia escorrido para fora dela com as lágrimas do luto; agora estava curada de qualquer saudade. Ademais, ele estava atravancando sua vida.

— Eu entendo, Gomes... — ela ponderou. — Mas é que você está sempre na minha cola, sai dia e entra dia. Vive me pregando sustos... O que é que eu ganho com isto?

O defunto deu de ombros:

— Desculpe, Cecília. É que a vontade que eu tenho de vê-la é mais forte do que a lógica. E depois que eu descobri o caminho...

— Acho bom você partir agora, Gomes. Tenho um compromisso, você sabe. Estou aqui esperando o Bibico.

O fantasma do deputado sorriu tristemente e quase se evolou no ar.

Mas ainda levitando por sobre o sofá, proferiu:

— Hoje o seu mulato há de se atrasar... São nove horas da noite, e ele só vai chegar depois das onze — e dito isso, desapareceu no ar.

Cecília Antonia de Alfierrez deixou-se ficar ali, pasmada.

2.

Ana Dora estava na sala, pensando nos seus segredos e brincando com

Jesus, quando bateram à porta. Pela urgência e pela força do toque, já adivinhou quem era. Bibico costumava dar duas batidinhas miúdas e secas,

os dedos de juntas delicadas não tocavam a madeira, mas acarinhavam-na

como se fosse um instrumento. Aquele que batia tinha punhos de pedra. Na

quarta batida, ela se levantou, ajeitou o vestido floreado que cobria a barriga de cinco meses de gestação, alisou os cabelos desfeitos, acomodou o

menino em seu bercinho outra vez e, com um suspiro, foi receber o pai.

— Eu sabia que era você — ela disse.

Parado à soleira estava o general, o uniforme luzindo, os cabelos ralos

muito bem penteados e aqueles olhos que espetavam, furiosos.

Na rua silenciosa, o sol definhava lentamente, e na esquina um grupo

de meninos descalços brincava com bolinhas de gude. O general nem se deu

ao trabalho de sorrir para a filha; fez um gesto amplo que abarcava a rua, a casa, o quintal, e disse numa voz cheia de desdém:

— Então foi isso que você escolheu fazer da sua vida?

Ele adentrou a sala exígua, e o estrondo das suas botas negras

arrancou um gemido do pequeno Jesus, cujos olhinhos azuis miravam-no

com espanto. Ana Dora, com uma paciência que o general desconhecia, tomou-o no colo, sussurrou-lhe umas palavras doces e apaziguadoras.

Depois, mirou o pai e retrucou:

— Você não conhece o amor. Se conhecesse, entenderia. Estou sozinha

com Jesus, Maristela foi até a cidade.

O general estendeu-lhe uma sacola que trazia na mão esquerda:

— Tome — disse ele, mirando de soslaio a barriga da filha. Era uma barriga redonda que pulava dos quadris estreitos. — Sua mãe teceu umas

roupinhas pro bebê.

Ana Dora ensaiou um sorriso, mas o general atalhou:

— Eu não vim aqui falar dessas firulas femininas. Vim aqui lhe dizer que aquele maldito mulato tem uma dívida comigo. E com você também.

Chegou a hora do nosso acerto.

A moça acarinhou a barriga e sorriu para o pai. Ele estava

envelhecendo, pensou ela tristemente, e já se viam as cãs surgindo suavemente em suas têmporas. Tinha algo a contar-lhe, mas havia tanta raiva naquele rosto... Os olhos do velho soltavam chispas, enquanto o pequeno Jesus parecia enfeitiçado pela arma que lhe saía do coldre e tentava esticar os bracinhos para tocá-la.

Ana Dora colocou novamente o menino no bercinho, e falou:

— Papai, eu estou feliz... Ainda ontem fui ao médico e ele me contou uma novidade. — O general olhou-

a com um brilho de ânsia nos olhos duros, e ela prosseguiu: — Vou ter gêmeos. Ainda nem contei pro Bibico.

Na verdade, você é o primeiro a saber.

— Gêmeos! — berrou o general, empalidecendo subitamente. —

Maldito mulato...

— Ora, papai... Eu sempre lhe disse que Bibico era um homem especial.

— Para o caralho com este Bibico! Já não basta ter dormido com você, ter embuchado você. Não, o desgraçado ainda por cima lhe faz gêmeos!

Assustado, o pequeno Jesus desatou a chorar.

— Você está gritando, papai...

— Faça esse menino ficar calado — bramiu o general, rubro de cólera.

— E na sexta-feira me esteja às dezoito e trinta horas na Igreja do Sagrado Coração de Jesus. E vá de branco, com um vestido largo. — Depois tirou do bolso uma pilha de notas e atirou-as sobre o sofá. — Compre alguma coisa bonita. Não quero filha minha casando feito uma mendiga.

Ana Dora abriu um sorriso:

— Ah, papai, então era isso... — Correu a abraçar o velho que, empertigado, sentia o volume daquele ventre contra sua própria barriga meio flácida. — Ah, papai, muito obrigada! — E de repente ocorreu-lhe uma idéia: — E o Bibico, o que ele irá dizer?

O general abriu um sorriso enigmático:

— Já mandei avisá-lo, minha filha.

Pegaram Bibico Nunes numa esquina do bairro da Pitoba, quando ele saía, madrugada alta, da casa da viúva Cecília. Foi uma sumanta muito bem aplicada: não lhe deixaram nenhuma marca do pescoço para cima; porém, muito mais tarde, quando Maristela aplicava compressa nos hematomas do

seu peito e da barriga, Bibico Nunes chorava feito uma criança, com o torso

tudo pintado de negro e cheio de vergões e de lacerações. Mas o general avisara que o noivo precisava estar andando dois dias depois, e que nenhum dos três homens podia quebrar-lhe qualquer ossinho do corpo.

“Nem uma única costela”, avisara o general. Era só para bater, mas bater com cuidado.

Bibico não lembrava de onde lhe viera o primeiro soco. Uma mão

surgira do escuro de um beco e sapecara-lhe o rosto. Depois outra e outra,

até que dois homens o seguraram enquanto um terceiro esmurrava-lhe o ventre e a barriga. Enquanto apanhava, lembrou-se de uma cena antiga: sua

mãe batendo bifos sobre a pia da velha casinha da infância, e chorou de

tristeza no escuro do beco.

No fim, antes de o deixarem caído no chão junto a uma lata de lixo vazia, uma voz soturna avisou-lhe:

— Este é o presente de casamento que lhe manda o seu sogro, o

general. O senhor volte pra casa e descanse até depois de amanhã. Às seis e

trinta de sexta-feira, esteja na Igreja do Sagrado Coração de Jesus. E vá de terno, porque o general quer um noivo bem ataviado e, segundo consta, o

senhor gosta dessas frescuras de andar bonito... — Bibico ouvia tudo das lonjuras da sua dor, e cada palavra se cravava nele feito uma faca. O outro

continuou: — Não falte a esse compromisso; o general detesta

contratempos.

3.

Ana Dora Mendonça foi uma noiva deveras contente. Bonita nem

estava tanto, pois a gravidez roubava-lhe parte do viço. Mas nos seus olhos

cor de mel ardia um brilho de genuína alegria: o que ela mais queria na vida era casar-se com Bibico Nunes, e durante toda a tarde que gastara se ataviando, este pensamento adoçou-lhe a alma.

Maristela, que a ajudou a comprar o vestido e a preparar os detalhes da boda, mal tivera tempo para lamentar-se, pois também estavam a seu encargo as necessidades do menino e as feridas de Bibico Nunes, que na sua cama, a duas quadras dali, maldizia o mundo e o general, mas estava plenamente certo de que devia casar. Faltar àquela cerimônia seria a morte,

e o general já lhe havia mandado uma amostra grátis do que o esperaria em

tal caso.

Ana Dora seguia alheia aos sofrimentos do mulato. Tinha certeza de que, após o casório e com a ajuda do pai, as coisas haveriam de se acertar.

Talvez Bibico conseguisse um bom emprego público e pudesse sustentar com folga as duas famílias. Pois Ana Dora não se importava com Jesus e com a prima Maristela; ao contrário, queria viver perto dela — o tempo lhes havia ensinado a dividir o mesmo homem sem grandes atritos. A viúva,

no entanto, era um assunto a ser discutido depois das núpcias, pois não suportava a idéia de ver Cecília por perto, e se fosse o caso, haveria de recorrer ao pai.

Ana Dora fazia planos como se não soubesse que casava com um

homem acostumado a ter um sem-fim de mulheres, um malandro

inveterado que jamais se encaixaria numa repartição pública, num

escritório, numa secretaria qualquer. Com o dinheiro do pai, um dia antes

do casório ela comprou um vestido que lhe caiu mal por causa da barriga.

Mesmo assim, achou-se linda ao mirar-se uma última vez no pequeno

espelho que ficava no quarto, e contemplando-se, proferiu:

— Que ninguém duvide de que sou a mulher mais feliz deste mundo, e

a única a conseguir enfiar uma aliança no dedo de Bibico Nunes.

A igreja estava vazia. Quando Ana Dora chegou, acompanhada dos pais, a última missa terminara e os fiéis já tinham ido embora. Uma senhora gorda tocava a “Ave-Maria” numa pianola, e a esposa do general não pôde

conter algumas lágrimas que lhe rolaram pelo rosto empoado.

— Não acredito que você está chorando — o general disse, zombeteiro.

— Chorar, só se for de tristeza pela vergonha que a nossa filha está nos fazendo passar.

— Ora, Mendonça — a mulher retrucou com voz anasalada, secando as

lágrimas com um lençinho de seda. — Qualquer casamento toca o coração

da gente... Não seja tão duro com a Dorinha.

— Se eu fosse duro com ela, não estaríamos aqui para um casamento, e

sim pro velório desse maldito Bibico Nunes.

O padre os esperava no altar, bem ajeitado na sua batina negra e sorrindo cheio de júbilo por salvar do rebanho pecador mais uma ovelha.

“Ou duas”, pensou o padre, atônito ao ver que a noiva estava em avançado

processo de gestação e sem saber que ela não carregava uma cria na barriga, mas duas.

Não havia convidados para a cerimônia; na pressa dos acontecimentos,

Ana Dora chamara somente Maristela, mas essa não achara em si fibra suficiente para ver casar o homem de seus amores e preferira ficar em casa

sozinha com o filho. A noiva, porém, pouco se importava com a falta de platéia — queria mesmo era casar o mais rápido possível, e depois ajeitar

sua vidinha com Bibico Nunes sem precisar dar mais explicações a ninguém.

O relógio bateu seis e meia, e Ana Dora, o padre, o general e sua esposa

esperavam a chegada do noivo, enquanto a organista emendava outra e outra melodia. Bibico Nunes apareceu na porta da igreja perto das sete horas, perfumado, vestido com um terno novo e exibindo um olhar mortiço.

Antes que o general reclamasse do seu atraso, ele explicou:

— Estou tão rebentado por dentro que mal conseguia abotoar a  
camisa.

— Pois então vamos acabar com isso de uma vez por todas — proferiu  
o pai da noiva.

Como num passe de mágica, a organista interrompeu a melodia e

atacou a marcha nupcial, e Bibico Nunes sentiu-se amolecer por dentro como se lhe faltasse o ar. Aquele casamento era uma condenação... A partir

daquele dia, seria desfeito todo o encanto da sua vida; para trás ficariam a graça e a leveza dos seus anos de pássaro sem pouso.

Enquanto suava em bicas esperando o padre iniciar o sermão, dentro

do seu peito alguma coisa latejava só de pensar na viúva Cecília e na tristeza que ela sentiria ao receber a notícia do casamento. Não tivera galhardia suficiente para contar-lhe com antecedência; ao contrário, com a

desculpa da surra, deixara-se ficar em casa sofrendo, alheio ao mundo, sonhando com Cecília em meio aos seus delírios, amando-a em desespero,

mas em completa liberdade nos últimos dias da sua vida de homem solteiro.

Bibico deixou de lado seus pensamentos e olhou a moça que o esperava no altar. “Pobrezinha”, pensava ele... Aquela barriga iria crescer e crescer. E o amor que sentia por ela começava a diminuir ali mesmo, naquela igreja. Ana Dora parecia uma boneca alquebrada, e ele próprio não

era mais do que um títere daquele milico desgraçado. Afinal, o que estava mesmo fazendo naquela igreja? Jogava-se na fogueira do casamento por puro medo do general e dos seus capangas.

O padre fez um sinal para que os noivos se aproximassem. Ana Dora deu dois passos à frente, mas as pernas do mulato não lhe obedeciam. De

esguelha, ele viu a carranca do general, que resmungou:

— Avance, seu desgraçado...

Bibico sentiu que seu sangue fervia. Deu um passo muito custoso, e outro ainda. O cheiro doce de incenso entrava-lhe pelas narinas

provocando-lhe enjôo, e quando deu por si, estava parado em frente ao altar.

— Está pronto, meu filho? — indagou o padre docemente, e Ana Dora

lançou-lhe um sorriso cheio de júbilo.

Mas Bibico parecia confuso:

— Pronto pra quê?

— Pronto para se redimir do seu pecado casando com a moça que traz seu filho no ventre — retorquiu o padre.

A mãe da noiva chorava livremente, como se fosse incapaz de perceber

o absurdo daquela situação, ou talvez por isso mesmo. E o general esperava, vermelho de ansiedade.

Bibico ia abrir a boca para concordar com o padre, e as palavras ensaiadas já dançavam na sua língua quando um calor correu pelo seu corpo feito onda, e a guia que usava ao pescoço começou a queimar sua pele. “Ai, ai, ai”, gemeu Bibico Nunes, e a audiência toda silenciou.

— O que foi agora? — quis saber o general, levando a mão direita ao

lugar onde costumava carregar seu revólver, encontrando ali o coldre vazio, pois a esposa o proibira de entrar armado na casa de Deus.

Bibico respirou fundo, criando coragem. Desde quando alguém lhe

punha cabresto?, pensou, levando a mão à guia de Euáque lhe pinicava a pele por baixo da camisa.

— Desculpe, seu padre, mas eu não vou casar com essa moça.

O pároco arregalou os olhos:

— Mas como, meu filho, você não veio aqui pra isso?

— Vim, padre. Mas vim sob ameaça. Pequei e não nego, mas casar eu não vou coisa nenhuma.

O general perdeu a compostura e gritou:

— Vai casar sim, seu malandro... A ameaça ainda está de pé!

— Calma, general — pediu o padre. — O senhor está numa igreja.

E no meio da confusão, enquanto a organista seguia tocando hinos, Ana

Dora se sentou no degrau do altar e começou a se lamuriar:

— Eu sabia... Era muita sorte, era muita sorte...

— Vou mandar arrancarem seu couro — ganiu o general, enraivecido.

— Eu tenho parte com Exu — Bibico retrucou. — Qualquer mal que me aconteça, o senhor há de pagar em dobro.

O padre se persignou em silêncio. Ai, que tudo ia tão bem... Mais uma

ovelha salva, e agora aquilo. Enquanto ele matutava uma saída para aquele

impasse e o noivo e o general se diziam desaforos, Ana Dora se ergueu e foi

sentar num banco nos fundos da igreja, onde passou a arrancar as flores do

seu buquê, uma a uma, tomada de um terrível ataque de tristeza. Sua mãe,

sem mais a fazer, seguiu-a e ficou olhando a cena, os olhos rasos d'água.

— Pois vou enfiar um pente de balas no seu bucho — o general

prosseguia, rubro de cólera.

— Eu tenho o corpo fechado para bala que vem de covarde... Não

adianta mandar seus milicos atrás de mim, venha você mesmo — retrucou

Bibico Nunes.

O padre perdeu a paciência e deu um soco no altar:

— Deus me perdoe, mas vocês dois estão passando dos limites. Isto aqui é uma igreja. Não é terreiro nem delegacia de polícia.

— De minha parte, eu peço desculpas, senhor padre — disse Bibico

Nunes. — Tenho muito respeito pela religião dos outros... Mas o fato é que

eu não quero casar com essa moça, ela sempre soube disso muito bem. As

coisas entre nós só podem acontecer na mais perfeita liberdade. Estou aqui

porque o pai dela mandou me aplicar uma sumanta, e disse que eu morreria se não casasse...

— Esse mulato é um fornicador e um comunista — bramiu o general.

O padre fez um gesto pedindo silêncio e dirigiu-se a Bibico:

— E a criança que essa moça carrega no ventre, meu filho?

Nesse ponto, Ana Dora interrompeu a conversa e gritou lá do seu

lugar:

— Criança não, padre. Não estou esperando um, mas dois filhos.

— Sejam quantos filhos forem — Bibico atalhou. — São meus filhos e

eu os criarei. Mas casar, não caso.

Dizendo isso, deu as costas a todos e saiu da igreja de cabeça erguida,

parando à porta para cumprimentar a ex-futura sogra, que mirava tudo com os olhos esbugalhados, sem vestígios de maquiagem no seu rosto frouxo.

Bibico Nunes saiu para a rua morna. Desceu aos pulos os degraus de mármore e seguiu pela calçada vazia, carregando no peito um misto de alegria e medo.

Na esquina, consultou seu relógio de pulso e viu que eram quase oito

horas. Se tivesse um pouco de sorte, poderia chegar na casa de Cecília antes do jantar... Com essa

esperança na alma, saiu a passos largos, solto no mundo como um passarinho que acabaram de libertar da gaiola.

4.

Oxalá, aquele que tem muitos nomes, que usa branco e que come cabra

e tacassol, estando ocupado com as muitas batalhas deste mundo, leva consigo os seus filhos. Quando não os chama a guerra, seguem eles para suas danças e ritos e caçadas, pelos mares e rios e ambívios do céu, pelos

caminhos prateados dos abismos de todos os mundos. Acompanhando

Oxalá nessas andanças vão Xangô, deus do raio, do fogo e do trovão; Omolu,

deus das chagas, das pústulas, de todas as doenças que apodrecem a carne;

Ogum, senhor das guerras; Oxóssi, das florestas; Ossaim, senhor das ervas;

e Exu, aquele que come tudo o que aboca come, o inquieto.

Quando partem os deuses, ficam as mulheres, mesmo as guerreiras,

mesmo as belas e virtuosas deusas; e lá estão elas, neste exato momento, debruçadas nos parapeitos das nuvens, acomodadas em seus leitos de

cascatas e folhas, a espiar cá embaixo como andam seus filhos, seus amores

e desafetos — enfim, seus escolhidos para a glória ou a miséria.

De todos os homens deste mundo, seja em qualquer dos trópicos ou

latitudes, contando entre os povos e reinos e ilhas, nenhum é por elas mais

disputado do que o garboso mulato Bibico Nunes. Esse mesmo que, faz pouco, fugiu da igreja, atravessou a rua e, deixando para trás padre e noiva

boquiabertos, tocou-se para os lados da Pitoba, onde vive aquela que mais lhe toca o coração.

Os coruscantes olhos de Bibico Nunes encantam as deusas porque

fazem recordar o céu àquelas que voam, que são guerreiras e que gostam

de andar, e fazem recordar as profundezas do oceano àquelas que reinam

nas águas, no leito dos rios mais cálidos, no fundo fresco de todas as vertentes. E para as que amam a beleza, para as deusas vaidosas, esses olhos cerúleos são como duas gemas da cor das mais belas águas-marinhas

que já brotaram do ventre da terra. Por Bibico Nunes suspiram todas, e os

suspiros fragrantos que dessa paixão se evoluam perfumam o ar com os mais misteriosos odores.

Lá embaixo, enquanto as deusas se enfeitam e brigam e anseiam, o belo

mulato caminha para os braços da sua adorada viúva. Iansã, a que come galo e acarajé, abandona sua espada cintilante e vem, em passos largos que

lhe sacodem as belíssimas vestes vermelhas, espiar o seu preferido.

— Tu vais ver Cecília... — a deusa diz, e sua voz poderosa ecoa pelo céu

como se fosse um trovão. — Enfim, voltas sempre para ela, meu querido...

— E sorri seu luminoso sorriso, e tão brancos são seus dentes que reluzem

feito a prata dos raios que cortam o céu, pois Cecília Antonia de Alfierrez é a preferida de Iansã.

Oxum, a que gosta de inhame, bela e faceira e sempre cheia de

artimanhas, fecha a cara e fica amuada como uma menina a quem negaram

o brinquedo predileto.

— Escapa-me das mãos novamente — ela reclama toda dengosa.

— Será a última das vezes...

— Tu crês demais. E não vás usar o fio da espada nem a malvadeza do

homem fardado para vingar teus desejos insatisfeitos — retruca-lhe Iansã,

afastando-se.

Na cidade de Rio Partido, Bibico dobra por uma rua larga e bonita, e seus passos de bailarino chamam a atenção das gentes que cruzam o seu

caminho.

Oxum, amuada, ergue-se e vai embora da sua varanda de nuvens, pois

a cena que vem a seguir não lhe interessa. De todas as mulheres de Bibico

Nunes, Ana Dora é a sua preferida, e ela tem raiva de ter perdido esta batalha que já lhe parecia ganha. Arrastando atrás de si o azul das suas delicadas saias, fala baixinho:

— Nunca nenhum homem escapou dos meus agrados... Não hás de ser

tu o primeiro, Bibico Nunes.

Obá, aquela que usa escudo e lança, vem espiar Bibico Nunes

exatamente quando ele chega ao portãozinho que dá acesso ao número 133

da Rua das Amendoeiras. Olhando-o com grandes olhos lacrimosos,

enquanto tapa um lado do rosto para ocultar a orelha que lhe falta e que cortou por sugestão e engodo de Oxum quando ambas disputavam a cama

de Xangô, Obá diz:

— Tenho calma e paciência, tu ainda serás meu. — E sorri do seu parapeito de nuvens, pois a preferida de Obá é Maristela, aquela que lhe deu um filho de nome Jesus.

Do seu posto, no fundo mais profundo dos oceanos, Iemanjá tudo ouve

e tudo vê. É a mais bela entre as belas, a esposa de Oxalá, a mãe de todos os orixás, a senhora de todas as águas. Tudo nela é milagre, beleza e louvação.

O Cruzeiro do Sul enfeita-lhe os cabelos de algas, e sua voz é tão doce que

faz se perderem os navios e morrerem de desilusão os marinheiros... É ela

quem traz a chuva, o raio que varre os mares, as procelas. E nem por isso

escaparam-lhe, nem dos olhos nem da alma, o desejo e a cobiça. Também

Iemanjá quer para si o homem dos olhos marinhos. Também ela sonha com

seu beijo e com seu abraço caloroso. Por tudo isso está ela a suspirar ainda agora, revoltando os mares com o seu anseio.

— Tu serás meu — Iemanjá sussurra.

E as ondas se quebram na praia.

Não casou nem casaria nunca o belo Bibico Nunes, sob ameaça de revólver ou fio de navalha. Passava o ponteiro das nove horas quando ele

chegou à casa de Cecília Antonia de Alfierrez, e vinha sôfrego de amor e de

liberdade.

Porém, deitada em sua cama, a viúva pranteava seu amor perdido,

posto que não faltou quem lhe viesse contar que a filha do general estava

de casamento marcado ainda para aquela tarde.

— Ai de mim — Cecília chorava, largada na cama que tantos ardores acolhera. — Ai de mim... Numa

hora dessas ele já deve estar casado.

Dona Nega tentava acalmar o ânimo da patroa e dizia:

— Aquele diacho não nasceu para marido... Não se apoquente, que a senhora não perde grande cousa.

Cecília, fungando, olhou-a com seus grandes olhos de mel nublados de

lágrimas e respondeu tristemente:

— Não nasceu para marido de outra. Era comigo que Bibico Nunes

devia casar... Mas, ao contrário, vem me matando por dentro. Vem

minguando minha alegria, enquanto faz filhos em outras e junta os trapos

com essa lagartixa filha de general.

Dona Nega não sabia o que fazer, tamanha era a pena que sentia de Cecília.

— Quer um chazinho? — ofertou.

E Cecília ia responder que não havia chá nesse mundo que pudesse

acalmar sua dor, quando ouviu a campainha que soava lá embaixo, no portãozinho de metal.

— Quem deve ser? — ela quis saber, secando os olhos vermelhos.

Dona Nega arrastou o corpanzil até a janela e ficou uns instantes tentando decifrar o vulto que, parado em frente ao portão, esperava sob o

lusco-fusco amarelado da iluminação da rua. Depois abriu um sorriso torto

e, virando-se para a patroa, disse solenemente:

— É o filho do capeta quem está lá embaixo.

A viúva não compreendeu imediatamente, ficou ainda a suspirar na

cama, sem se interessar pelo visitante. Mas como a empregada não

arredava pé da janela e a cigarra não parava de soar, quis saber quem era,

afinal de contas, que estava fundindo seu dedo com a campainha do portão.

— É Bibico Nunes — Dona Nega falou.

Cecília sentiu que seu coração fraquejava:

— Bibico? — e correu até a janela sem acreditar no que seus olhos viam.

Era ele mesmo quem estava lá embaixo, de terno e cravo na lapela. Um descarado, gemeu a viúva.

— Será que casou?

Nega deu de ombros:

— Daqui de cima não dá pra ver aliança nenhuma. Mas com esse mulato a gente não pode arriscar um palpite...

E foi então que Cecília, num súbito acesso de fúria, ordenou que Nega mandasse Bibico embora de uma vez por todas. Não o queria mais na sua casa nem na sua vida, não depois de tantos sofrimentos, não naquela noite, pois ele ainda devia estar cheirando a incenso.

Dona Nega aprovou a decisão da viúva. Era preciso castigar aquele mulato sem-vergonha. E arregaçou as mangas do vestido, disposta a enxotar Bibico Nunes dali.

— Mas como, patroa?

Num impulso de vingança, Cecília pediu:

— Mande-o embora como se fosse um cachorro sarnento — e calou-se,

mordendo a ponta do lençol para cerrar a boca, com medo de mudar de idéia e descer correndo as escadas direto para os braços de Bibico Nunes.

Porém, antes que tomasse gosto pelas pazes, ainda gritou: — Suma com esse infeliz daqui, Nega. Nunca mais quero ver a cara dele.

5.

Dona Nega nem pestanejou; correu a obedecer à ordem da patroa. Na

cozinha, encheu um balde com água que havia acabado de ferver para pôr

de molho a roupa branca e tratou de galgar outra vez os degraus até a sacadinha do andar superior, de onde seria mais fácil dar um banho escaldante no sem-vergonha do mulato que, no portão, insistia em tocar a

campainha.

Na calçada, Bibico começava a desconfiar que Cecília havia saído, o que

lhe pareceu grave: àquela hora da noite, ela só podia estar numa festa ou coisa parecida. Queimado de ciúmes, apertava a campainha quando, da sacada, Dona Nega entornou sem piedade o balde cheio de água quente. O

gorro caiu em cheio sobre a cabeça do mulato, lambendo-lhe as madeixas loiras e ensopando-o de cima a baixo. Bibico não chegou a se queimar, mas

ficou feio e desconjuntado como um pinto recém-saído da casca, a pele avermelhada aqui e ali, marcada de vergões.

Por um momento, até Dona Nega lhe teve pena, mas quando o viu

erguer o rosto, os olhos brilhando feito duas estrelas naquela face morena,

logo percebeu que a água não lhe roubara a soberba de coisa rara, e então

resmungou baixinho:

— Bem feito!

Depois disso, entrou e fechou a porta da sacada atrás de si.

Da sua janela, Cecília viu tudo. Chorava frouxamente, e lágrimas de arrependimento escorriam por seu rosto pálido enquanto ela vestia às pressas o penhoar. Depois desceu a escada pulando os degraus de dois em

dois, aflita por jogar-se nos braços ensopados de Bibico Nunes, perdoando-

o por tudo e pedindo-lhe que também a perdoasse por aquela terrível humilhação.

Mas não houve tempo. Na calçada, feito um fantasma que tivesse

errado a porta dos mundos, Bibico Nunes soltou um longo suspiro e partiu,

deixando atrás de si a trilha das suas pegadas úmidas. Saiu pisando leve, tonto de tristeza, enquanto Cecília Antonia de Alfierrez atravessava o jardim machucando os pezinhos descalços nas pedras do calçamento. No escuro, ela destravou o portão com o coração trôpego de desespero, saindo em correria pela calçada deserta até alcançar o mulato de seus amores dobrando a rua que ia dar no caminho da praia.

Pararam um em frente ao outro numa muda expectativa. A luz

agonizante dos postes de iluminação elétrica tingiam a rua com uma claridade irreal. A lua estava escondida atrás das nuvens, como se não quisesse ver a derrocada daquele amor.

— O que eu lhe fiz... — a viúva gemeu, levando a mão fria até o rosto de

Bibico Nunes. — Me perdoe.

Ele sorriu timidamente.

— Eu merecia isso faz tempo.

Cecília jogou-se nos seus braços e o mulato pôde sentir seu perfume de alfazema. Enfim, depois daquele dia de louco, estava com ela outra vez.

Então lembrou-se de contar-lhe o sucedido, e ergueu a mão esquerda, onde estaria a aliança, diante dos olhos da viúva.

— Vê — ele mostrou —, não estou casado. Não pude... Nem pela minha pele, que agora virou alvo do general Mendonça... Lá no altar eu só pensava em você, Cecília.

Os olhos dela rebrilharam:

— Graças a Deus. Agüento tudo por você, Bibico Nunes. Menos isto. —

E beijando-lhe o rosto, quis saber: — Você me perdoa?

Bibico a abraçou e respondeu rindo:

— Agora você está molhada também, e não há mais o que perdoar... —

Ele fez silêncio, sentindo o calor dela junto do seu corpo. — Eu ainda tenho uma coisa para lhe contar.

Ana Dora vai ter gêmeos... Mas, pelo menos, eu sigo livre feito um passarinho.

— Nada de alianças — ela sussurrou.

— Nada de alianças... A melhor parte de mim será sempre sua.

— Até quando?

— Até o dia em que você não me abrir a porta, mesmo depois de um banho de água quente.

Cecília jurou-lhe que esse dia nunca haveria de chegar, e os dois refizeram o caminho de volta para casa. Iam de mãos dadas, trilhando as ruas silenciosas, enquanto atrás das janelas fechadas das casas a vizinhança dormia seu sono sem sonhos.

Após o malogrado casamento, Ana Dora voltou a viver com a prima.

Maristela a recebeu de olhos vermelhos, mas sua tristeza foi sincera ao ouvi-la narrar suas desventuras. Usando o vestido amassado das núpcias frustradas, os pés inchados por causa do calor, Ana Dora contava o sucedido entre suspiros, roendo as unhas enquanto cogitava sobre o

paradeiro de Bibico Nunes, que horas antes abandonara a igreja sem olhar para trás.

— Será que um dia ele volta?

— Volta sim — Maristela respondeu calmamente. — Ele ama o filho...

— E olhou Jesus, que sugava a mamadeira com ânsia. — Bibico sempre volta... Ele é fiel do seu jeito.

Ana Dora arriou no sofá, sentindo a barriga dolorida pelas muitas

horas em pé naquela maldita função de casamento. Estava triste e nervosa,

pois com a partida de Bibico, tivera uma longa discussão com o pai, que queria mandar seus capangas no encalço do fujão.

— E agora? Eu não quero que o tio mate o Bibico.

Ana Dora retrucou:

— Quanto a isso, fique descansada... Eu avisei que, se o Bibico morre, me joga no mar com as duas crias que levo na barriga. Papai é cruel, mas não é nenhum infanticida.

E deu de ombros, gozando o silêncio da salinha à meia-luz. No seu bercinho, Jesus ressonava, emitindo pequenos ruídos. Ana Dora mirou-o com amor; sim, aquela era uma boa vida, uma vida simples e serena.

Suspirou fundo e confidenciou à outra:

— Nunca mais hei de voltar para a casa do meu pai. Fiz muitas coisas erradas, mas vou aprender a ser uma pessoa melhor. Nem que seja pelos meus filhos.

Maristela sorriu.

— A gente vê que você está melhorando... Mas como faremos? Você pode ficar aqui o tempo que quiser, mas, e quando seus filhos nascerem?

Não temos espaço para todos.

— Eu não volto para a casa do papai, mas tenho lá os meus direitos.

Quero um teto pra criar os meus bebês, que, afinal, são netos dele. —

Sorriu, acarinhando a barriga. — Hoje fiz o general jurar na frente do padre que me dará uma mesada... Ah, ele vai me pagar um aluguel também, desde

que não seja alto. Você precisava ver o constrangimento dele... Passar aquela vergonha toda perante o padre e meia dúzia de soldados lá do quartel.

— Fico feliz por você. Só espero que o Bibico não demore muito para voltar... Afinal de contas, Jesus sente a falta do pai.

— Numa hora dessas ele deve estar com aquela maldita viúva lá da Pitoba.

— Vamos ter que nos conformar — Maristela sussurrou, abrindo o sofá-cama onde a prima passava as noites. — Onde comem dois, comem três.

6.

Já era manhã alta, e na esquina o afiador de facas tocava seu apito. Seu

Filó podava um canteiro de rosas quando Bibico Nunes deixou a casa da viúva Cecília assobiando um sambinha. O jardineiro largou a tesoura de poda sobre a grama e ficou-se a admirar o brilho da luz do sol nos cabelos de trigo do mulato, depois resmungou baixinho:

— Tem gente que nasceu pra ser galã — e voltou ao trabalho muito compenetradamente.

Filó falava sempre nas rosas, e às vezes discorria tão longamente sobre

a maciez das suas pétalas, sobre seu perfume e sua textura, que Dona Nega

andava de implicâncias com os gerânios, as margaridas e os rododendros de que o namorado cuidava com tamanho zelo. “Flor pode ser bonita, mas

não presta pra nada”, dizia ela, raivosa. “Flor não esquenta colchão.” Porém, o velho Filó persistia querendo mais as flores do que as gentes, e naquela

manhã, ao ver o mulato Bibico Nunes seguir pela rua depois demais uma noite de folguedos, deu de ombros e enfiou a cara no trabalho. Se era certo

que a patroinha agora devia estar contente, não demoraria muitos dias para que o pranto voltasse a assolá-la.

— Rosas, minhas rosinhas... — ele resmungou, afofando a terra ao redor dos canteiros de rosas vermelhas.

Dona Nega surgiu na varanda. Vinha com um copo de limonada na mão

e um sorriso faceiro no rosto.

— Rosa vermelha é a flor da paixão — ela disse.

— E eu não sei? Fui eu quem plantou cada botãozinho desses.

Dona Nega entregou-lhe o copo de suco, e enquanto ele bebia, foi

desfiando seu rosário de assuntos. Contou que o mulato estivera clamando

pela patroa na noite anterior, e que depois de um banho de água quente, fora recebido de volta na cama de Cecília.

— Mas alguma coisa aconteceu. A patroa está com um olhar

desenganado.

Filó deu de ombros:

— Os ricos são gente estranha. E esse mulato tem um não sei quê de

outro mundo. O sol brilha nos cabelos dele que nem ouro.

— Isso não é cousa de outro mundo, é tintura mesmo. Ninguém me tira

da idéia que o Bibico Nunes pinta o cabelo — ela disse rindo. — E agora vou voltar pro meu serviço, que Deus é grande, mas o Diabo é mais esperto.

E se foi, bamboleando os quadris apertados num vestido de chita,

enquanto do outro lado da cidade Bibico Nunes entrava cheio de angústia

na ruazinha da sua vida, sem saber o que encontraria pela frente.

Mas Bibico encontrou tudo em perfeita ordem. Maristela ministrava

lições de matemática para um aluno na mesa da cozinha, e na sala Ana Dora

distraía Jesus cantando-lhe canções com sua voz desafinada.

O mulato entrou na sala pisando leve, mas ao ver o menino seu coração

afrouxou-se, e correu a abraçar o filho, louco de saudades. Aquele menino

parecia realmente crescer de uma noite para outra. Ao tomá-lo nos braços,

achou-o mais pesado, e pareceu-lhe que seus olhos brilhavam mais, donos

de um azul ainda mais resplandecente do que os seus. Bibico beijou-o, e sua

mãozinha gorda agarrou-lhe os cabelos com força, arrancando um punhado de fios loiros.

— Você cresceu de ontem pra hoje, Jesus! — o mulato disse, rindo de satisfação.

E Ana Dora, do seu lugar, retrucou:

— Não é só o Jesus que cresce, Bibico. A minha barriga também. Hoje eu não entro mais num vestido que usei na semana passada.

Ele olhou-a de rabo de olho. Sentada no sofazinho acanhado, Ana Dora

parecia esmagada pelo peso do ventre proeminente. Nada mais havia ali daquela moça mandona, cheia de mimos, concluiu ele um pouco

envergonhado.

— Acho que eu lhe devo desculpas — disse Bibico. — Eu não pretendia

fugir daquele jeito. Tudo aquilo foi idéia do seu pai. Nunca quis me casar, você sabe... Digamos que eu seja um homem fiel à minha falta de princípios.

— Agora já passou, Bibico... Querer você com uma aliança no dedo é a

mesma coisa que tentar engarrafar um arco-íris. Demorei pra entender isso, mas ontem, naquela igreja, tive muito tempo pra pensar.

Bibico colocou o menino no chão junto aos brinquedos e postou-se ao

lado dela. Olhou-a longamente. A barriga parecia mais volumosa ou seria apenas o seu remorso que distorcia tudo?

— Você parece ter entendido, mas o general vai me matar — disse

Bibico numa voz frouxa. — Sem demagogia, eu fico triste é pelas crianças...

É triste crescer sem pai; foi assim que eu cresci, por isso sei de cadeira.

— Papai não vai fazer nada. Eu já me acertei com ele. Vou alugar uma

casinha aqui na rua mesmo e seguiremos vivendo. Mas não ouse aparecer

na frente dele outra vez, pois aí eu não me responsabilizo... Eu só queria lhe pedir uma coisa. Por favor, não encontre mais a viúva Cecília... Eu aceito tudo, menos ela.

— Jamais eu prometeria uma coisa que não poderia cumprir —

confessou ele. — Cecília é como um bálsamo.

— Mas Bibico...

Bibico Nunes estendeu a mão e acarinhou-lhe os cabelos loiros e finos, pedindo-lhe que mudassem de assunto. Não havia no mundo motivo capaz de afastá-lo de Cecília.

— A não ser a minha morte.

Ana Dora sentiu seu sangue ferver, mas controlou-se, pois não queria gritar na frente do menino. Além do mais, a prima dava aulas na cozinha, e elas não podiam se dar ao luxo de perder nenhuma fonte de renda.

Levantou do sofá e foi para o banheiro trocar de roupa. Iria até o quartel buscar dinheiro com o pai. Tinha acertado um preço com o proprietário da casinha que tencionava alugar, e queria mudar-se ainda naquela semana.

O mulato deixou-se ficar na sala brincando com o filho, enquanto da cozinha vinha a tabuada do sete cantada com fulgor por Maristela e repetida aos trancos por uma vozinha imberbe e distraída que provocou um sorriso de simpatia no rosto bonito de Bibico Nunes.

7.

Dois meses se passaram até a madrugada em que, na casanova, Ana

Dora acordou lavada em suores. O mês de agosto ia pela metade e uma chuva de inverno lambia o mundo com ânsia, lavando as calçadas e encrespando o mar.

Ana Dora, assustada, sentou-se na cama. Teria sido um sonho ruim, um pressentimento? Um desassossego? Levou a mão à barriga e sentiu-a rígida, como se os bebês estivessem também à espreita, temendo, no escuro do ventre, alguma coisa misteriosa. Então veio a dor, forte como a chuva que banhava a cidade. Como uma rajada de vento. Como um raio sobre uma árvore, a dor rasgou-a inteira. Ela respirou conforme Maristela lhe tinha ensinado em tantos serões no

quintal, e depois de alguns minutos tentou erguer-se da cama. Não tinha telefone, de modo que era preciso vestir algo, pegar um guarda-chuva e caminhar até a casa da prima ou até Bibico, e só de pensar nisso seus olhos

se encheram de lágrimas. Mas era corajosa; ergueu-se, abandonou a cama

morna e vestiu o primeiro abrigo que encontrou no armário. Depois enfiou

os chinelos nos pés inchados, prendeu os cabelos; e sempre inspirando e expirando como uma doida, tomou do guarda-chuva e ganhou a rua.

Fazia um frio úmido lá fora e a água corria pelo meio-fio, ensopando a areia dos caminhos quase intransitáveis. Não havia viva alma debaixo de tal

aguaceiro, e Ana Dora viu-se obrigada a caminhar devagarinho, tentando evitar os buracos que a noite disfarçava, segurando a dor que lhe rasgava o

ventre.

Na primeira esquina, o vento traiçoeiro que subia do mar quase a

derrubou no chão: ela tropeçou, mas seguiu em frente. Toda aquela

escuridão e toda aquela chuva pareciam um pesadelo. Nunca imaginara que

os filhos haveriam de vir ao mundo numa noite de tormenta como aquela...

E ainda havia um bom pedaço de chão pela frente, as casinhas fechadas, banhadas de chuva, perfilavam-se no meio do barro como réplicas uma da

outra, e sacudidas pelo vento frio, desdobravam-se pela ruazinha afora.

Quinze minutos depois, Ana Dora chegou àquela que adivinhava ser a

porta de Bibico Nunes. Bateu sem muita força, mas Bibico, que havia chegado não fazia muito da casa de Cecília, trocava de roupa quando ouviu

o barulhinho leve daqueles dedos sem força. Correu para ver quem era e deu de cara com Ana Dora, que, gemendo de dor e completamente

ensopada, jogou-se nos seus braços, implorando:

— Pelo amor de Deus, Bibico, me leva para o hospital...

— Mas agora? — o mulato gemeu olhando a tempestade, e nesse

momento um raio cortou o céu negro.

— Ou a gente vai ou os gêmeos vão nascer aqui na sua sala...

Bibico Nunes, que era belo, às vezes leviano, sonhador, descuidado e viril, mas que tinha fibra sobre a pele de jambo que tantas corações pusera

a perder, não pensou duas vezes: enfiou um suéter, tomou Dorinha no colo

e ganhou a rua, vencendo os caminhos embarrados. Do céu, a chuva caía com redobrada fúria, e tanto choveu naquela noite que muito tempo depois

a tormenta ainda era motivo de comentário entre as gentes, pois barcos sumiram do cais, telhados saíram voando feito pássaros desengonçados, e

os rios subiram e alagaram bairros ribeirinhos.

O mulato caminhava com pressa e rezava para sua mãezinha Euá pedindo socorro; no colo, Ana Dora pesava pouco, apesar da gravidez adiantada, e gemia frases incompreensíveis enquanto ele buscava em vão um táxi ou um carro particular que pudesse atendê-los naquele aperto.

Enterrando os pés na lama, Bibico nem desconfiava que lá em cima, além do céu, na morada de todos os orixás, também se travavam terríveis batalhas.

Pois o fato é que a chuva vinha e a chuva engrossava segundo os desejos de uma ou de outra deusa. Iansã, a guerreira, soprava os ventos e

cutucava os raios, sabendo que Cecília estava aconchegada sob suas

cobertas. Obá, esposa de Xangô, dançava tapando a ferida em sua frente e

sentia-se feliz, já que a sua preferida, Maristela, também dormia àquela hora bem abraçada ao seu filho Jesus, mas não de todo livre das tragédias

da chuva, que aos pobres tudo pode acontecer. Mas Obá zelava por

Maristela, e também Xangô, deus do fogo, pois o pequeno Jesus era um dos

seus filhos neste mundo.

— Kauo Kabiesile! — saudou-o Obá. — Cuida daquela casa, Xangô.

— Nenhum vento nem inundação arrasarão aquele ninho —

prometeu-lhe Xangô, segurando seus oxês.

E Obá se sentiu tranqüila.

Oxum também espiava a cena com os olhos mareados, ficando assim

mais bonita do que nunca. Seu coração estava pesado por causa da tragédia

que se desenrolava lá embaixo: sob a chuva, nos braços de Bibico Nunes, Ana Dora já tinha perdido as forças. No entanto, Oxum sabia ser esperta, e

percebendo que sua vontade lutava sozinha contra os desejos de Iansã e Obá, a deusa saiu arrastando suas saias até onde se encontrava Oxalá, pai

de todos os homens e de todos os santos.

Oxalá, que tudo vê, estava em seu trono, vestido de branco, quando Oxum chegou-se ao seu lado e pediu com voz melodiosa:

— Oxalá, pai dos homens, entre todos o mais justo, é a ti que peço

ajuda. Tu que és o orixá da procriação, estende a tua mão sobre a cabeça daquela tua filha lá embaixo, que a pobre está entre a vida e a morte.

Oxalá deitou seus sábios olhos no rosto de Oxum e disse:

— Tu me pedes isso por piedade ou por luxúria?

E Oxum respondeu:

— Piedade ou luxúria, rei de Ífon, que diferença fará, a não ser que se

salvem aquelas vidas? Pois o que fizeram essas duas alminhas que ainda nem nasceram e que, portanto, nem pecado têm, para pagarem assim pelas

disputas das tuas filhas aqui de cima?

Oxalá remexeu suas contas brancas, e no fim de algum tempo disse

com voz macia:

— Pensas nas crianças, tu mesma me dizes... E se eu as salvar

juntamente com a mãe, mas deitar a perder a vida do homem que com elas

vai? Pois aquele caminho é ladeado de morros, e com tamanha chuva a terra desce... Também os raios ferem aqueles que andam a esmo sob as tormentas. Veja bem, de muitos modos ele poderia morrer...

Oxum sentiu pavor, mas foi com esperteza que respondeu:

— Oxalufã, Oxaguian, pai Oxalá, tu que te divides em dois, por que me

queres assim tão dividida? E que cruel é a pergunta que me fazes, pai... Se

salvas a todos, tu que és tão justo, por que deitar fora a vida de um homem

que mal não te fez? Tu não vês o quanto ele sofre lá embaixo, em meio à tormenta, tentando salvar mulher e filhos?

E então Oxalá, que come cabra, aquiesceu. Brandindo alto o seu paxorô,

ordenou:

— Pois que todos estes lá de baixo se salvem esta noite, homem,

mulher e filhos. Eu sou o pai de todos, aquele que tudo vê, e a minha palavra é ordem. Faça-se! E de amanhã em diante, que não me venham mais com estas questões de afeto e desafeto.

E assim Oxum garantiu a batalha.

8.

A chuva não cessou por completo, mas amainou o suficiente para que

Bibico pudesse adiantar o passo, seguindo pelos caminhos que levavam às

ruas mais movimentadas. Mal raiavam as primeiras luzes e o chão refletia,

aqui e ali, os brilhos obscuros de um céu furioso. Em seus braços Bibico sentia o peso de Ana Dora. Ao fitá-la, pálida e inconsciente, por um momento ele sentiu o coração apertado de medo. E então, numa curva, um

carro surgiu iluminando o caminho com o brilho amarelo dos seus faróis. O

motorista, sem saber que era um títere do senhor lá de cima, ao perceber

aquele homem que vinha tropeçando no barro com uma moça grávida no

colo, parou o veículo e desceu:

— Precisam de ajuda? — gritou no meio da chuva. Bibico sentiu que a

sorte não o abandonara. Avançou como pôde, pisando nas poças de água suja e disse:

— São gêmeos, meu senhor. Ela está muito mal.

Ana Dora foi acomodada no banco do carro, e eles seguiram a toda velocidade pelas ruas vazias no rumo do hospital.

Assim sucederam as coisas, embora haja quem muito duvide dos

anseios divinos. Mas o fato é que Ana Dora Mendonça foi submetida a uma

cesariana, e os gêmeos nasceram ainda nas primeiras horas daquela manhã chuvosa. A puérpera, no entanto, restou ainda muitos dias mergulhada num

sono brumoso, do qual saiu com uma fraqueza nos pulmões e uma tosse de

tísica que haveria de acompanhá-la para sempre. Não morreu naquela noite

a filha única do general porque assim não estava escrito no livro dos destinos. Ao contrário, ainda viveu muitos anos, e tanto que chegou a velar

o cadáver do seu adorado amante quando esse foi encontrado na praia, sumido fazia muito, nuzinho da silva e triste de dar dó.

Algumas horas depois do parto, devidamente limpo da terra e do barro

que deixara suas calças de linho imprestáveis para sempre, Bibico Nunes pôde constatar que seus filhos haviam nascido ambos com saúde e

perfeitos. Eram um menino e uma menina. O primeiro, muito claro, com cabelos fininhos e dourados, tinha a mesma constituição miúda da mãe e chorava muito, tanto que seu rostinho chegava a ficar roxo.

— Deve ser fome — Bibico opinou, espiando-os pelo vidro do berçário.

Já a menina puxara ao pai, e na cor da pele começavam suas

semelhanças: tinha uma tez trigueira e um rosto muito bem-feito, seus cabelos eram dourados. Mais tarde, quando abriu os olhos, mostrou ao mundo íris azulíssimas, duas lagoinhas mansas que guardavam o mesmo brilho dos olhos de Bibico. As crianças, deitadas uma do lado da outra,

sequer pareciam irmãs e jamais pareceriam ao longo da vida, sendo

opostas em tudo, nos trejeitos, gostos e medos.

Enquanto Ana Dora travava suas próprias batalhas, lutando para sair do limbo de febre em que se encontrava, Bibico viu-se encarregado de registrar os dois filhos. Nervoso e emocionado, mandou buscar Maristela, pois precisava de conselhos sensatos. A moça chegou ao hospital trazendo

Jesus no colo, e não houve médico ou enfermeira que não estranhasse tão

exótica família.

— O menino vai se chamar Dorival — decidiu-se Bibico Nunes. — E a menina será Bianca. É escura de pele, mas tem a aura luminosa de uma estrela.

— Como você sabe? — indagou Maristela.

— Porque depois de tudo que passou para vir dar neste mundo de

loucos, ainda assim nasceu sem um choro, e é mansa feito o mar da Bahia.

No fim daquele dia, Bibico deixou Maristela cuidando das coisas no hospital e correu a visitar a viúva, posto que nenhum dos filhos, por mais

que o encantassem, poderia ocupar no seu coração o lugar que era de Cecília. Se ele saía por uma porta do hospital, pela outra entrava o general Mendonça acompanhado de sua senhora. Somente àquela hora tinham

recebido, por um telefonema da sobrinha Maristela, a notícia de que Ana Dora tinha dado à luz os gêmeos.

Vinham eles felizes, carregados de presentes, cumprimentando

médicos e enfermeiras que lhes cruzavam o caminho. O general, de tão bem-humorado, chegou até mesmo a persignar-se diante do Cristo que

ornava a entrada da capelinha, resmungando aos trambolhões uns restos de oração que ainda lhe sobravam na memória.

9.

Cecília Antonia de Alfierrez não deixou de notar o novo brilho que ardia

nos olhos do seu homem; recebeu-o, porém, com os mesmos beijos e

afagos, e ficou esperando que lhe contasse o motivo daquela súbita alegria.

Depois de duas taças de vinho, Bibico soltou a língua e disse:

— Os gêmeos nasceram.

— Quando? — quis saber Cecília, e sua alma parecia escorrer dos seus olhos de mel.

— Depois das chuvas. E quase que Dorinha morre no meio do caminho.

Foi mesmo um milagre.

Cecília bem que tentou apiedar-se da moça. Fez força para parecer

alegre pelas crianças, mas uma sombra de dor cobria-lhe a face.

— A cada novo filho que você põe no mundo, é uma parte sua que me escapa.

Bibico Nunes acarinhou-lhe os cabelos longos e cacheados. Depois

beijou-a e perguntou:

— Se estou aqui do seu lado, por que tem ciúme das crianças? Elas não me dão o que você pode me dar.

A viúva suspirou profundamente.

— Desde que você descobriu essa sua vocação para a paternidade, o seu tempo vem rareando. E olha que sua agenda sempre foi cheia... —

Mirou-o com tristeza. Ah, como ele era bonito. Na verdade, parecia cada dia

mais belo. Controlou-se, porém, e disse: — Hoje, depois do jantar, quero que você vá embora, Bibico

Nunes. Hoje não vamos para a cama.

— Por quê, se hoje é sexta-feira?

— Porque hoje, meu bem, eu não estou disposta a me deitar com um

pai de família — respondeu Cecília, e depois disso chamou Dona Nega e pediu-lhe que servisse a comida.

Naquela noite, a despeito de todos os rogos do mulato, Cecília foi dormir cedo e desacompanhada.

Bibico foi embora desconsolado e andou muito tempo pelas calçadas

do bairro da Pitoba, ora mergulhado na tristeza da faltados afagos de Cecília, ora alegre pela chegada de Bianca e Dorival. A vida era muito complicada, e um homem nunca podia agradar a todos... Com três

mulheres, então!

— Na verdade, sou uma espécie de mártir — ele gemeu, dobrando

numa rua que ia dar na praia. — A maioria dos homens deste mundo não

agüentaria o tranco.

E saiu chutando pedregulhos. Na areia, tirou os sapatos e seguiu o caminho pela praia deserta e sem estrelas. Tão imerso ia nos seus pensamentos que nem se deu conta de que um vulto de mulher, suave e delgado, seguia-o de longe, deixando atrás de si um suave rastro de espuma

prateada que se desfazia magicamente no ar.

Não faltaram médicos para cuidar de Ana Dora, pois o encanto dos

gêmeos pareceu curar as feridas na alma do general. Feliz da vida vendo sua semente dar frutos, o general amansou-se, perdendo o gosto pelas chacinhas e castigos que aconteciam no porão do quartel, e passou a visitar

diariamente a filha e os netos no hospital. Levava sempre presentes e remédios, e não fazia economia para ver Ana Dora recuperada das

fraquezas, da anemia e dos males pulmonares que a afligiam.

Com o passar das semanas, a moça melhorou. Saiu do corredor escuro

da sua doença ainda mais magra do que antes, com o rosto marcado por olheiras e com uma tosse persistente, mas ao cabo de um mês já passeava

pelo hospital levando no colo um dos gêmeos, e algumas semanas depois recebeu alta.

— Quase morri por causa deles, mas valeu a pena — dizia ela, e era verdade que, com a chegada das

crianças, descobrira em si um amor novo.

Mas em casa, passados os primeiros tempos, Ana Dora desanimou-se dos longos serões noturnos, das trocas de fralda, dos banhos intermináveis e mamadeiras e papinhas, e voltou a ser a moça desligada de sempre.

Maristela, a quem a maternidade alargara ainda mais o espaçoso coração, passou a cuidar das crianças da prima, lavando e cozinhando para cinco, sempre com um sorriso nos lábios.

— É uma santa — diziam pelo bairro, e Bibico Nunes concordava, com um misto de prazer e de alívio.

Muito devagarinho, também o mulato retomou suas rotinas de outrora.

Nem tanto pelo trabalho mas pelo fastio que nutria pela vida doméstica, voltou a sair com suas turistas e a trabalhar nas boates, chegando até mesmo a servir como garçom num pequeno e elegante estabelecimento no

bairro de Açores, pois sendo pai de três filhos, precisava levar algum dinheiro para casa.

Mas o fato é que, para Bibico, a noite — com sua lua e suas estrelas, com sua brisa misteriosa e fresca, com o barulho do gelo nos copos de uísque — ah, a noite fora feita unicamente para o amor. Nas horas da madrugada não cabiam os arranjos do lar e o choro das crianças, assim como os braços de uma mulher não haviam sido feitos para embalar os filhos, mas para os abraços de alcova. Por tudo isso, é desnecessário dizer

que o mulato preferia passar suas horas de folga com Cecília, a grande amante da sua vida, e algum tempo depois do nascimento dos gêmeos andava mais sumido de casa do que nunca.

A vida do malandro voltou ao que era antes, e ele andava assoberbado

de amores, amantes e encontros. Os meses de setembro e outubro

gastaram-se nessa faina, e depois novembro e dezembro também

escorreram pelo ralo dos dias, enquanto as crianças cresciam e Maristela trabalhava e Ana Dora outra vez tinha tempo para inventar caprichos que o

general tratava de satisfazer. Bibico Nunes voltou a freqüentar os mesmos

lugares em que sempre fora visto, e o general, por medo de perder a companhia dos netos, que dormiam na sua casa duas vezes por semana, achou melhor não se intrometer nos péssimos hábitos noturnos do genro.

Às segundas, quartas e sextas-feiras, Bibico ia ter com Cecília; aos sábados não podia ir, porque os fins de semana eram reservados aos filhos.

— Agora sou pai de família — ele se desculpava quando a viúva dava para ralar.

A viúva retrucava:

— Não me fale nas suas famílias, Bibico Nunes... Qualquer dia você vai acabar trazendo as fraldas das crianças para lavar aqui em casa.

Mas dizia isso da boca pra fora; na verdade, fazia algum tempo que Cecília acalentava o desejo de conhecer Jesus e os bebês. Queria beijá-los e cuidá-los do modo como não podia fazer com Bibico, que sempre lhe fugia.

Porém, fingia-se de brava, e por alguns instantes os dois ficavam sérios e compungidos, presos na arapuca daquela vida desregrada.

10.

Pode-se dizer então que Bibico tinha três vidas completamente diversas, embora não independentes, e ia empurrando tal carga pela estrada do destino conforme seu peculiar hábito de não se preocupar demasiadamente com nada.

Porém, houve um dia em que essas vidas se imiscuíram. Houve um dia

em que essas três paralelas encontraram seu ponto comum, e não foi mais

do que o acaso o responsável por tal desdita. Nem os orixás, nem as más línguas, nem os milicos, nem nada — somente o imprevisto, em raras vezes,

pode definir a hora fatal de uma existência. Não foi mais do que um momento, não foi mais do que um átimo de sincronia a unir mundos tão opostos, mas essa infeliz coincidência bastou para lançar por terra o frágil equilíbrio que sustentava a vida do mulato de olhos azuis.

Porque era dia 2 de fevereiro e ele resolveu jogar flores ao mar para os lados da praia da Cuanza, foi que Ana Dora pediu:

— Leve-nos com você...

— Quero ir também — pediu Maristela.

Mas Bibico foi categórico:

— Ninguém vai. Isto é assunto meu com os deuses, coisas particulares.

Dito isso, desapareceu porta afora, sumindo na tardinha dourada.

Rumou então para a praia da Cuanza, de onde saíam os barcos com flores brancas para a deusa do mar.

E foi na beira daquela praia, com os pés mergulhados na água, que Bibico Nunes ouviu a voz:

— Batize seus filhos nas minhas ondas...

A voz viera do mar ou dos meandros da sua alma? Bibico Nunes jamais

saberia dizer. Certo era que precisava obedecer àquele pedido misterioso,

mesmo que levar as crianças até a praia da Cuanza fosse um pouco arriscado, pois sabia que Dona Nega tinha o hábito de andar pelos terreiros

de lá, e todo cuidado era pouco em se tratando da língua afiada da cozinheira. E se, por azar, ela encontrasse Bibico com as crianças? E se contasse tudo à viúva? Por certo Cecília iria cair em mais uma daquelas suas prostrações sexuais, expulsando-o da sua cama por semanas... Assim,

dividido de angústias, Bibico não conseguia decidir-se. Mas enquanto voltava para casa, concluiu que se fosse cedo, na hora em que Dona Nega estava atarefada na cozinha, seria difícil cruzar com ela. Afinal de contas, os dois bairros eram bastante afastados um do outro, e ele, Bibico Nunes, não

teria tanto azar... E aquela voz!, era impossível não obedecê-la.

Voltando para casa, arranjou as coisas para levar os filhos até a praia

da Cuanza numa manhã de quarta-feira muito cedo, quando tinha certeza

de que Cecília ainda estaria dormindo, e Dona Nega decerto estaria muito

longe dos seus assuntos com os orixás, sovando o pão e cortando os bifés

para o almoço da patroa.

Maristela e Ana Dora ficaram contentes com o passeio e prepararam

quitutes para um piquenique na praia. Na manhã combinada, a família saiu

cedo. O céu ainda tinha um tom de azul desbotado, e Maristela quis saber:

— Por que vamos a esta hora, Bibico?

O mulato desconversou:

— Por causa dos ares marinhos. Ademais, acordar cedo é muito

saudável.

E nenhuma das duas moças ousou retrucar que ele, Bibico Nunes, era um grande dorminhoco e com freqüência se levantava muito depois das duas horas da tarde.

Levavam uma cesta de lanche cheia de sanduíches, e Jesus parecia muito contente quando entrou num táxi pela primeira vez na sua vida.

Maristela estranhou aquele gasto, pois viviam com o dinheiro contado, porém, mais uma vez o mulato desconversou:

— Ontem ganhei no pôquer.

A verdade é que Bibico tinha pressa: pelas onze horas é que Dona Nega

saía para dar suas voltas — e não fora ela mesma quem lhe falara do terreiro de Yá Lourdinha, que ficava a apenas uma quadra da praia da Cuanza? Assim, a família se foi bem apertadinha dentro do táxi, e mal passava das sete horas da manhã.

11.

Cecília nunca tivera o hábito de levantar cedo, para desgosto do

marido, que era um homem regrado. Mas naquele dia, misteriosamente, acordara com o raiar do sol. Uma nesga de luz, entrando pelas frinchas da

janela, viera banhar seu rosto, e Cecília despertara angustiada. Tivera um sonho misterioso que não lhe saía da cabeça, quase podia vê-lo, suas últimas sombras se imiscuindo com o pano delicado da cortina.

Às oito, já vestida para sair, encontrou Dona Nega voltando da padaria e pediu:

— Sirva meu café logo, que vou à cidade.

— Ué? — resmungou a empregada. — Mas que bicho mordeu a senhora, pra sair tão cedo?

Cecília olhou-a com uns olhos arregalados de agonia:

— Tive um sonho muito estranho. Vou até o terreiro da Yá Lourdinha para ver se ela me explica o que sonhei.

Dona Nega deu de ombros:

— A Yá não é entendida em sonhos, patroa. O assunto dela são os orixás.

— Mas entende de mistérios, e no fundo é tudo a mesma coisa — disse

Cecília, tomando um golinho do café quente antes de pegar a bolsa e ganhar a rua.

A duas quadras de casa, tomou um táxi e deu ao motorista um endereço na praia da Cuanza. Quinze minutos depois o carro dobrava numa ruazinha estreita, e lá no fundo, misturando-se com o horizonte, Cecília viu um retalho de mar.

— O que tem lá? — perguntou ao chofer.

— Essa rua termina na praia — respondeu o homem, estranhando que senhora tão distinta fosse dar ali, naquele canto cheio de segredos onde viviam as mães-de-santo, os pescadores e os malandros da cidade.

Cecília Antonia de Alfierrez empalideceu. Com uma voz trêmula, sem saber bem por quê, pediu-lhe:

— Pois me deixe na praia, por favor. Vou espiar o mar um tantinho antes de seguir pro meu compromisso.

Um minuto depois, ela viu-se à beira-mar. Nunca tinha posto seus pés

ali antes, porque o deputado achava que aquela praia não era bem

freqüentada, de modo que a única vez que passara por ali fora na noite em

que visitara Yá Lourdinha junto com Dona Nega. Correu os olhos pela paisagem tão mansa e estranhou a cor fosforescente das ondas que iam e

vinham sem quebrar na areia branca. Não que não fosse bonito, mas era tão

igual, ah, tão igual ao sonho que sonhara havia pouco... Parecia que ela mesma entrara no seu delírio, como a gema de um ovo vive dentro da sua

casca.

“Tão igual...”, gemeu Cecília, tocando a areia morna com a ponta do pezinho calçado numa sandália fina. Estendeu a mão contra o céu azul para

ver se ela própria não era um sonho sonhado por outrem, e foi então que os

viu.

Formavam um exótico conjunto. Bibico Nunes caminhava à frente de

todos, trazendo Jesus no colo. Atrás iam Maristela e Ana Dora, cada uma com um dos gêmeos. Cecília não precisou olhá-los duas vezes, pois

conhecia-lhes os rostinhos, o do menino — magro, liso, acabrunhado — e o da menina, corado,

cintilante, com aqueles olhos de vivo azul. Eram os mesmos rostos que ela vira em seu sonho. Pareciam alegres, e seus risos chegavam-lhe aos ouvidos. E doíam, pensou Cecília, trêmula. Aquelles risos doíam como navalhas cravadas na sua carne.

Ela se sentou na areia e deixou-se ficar olhando. Seu coração pesava...

Então não fora um sonho, mas uma premonição. Esticou o olhar até a figura

de Bibico, que estava com uma calça branca, o peito nu, e tão lindo, lindo como um deus, com seu torso cor de canela recortado contra o céu sem nuvens. “Até este céu é o mesmo do meu sonho”, concluiu Cecília, enquanto

os gritinhos alegres das crianças chegavam-lhe como que vindos de outro

mundo. Eles riam e riam, seus dedinhos gorduchos apontavam isto e aquilo,

um cãozinho, uma concha encravada na areia, o brilho prateado de um peixe furando as ondas.

Cecília olhou as duas mulheres; já não eram as mesmas que certa

manhã, anos atrás, haviam batido à sua porta. Porém, eram as moças do sonho: uma alta, robusta, mais para gordinha; a outra, magriça, com ares de

doente.

Lá na beira da água, Bibico se ajoelhou, molhando a roupa, e um por um, conforme Ana Dora e Maristela lhe alcançavam as crianças, foi

batizando os filhos nas espumas do mar.

— Aqui estão os meus rebentos — ele dizia. — Que a vida lhes seja leve... Odoia.

Cecília não podia ouvi-lo, mas acompanhava tudo com os olhos. Então

seu pranto explodiu qual uma represa cuja água encontra a fresta de uma

rachadura, e ela começou a chorar descontroladamente. Com a mão

trêmula tocou seu próprio ventre, seu ventre seco, que nunca lhe dera frutos, que jamais lhe encheria a grande casa e o coração maior ainda. E ali, sentada na praia da Cuanza, onde viera dar sem saber bem por quê, Cecília

Antonia de Alfierrez se sentiu a mais pobre de todas as criaturas, a mais

estéril e a mais infeliz.

Limpou os olhos com as costas da mão; não lhe parecia certo chorar daquele jeito em pleno dia. Mas no seu peito não havia nada que não fosse

dor, medo e solidão. Por um instante, temeu que Bibico Nunes a visse e ergueu-se, limpando a areia do vestido e pensando em partir. Olhou para os

lados, mas a ruazinha vazia não mostrava um carro, uma pessoa que fosse.

Teria que seguir caminhando umas quatro, cinco quadras, até encontrar um táxi, mas se sentia velha e fraca, e quase morta. Sentia-se uma casca sem vida.

Depois de alguma hesitação, ela ergueu a cabeça e partiu sem olhar para trás, esquecendo-se completamente de que tinha ido até ali para consultar Yá Lourdinha. Durante todo o caminho não chorou — seguiu com

os olhos perdidos naquele estranho sonho que se tornara realidade.

Ainda naquele mesmo dia, ao anoitecer, Bibico Nunes bateu lhe à

porta. Cecília estava em sua cama. Ouvia o som da campainha lá embaixo,

mas não se moveu. Jamais se soube no que pensava... A única coisa sabida,

entre tantas suposições, foi mesmo o que disseram os vizinhos: era uma noite igual a tantas outras, a não ser pelo fato de os dois amantes estarem

separados.

Brilharam as primeiras estrelas, e a noite fez-se alta enquanto Bibico Nunes permaneceu ao pé do portão da viúva Cecília, mas ela não apareceu

para recebê-lo no calor dos seus abraços.

Parece que a viúva ousou chegar à janela uma única vez. Viu então o seu mulato adorado esperando por ela. Ansioso, ele erguia a cabeça, procurando vê-la nalguma das janelas da casa; Cecília se escondeu entre as

fímbrias da cortina, mas ainda assim ele a viu. Ele tornou a insistir na campainha, uma, duas, sete vezes. Porém o vulto da viúva desapareceu da

vidraça sem atender-lhe os rogos.

Uns dizem ter ouvido o pranto de Cecília; contam outros que também o mulato Bibico Nunes verteu flagrantes lágrimas, e que chamava a viúva pelos muitos apelidos de alcova com uma voz fraca, que em nada lembrava

as cantorias do bom farrista das noites de outrora.

Ficaram assim os dois, cada um perdido nos seus próprios mistérios. A

madrugada já se insinuava pelos caminhos quando Bibico Nunes, com os olhos febris e a roupa amarrotada, saiu andando pela rua deserta. Seus passos trôpegos eram os de um bêbado, embora não

tivesse bebido gota de

álcool. Dentro do quarto, jogada na cama, estava a viúva. Pálida de doença,

ela adivinhou a partida do seu mui amado Bibico como um baque surdo em

seu peito, e foi igual que lhe tivesse parado o coração. Então desatou a chorar; o mulato, a esta altura, já dobrava a esquina para sempre.

Longe, bem longe dali, Seu Filó e Dona Nega dividiam uma pinga. Jesus

chorava por um sonho ruim. Maristela aquecia-lhe a mamadeira. O general

comandava um novo interrogatório. Ana Dora tossia. Os gêmeos dormiam.

Carros circulavam sem pressa pelas ruas do centro de Rio Partido. No firmamento, as estrelas se apagaram por um breve instante — era Iansã, Senhora dos Raios e das Tempestades, que soltava seu trovão, chorando as

dores da sua amantíssima filha.

12.

E assim chegou a fatídica noite em que a viúva Cecília Antonia de Alfierrez, não atendendo aos rogos do seu amado, cerrou a porta de sua casa,

deixando-o na calçada. Era quarta-feira e a noite luzia.

Bibico Nunes, desesperado, sentia um queimor incendiando-lhe o

peito. Saiu pelas ruas a esmo, a cidade vazia era somente do vento e das estrelas. Depois de muito trilhar calçadas, foi brotando em Bibico uma vontade de olhar o mar, e essa vontade se transformou quase em

desespero, em fome, em febre, e era como se na espuma branca das ondas

estivesse o remédio para a dor que o afligia.

Ele correu até a praia. Por sobre a areia pairava uma tênue bruma que

cheirava a maresia. Respirou-a como se fosse o perfume mais íntimo da mulher amada.

Num ponto difuso no fim da névoa, o mar sussurrava, assemelhando-se

a uma enorme boca salivando de fome. Uma boca que o chamava, com seus

segredos de marés, com seus mistérios de areias e sereias, de barcos perdidos, de escuridões inimagináveis.

Parado na areia, cercado de brumas, o mulato estranhou que, de uma

hora para outra, o mundo se resumisse apenas nele e naquele mar de águas

serenas, cujas vagas, ao lamberem a areia, soltavam longos suspiros. A cidade ficara para trás, imersa numa vastidão turva e úmida, mergulhada

em sonhos. A seus pés, a água soltava aquosos suspiros. E foi entre um e outro desses murmúrios que Bibico Nunes julgou ouvir seu nome:

— Bibico... — chamou uma voz doce, lenta, que vinha de tudo e que vinha do nada.

O mulato sentiu que um arrepio corria-lhe pela espinha. Pensou em ir

embora. Nesse momento, o que viu foi a bruma, mais espessa, quase palpável, engolindo tudo.

— Ah... — ele gemeu, vendo a cidade sumir de vez.

Mas então já não teve medo. Ao contrário: veio-lhe um louco desejo de

entrar na água e mergulhar entre as ondas, como fizera ainda pela manhã.

Nunca ninguém pôde perguntar-lhe o motivo de desejo tão premente, e nunca Bibico teve oportunidade de explicar a paz que lhe invadiu a alma, posto que depois dessa noite não foi mais visto com vida, nem trilhou as calçadas que outrora pisara todos os dias.

Parado à beira-mar, Bibico ia aos poucos se esquecendo da viúva; era

como se ela também tivesse sido engolida pela bruma. E os três filhos. E

Maristela. E Ana Dora. Só havia aquela paz e o ruído manso das ondas.

Ele tentou falar, mas nenhum som escapou-lhe dos lábios. “Milagre”, queria dizer. Mas mesmo a ausência de voz era uma presença naquela névoa, e o mulato soube que o ouviam. A areia, o mar, as conchas o compreendiam. “Eu não bebi nada hoje”, pensou.

Foi nesse momento que ela apareceu. Antes que surgisse, antes que

brotasse das águas, já ecoavam por tudo estas suas palavras:

— Tu não bebeste, mas estás ébrio de mim... Estás ébrio porque com

meu amor eu te banhei, e é por isso que estás aqui esta noite, à porta da minha casa. Eu te chamei, e tu ouviste o meu chamado.

Bibico Nunes a viu. Ela vinha do mar, e as ondas abriam caminho para

sua passagem. Dona Janaína, Inaê, Maria, Princesa de Aiocá, Iemanjá, a Senhora de todas as águas, esposa de Oxalá, mãe de todos os orixás. Ela surgiu entre as ondas e pisou com seus formosos pés, brancos feito pérolas,

as areias da praia da Pitoba.

Era bela, belíssima. A mais formosa de todas as mulheres que já surgiram sob o céu. Bibico Nunes, tomado de súbito amor, não ousava falar.

Apenas contemplava-a, parado no meio da praia, os olhos esbugalhados de paixão, os olhos ainda mais azuis do que sempre, e a boca esquecida num sorriso torto.

Iemanjá saiu da água arrastando atrás de si suas vestes azuis. Seus longos cabelos de algas vinham enfeitados com o Cruzeiro do Sul. Seu colo era adornado por fieiras de pérolas, seu manto era espuma. Tudo nela parecia luz e prodígio — seus dedos repletos de anéis, os seios jovens e palpitantes.

Iemanjá, a errante, Senhora das Marés e da Rosa dos Ventos, viu Bibico Nunes e sorriu. Às suas costas, o mar sussurrava preces.

— Vieste aqui porque te chamei — disse a Janaína, e seu hálito

acarinhou o rosto do mulato. — Estava escrito no Livro do Tempo que tu serias meu. Iroco assim me disse na noite em que tu chegaste, quando, dos

galhos dela, eu te vi nascer. E Iroco, a grande árvore, é quem liga o céu à terra, e por isso tudo sabe.

Bibico Nunes sentiu que lágrimas lhe corriam pela frente. Foi tamanho o seu amor que se ajoelhou na areia e disse:

— Aqui estou aos seus pés, Senhora dos Mares.

A Janaína riu seu riso límpido. De sua boca rosada saíam os suspiros das conchas do fundo do mar quando ela respondeu:

— Ergue-te — e seu braço adornado de jóias apontou o céu. — Ergue-

te, Bibico Nunes. Um amante não cai assim de joelhos em frente à sua amada. E mesmo que tu sejas mortal e eu a dona das águas, a mãe de todos

os orixás, Inaê, Princesa de Aiocá, ainda assim exijo que tu me saúdes de pé.

À minha cama de algas trago somente aqueles que têm a cabeça ereta.

Bibico Nunes ergueu-se num pulo. Iemanjá acercou-se e tomou-lhe a mão; iniciaram os dois uma caminhada pela praia brumosa. O mulato

enfiava os pés na areia úmida, olhos presos na fulgurante criatura que parecia não pisar o chão, flutuando a poucos centímetros do solo com suas

vestes de um azul inesquecível. Por onde pisavam, a água lhes cedia espaço, enquanto a cidade dormia mergulhada na bruma. Não se ouvia nada, a não ser o leve murmurar marinho. De quando em quando, uma lufada de vento morno deixava entrever, através da névoa, uma nesga de céu estrelado.

— A noite está bonita para além dessa bruma — disse o mulato.

— Bela e calma como uma noite de núpcias — respondeu a Janaína. —

Pois se sou eu que trago as chuvas, se sou eu que rebelo os mares, achas que viria aqui buscar-te, tu que és meu noivo, numa noite de procelas?

Para trás havia ficado a lembrança dos folguedos, das mulheres, das madrugadas nas boates. Nem da viúva, nem sequer dos filhos Bibico Nunes

se lembrava mais; agora era somente a paz que reinava na sua alma. Só havia aquele rosto límpido, cintilante como a lua, e os cabelos esverdeados

de algas que lhe desciam pelas costas.

De repente, a Janaína virou-se para ele e perguntou:

— Tu me amas, Bibico Nunes?

— Mais do que tudo.

Ela o fitou por um momento.

— E às outras, tu não amas?

— Não como a vós — disse ele, e falava a verdade.

A deusa riu longamente. Depois, serena, perguntou-lhe:

— Sabes que vim te buscar? Sabes que será teu o meu reino, os mares,

os misteriosos refúgios dos peixes e das sereias? — Bibico olhava-a sem dizer nada. — Sabes que, se quiseres, tu podes partir comigo?

E o mulato tão cobiçado, tão amado por tantas mulheres, o farrista, o

galante, o papão Bibico Nunes, só soube dizer:

— Partir ao vosso lado é tudo o que eu quero.

Ela segurou-lhe a mão junto ao seu peito:

— É porque, estando comigo, tu voltas à casa, à tua derradeira casa. E

eu sou mais do que uma mulher... Sou um pouco deste mar e desta praia, sou a areia... Sou um pouco de ti também, Bibico Nunes. — Ela sorriu: — Ao

mesmo tempo, não sou nada. Sou o que tu me crês.

Pararam, então, à beira-mar. Um silêncio sepulcral tomou conta do

mundo; já não se viam sequer as luzinhas longínquas cintilando na névoa.

Nem as ondas faziam ruído quando Iemanjá ergueu seus braços para o céu

e disse:

— Sou a Rainha das Tempestades e dos líquidos caminhos. Sou a

Senhora dos Navegantes, a dona da tua vida e da tua morte... Tudo em mim

é partida e retorno, é fim e começo. — Neste exato momento, um

relâmpago dividiu o céu em dois, e a Janaína prosseguiu: — Tu, Bibico Nunes, foste o meu escolhido. Em todos os tempos, poucos foram os eleitos... Mas é preciso que tu saibas que muitas te cobiçaram, as mulheres

de carne e osso e as mulheres de vento e água, aquelas que nunca morrem.

— Então as ondas se abriram e um caminho, sinuoso e estreito, surgiu sobre a areia. Por ele seguiu a Iemanjá. Já cercada pelas águas foi que a Inaê cessou de andar. Deitou seus olhos brilhantes no mulato que a olhava da praia e disse: — Sabendo que vais para não mais voltar, queres tu partir comigo, Bibico Nunes? Queres tu deixar todos os laços que hoje te cingem?

— A voz dela ecoou pelo mundo.

Ele respondeu com toda a convicção:

— É tudo o que eu quero, minha rainha.

Dentro das águas, a Janaína pôs-se a sorrir; de novo ergueu as mãos adornadas com anéis, e de novo o céu explodiu num único trovão:

— Pois então, faça-se.

E seguindo o movimento suave de seus braços, as águas se abriram

como antes, formando uma passagem de areia seca e cravejada de conchas.

Foi por ali que Bibico Nunes adentrou o mar com um sorriso nos lábios e os

olhos, azulíssimos, cintilando de pura emoção.

A bruma então desceu sobre eles como um pano baixando sobre o

proscênio de um teatro mágico; depois disso, seguiram os amantes rumo ao seu leito de algas.

Parece que Bibico Nunes ia rindo cada vez mais alto, rindo muito, de gozo e de alegria, e seu riso logrou vencer a névoa e alcançar o céu como

um pássaro, mas disso não se tem certeza, porque não havia viva alma em toda a cidade de Rio Partido que nesse momento não estivesse mergulhada

no mais profundo de todos os sonos.

Epílogo

*Nem a morte pôde com o trato firmado entre Cecília Antonia de Alfierrez*

*e Bibico Nunes.*

*Avisada por um policial sobre o passamento de seu amante, ela atirou-se*

*no seu sofá preferido e verteu longo pranto. Com a notícia, a palidez tomou conta do rosto de Cecília e o viço escorreu-lhe junto com as lágrimas. A noite já era alta quando Dona Nega, apiedada da patroa, resolveu acender uma vela para o santo, pedindo o fim daquele choro desesperado, e até mesmo Seu Filó acabrunhou-se ao saber que o mulato Bibico Nunes já não era mais deste mundo.*

*A verdade é que a morte de Bibico parecia tão improvável a Cecília como*

*se ele tivesse saído de casa poucos minutos antes para comprar cigarros; mas não, Bibico partira havia anos, dois custosos longos anos, setecentos e trinta dias que a pobre Cecília vivera, um a um, com o coração em farrapos. Quem diria que o tempo andasse tão rápido, ela pensava, chorando em seu sofazinho enquanto a notícia da morte de Bibico corria ruas e descia ladeiras.*

*Ainda lhe parecia que fora ontem que não quisera abrir-lhe a porta. . Pois agora vinham dizer-lhe que seu mulato, o homem dos seus amores, estava morto. Aquela era, sem dúvida, a mais absurda das mortes — tinha Bibico*

*tanta energia, tanta doçura, tanto fogo, que a vida parecia estar entranhada nas suas carnes. Era como se ele fosse imune à morte. .*

*Pensando assim, Cecília renovava sempre e sempre o seu pranto. E o pior*

*é que o mulato fora encontrado numa quinta-feira, logo numa quinta-feira!*

*Mesmo morto, lá estava Bibico a desafiá-la.*

*Dona Nega, inconformada, perguntou-lhe lá pelas tantas:*

— E por que a senhora não vai vê-lo?

— Hoje não é meu dia, Nega. É dia das outras.

— Mas o mulato morreu — retorquiu a empregada. — Agora o trato fica desfeito.

Cecília não titubeou:

— Depois de tanto tempo, não seria hoje que eu quebraria o nosso acordo.

Só muito tarde foi que a viúva se rendeu ao sono, depois de chorar horas seguidas; Dona Nega tomou a única providência de cobri-la com uma colcha, e Cecília ficou sonhando sabe-se lá com quais noites perdidas.

Faltavam poucos minutos para as dez quando, naquela manhã de sexta-

feira de verão, Cecília Antonia de Alfierrez entrou na minúscula capela onde Ana Dora, Maristela, os três filhos e mais uma dúzia de amigos velavam o corpo de Bibico Nunes, e foi então que ocorreu o inaudito.

Não foi preciso que se dissesse palavra: ao ver a figura da mulher que em tantas noites roubara-lhe o sono, Maristela tomou o filho no colo e saiu da câmara mortuária de cabeça erguida. Tinha os olhos riscados de choro quando, por um instante, sorriu para a viúva Cecília.

— Vamos, Jesus — disse em voz baixa, levando o menino consigo.

E ganhou a rua com a certeza de que fazia a vontade do defunto respeitando os horários daquele amor conforme eram seguidos em vida; ademais, sabia que Bibico Nunes só partiria tranqüilo se pudesse despedir-se

da viúva como mandava o figurino.

Ana Dora, por sua vez, precisou ser levada embora à força pela mãe, já

que nem o tempo nem a doença haviam diminuído o ciúme que a viúva lhe inspirava. Quando Ana Dora partia soluçando sua dor e duas vizinhas saíam logo atrás, levando os gêmeos pela mão, Cecília Antonia de Alfierrez não pôde conter uma certa tristeza, principalmente ao ver a pequena Bianca, que herdara do pai a graça e o brilho, além daqueles gelatinosos olhos azuis.

Cecília, por fim, acercou-se do esquife onde Bibico repousava. Avançava

com passos cautelosos; batia-lhe em tal desordem o coração que lhe pareceu incrível que ela mesma não tivesse morrido naquela manhã. Mas não morreu a viúva do deputado, agora também viúva do malandro; quedou-se ali, numa cadeira que alguma alma caridosa lembrou de alcançar-lhe, decerto temendo que despencasse no chão. E assim Cecília pôs-se a fitar o morto sem que encontrasse palavras capazes de nominar sua dor.

O defunto — triste, muito triste — ficou bem acomodadinho entre seus

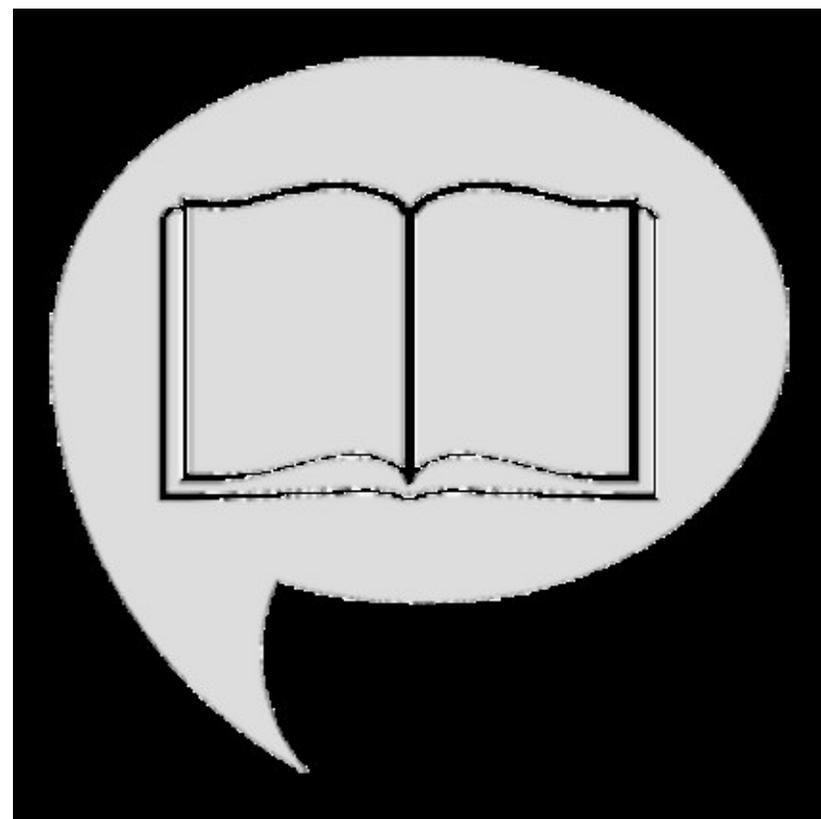
*panos de cetim, sem dever nada ao garbo que ostentara nos áureos tempos*

*da sua vida. E não falou, não sentou no caixão, como várias pessoas vieram a comentar tempos depois. Permaneceu ali, olhos arregalados, azulíssimos mesmo na morte, olhos coruscantes feito estrelas que por certo já miravam outros mundos, outras mulheres, outras alegrias, porque o inesquecível Bibico Nunes não haveria de morrer para virar apenas mais uma fotografia embaçada presa ao cimento frio de uma lápide.*

*Era nisso que pensava Cecília: na impropriedade daquela morte. E talvez*

*tenha desejado ver Bibico vivo ainda uma vez mais, não para amá-lo, mas para despejar-lhe outra tina de água fervente, como fizera naquela antiga noite em que ele fugira da igreja; porque, de tantas safadezas que Bibico cometera na vida, aquela era, sem dúvida alguma, a pior de todas.*

*Cecília Antonia de Alfierrez chegou a estender a mão para afagar as melenas loiras do seu amado pela última vez. Mas não teve coragem. Deixou então sua mãozinha suspensa no ar feito um pássaro que morre em pleno*



*vôo, fulminado por invisível relâmpago. Ao seu redor ninguém ousava palavra; dizem alguns ter sido este o pior dos momentos: aquela mão pairando tão solitária, mas tão solitária, que chegou a provocar pungentes lágrimas na audiência.*

*Depois de alguns instantes intermináveis, Cecília recolheu a mão cuidadosamente, acomodando-a em seu lugar de direito, junto ao colo. E foi então que disse:*

*— Aquela noite, a fatal, a noite em que eu não lhe abri a porta, preciso confessar-lhe, Bibico, foi a pior de todas.*

*Depois ergueu-se. Naquele momento estava linda, linda como poucas mulheres já foram nesta vida,*

*pois tinha a beleza da dor inexprimível.*

*Quando desapareceu porta afora, deixando atrás de si um suave rastro*

*de verbena, foi que fecharam o esquife de Bibico Nunes, e nesse instante, lá fora começou a chover.*

**FIM**

# Document Outline

- [Capítulo 1](#)

- [1.](#)
- [2.](#)
- [3.](#)
- [4.](#)
- [5.](#)
- [6.](#)
- [7.](#)
- [8.](#)
- [9.](#)
- [10.](#)

- [Capítulo 2](#)

- [1.](#)
- [2.](#)
- [3.](#)
- [4.](#)
- [5.](#)
- [6.](#)
- [7.](#)
- [8.](#)
- [9.](#)
- [10.](#)
- [11.](#)
- [12.](#)

- [Capítulo 3](#)

- [1.](#)
- [2.](#)
- [3.](#)
- [4.](#)
- [5.](#)
- [6.](#)
- [7.](#)
- [8.](#)
- [9.](#)
- [10.](#)
- [11.](#)
- [12.](#)

- [Epílogo](#)

# Table of Contents

## Capítulo 1

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.

## Capítulo 2

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.

## Capítulo 3

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.
- 11.
- 12.

## Epílogo